

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social – Interações Midiáticas

**RECONFIGURAÇÕES MOTHERNAS NA CULTURA MIDIÁTICA:
do blog à série televisiva**

Nívea Pimenta Braga

Belo Horizonte
2009

Nívea Pimenta Braga

**RECONFIGURAÇÕES MOTHERNAS NA CULTURA MIDIÁTICA:
do blog à série televisiva**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social – Interações Midiáticas da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Comunicação Social.

Orientador: Dr. Márcio de Vasconcellos Serelle

Belo Horizonte

2009

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

B813r Braga, Nívea Pimenta
Reconfigurações motherernas na cultura midiática: do blog à série televisiva /
Nívea Pimenta Braga. Belo Horizonte, 2009.
107f. : il.

Orientador: Márcio de Vasconcellos Serelle
Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais,
Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social.

1. Blogs. 2. Televisão. 3. Adaptação. 4. Mídia digital. I. Serelle, Márcio de
Vasconcellos. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de
Pós-Graduação em Comunicação Social. III. Título.

CDU: 681.3.01:621.39

Nívea Pimenta Braga
RECONFIGURAÇÕES MOTHERNAS NA CULTURA MIDIÁTICA:
do blog à série televisiva

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social – Interações Midiáticas da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Comunicação Social.

Prof. Dr. Márcio de Vasconcellos Serelle (Orientador) – Puc-Minas

Profa. Dra. Miriam Aguiar Barbosa – Faculdade Promove

Profa. Dra. Teresinha Maria de Carvalho Cruz Pires – Puc-Minas

Belo Horizonte, 18 de dezembro de 2009.

Ao bebê que está a caminho e que,
em breve, me introduzirá no universo *mothern*.

AGRADECIMENTOS

Ao coordenador do Programa, Júlio Pinto, pela presença inspiradora.

Ao meu orientador, Márcio Serelle, pela admirável competência, dedicação e profissionalismo incomparáveis.

Aos queridos docentes, em especial à Profa. Geane Alzamora e Profa. Teresinha Cruz, pelas contribuições valiosas no processo de qualificação deste trabalho.

Ao meu pai, pelo misto de companheirismo, responsabilidade e honestidade que são o norte da minha vida. À minha mãe e minha avó Sinhá, que me ensinaram a ter fé – em Deus, em mim e nas pessoas.

Ao meu esposo, José Antônio, companheiro e confidente, que esteve ao meu lado em cada etapa deste percurso, com cumplicidade, amor e dedicação irrestrita.

Aos colegas do mestrado, em especial aos amigos Ellen Cristie, Gustavo Abreu e Leobaldo Prado, pelo carinho e apoio em todos os momentos.

À Dra. Adriana Braga, Juliana Sampaio e Laura Guimarães, que contribuíram para as pesquisas realizadas.

Aos meus amigos, pelo conforto e pela amizade, que sempre se fizeram presentes, em especial à Sheila, Marcus e Christian; Danuza, Beth e Zé Paulo; Felipe, Lúcio e Nani; Lílian e René - vocês são muito queridos!

Aos coordenadores Luciano Ribeiro, Celma Oliveira e Cynthia Domusci pelo incentivo e o interesse.

Aos meus alunos e a todos aqueles que acreditaram no meu trabalho.

Agradecer é aplaudir com o coração.

“Achei numa agenda antiga que escrevi quando estava entrando no último mês de gravidez. Dizia assim: nada é maior que a minha barriga. Realmente, só quem já passou por isso sabe o espaço que aquela barriga ocupa no corpo, na mente e no coração da gente.”

“Mãe, quando você era pequena, você tinha uma testinha lindinha e fofinha igual à minha, ou a sua testa era assim mesmo?”

Conselho Mothern nº 1:

Reforce sua auto-estima ANTES de ter filhos.”

(Trechos da abertura do livro Mothern)

RESUMO

A virada deste século é marcada pela coexistência de lógicas comunicacionais híbridas, sejam elas transmissivas ou colaborativas, em que os processos de adaptação e reconfiguração midiática têm seu caráter processual evidenciado. Este trabalho tem por objetos o blog *Mothers*, contração das palavras *mother* (mãe) e *modern* (moderna), criado em 2002 por duas publicitárias mineiras, e sua adaptação para a série televisiva homônima. Analisam-se, nesse recorte, de modo comparativo, os elementos que compõem, no blog, a interface, o feixe temático e a interatividade, e, na série de TV, a *mise-en-scène*, a narrativa e o modo proposto de engajamento. Assim, interessa conhecer esse dispositivo de enunciação, surgido na blogosfera, para depois compreender como ele foi recriado em outro ambiente, com reflexões sobre os mecanismos de linguagem envolvidos nessas passagens. Com isso, tornou-se possível apontar as principais semelhanças e diferenças entre ambos, tomando-se por base os processos de remediação e adaptação que caracterizam a esfera midiática contemporânea.

Palavras-chave: weblog, televisão, remediação, teoria da adaptação.

ABSTRACT

The turning of this century is marked by the coexistence of communication hybrid logics, whether transmissive or partnerships, in which adaptation processes and reconfiguration media have shown their character procedure. The main goal of this work is identify the adaptations of blog *Mothers*, a contraction of the words mother and modern, created in 2002 by two advertising workers from Minas Gerais, to the homonymous television series. Analyses, in this cutting, include elements that of blog's composition, the interface, the thematic bunch and the interact form, and in the TV series, *mise-en-scène*, narrative and the proposed way of engagement. It is necessary study this enunciation device, created in the blogosphere, and then understands how it was recreated in other environment, with reflections on language mechanisms involved in these passages. Thus, it became possible to identify the main similarities and differences between them, through remediation processes and adaptation that characterize the contemporary media sphere.

Keywords: weblog, television, remediation, theory of adaptation

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Layout do template <i>Mothern</i>	49
Figura 2: Interface do blog <i>Mothern</i> (posts e links).	52
Figura 3: Interface do blog <i>Mothern</i> (produtos).	53
Figura 4: Vinheta de abertura do seriado <i>Mothern</i>	83
Figura 5: Depoimento de Yudith Rosembaum, exibido na abertura de episódio da série.	84
Figura 6: Cenário de residência de episódio da primeira temporada.	85
Figura 7: Encontro das <i>motherns</i> em restaurante.	86

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 IDENTIDADE MOTHERNA NA CULTURA MIDIÁTICA: ADAPTAÇÃO E REMEDIAÇÃO	13
1.1 Modernidade em fluxo.....	13
1.2 Ser materno, ser moderno	16
1.3 Relatos confessionais: a “verdade motherna” sobre a maternidade.	20
1.4 Nascimento e evolução do fenômeno <i>mothern</i>	22
1.5 Processos de adaptação e remediação	25
1.6 Lógicas comunicacionais híbridas: transmissão e colaboração	30
1.7 Modos de engajamento	33
2 BLOG MOTHERN: COLABORAÇÃO E INFORMAÇÃO, NÓS DA MESMA REDE	40
2.1 Desenvolvimento e evolução dos blogs.....	40
2.2 Blogs: conceitos, características e principais usos.....	44
2.3 Interface.....	47
2.4 Posts: temas e construção textual.....	56
2.5 Construção textual	59
2.6 Formas de interação.....	70
3 SERIADO MOTHERN: ADAPTAÇÃO PARA A TV.....	75
3.1 Séries televisivas.....	79
3.2 <i>Mise-en-scène</i> : em cena, os elementos estéticos	82
3.3 Narrativa	88
3.4 Modos de engajamento	93
CONCLUSÃO	98
REFERÊNCIAS.....	101

INTRODUÇÃO

A virada deste século é marcada pela coexistência de lógicas comunicacionais híbridas, em que a esfera midiática, antes ocupada predominantemente pelos meios de comunicação tradicionais, ditos de massa, passa a dividir o seu espaço mais intensamente com os produtos culturais originários das novas tecnologias, centrados na interatividade e no multimídiaismo (SODRÉ, 2006).

É neste ambiente, configurado a partir da intensa velocidade de circulação das informações, de distâncias diminuídas e da apropriação contínua de uma mídia por outra, que se desenvolve o blog *Mothers*, contração dos vocábulos em inglês *mother* (mãe) e *modern* (moderna). Criado em 2002 por duas publicitárias que se propunham a falar de maternidade na contemporaneidade, mesclando humor e ironia, o blog rapidamente se desdobrou em outros formatos. Em menos de três anos, tornou-se uma coluna para a revista TPM, da Editora TRIP, um livro, uma série televisiva para a GNT, com três temporadas, um projeto de longa-metragem, com previsão de filmagens para 2010, sem contar os desdobramentos iniciais dentro da própria rede, como uma comunidade com mais de 600 mil acessos, listas de discussão e fotologs, sempre com intensa participação dos membros.

Pensar a comunicação neste novo contexto é um grande desafio epistemológico. Os modelos lineares de estudo que separavam emissor e receptor em pólos antagônicos pouco contribuem para a compreensão destes fenômenos comunicacionais, tornando árdua a categorização dos eventos que ocorrem nas novas mídias. Este novo panorama exige que o pesquisador se concentre na singularidade de cada acontecimento para entender as suas potencialidades e limitações. Ao mesmo tempo, o pesquisador precisa considerar os fluxos midiáticos característicos dessa cultura, em que as informações, estéticas e semânticas espalham-se com grande velocidade por dispositivos diversos, que buscam mercados diversos e simultâneos.

Ao contrário de muitos meios de comunicação que, com o surgimento da internet, conquistaram o seu espaço virtual, o *Mothers* seguiu um caminho reverso surgindo na internet e, posteriormente, se desdobrando em outros formatos.

O que havia de tão significativo neste universo *mothern*, capaz de inspirar tantas releituras? Este foi um questionamento inicial. Para entender como se estrutura o processo de reconfiguração de conteúdos e dispositivos, buscou-se uma matriz teórica construída a partir da Teoria da Adaptação de Linda Hutcheon (2006) e a Teoria da Remediação, de Bolter e Grusin (2000).

O problema de pesquisa busca apontar quais são os traços de remediação e adaptação sofridos pelo blog *Mothern* em sua passagem do blog para a série televisiva. O recorte escolhido privilegia as duas mídias, internet e televisão, por considerar que os maiores tensionamentos acontecem na migração de um produto configurado por um meio, em que predomina a lógica colaborativa para outro meio, estruturado a partir da lógica transmissiva.

A dissertação é composta de três capítulos. O primeiro apresenta os conceitos que servirão de base para a análise comparativa entre os elementos que constituem o blog e a série televisiva. Inicia-se, portanto, com a investigação do contexto midiático, destacando a evolução do fenômeno *mothern* com ênfase no seu desenvolvimento na web. O conceito de modernidade que será adotado é referenciado por meio do pensamento de Jameson (2005) e Compagnon (1996). A partir desta delimitação teórica, o blog é apresentado sob seu prisma de “modernidade”, pelo rápido registro do presente, por se tratar de uma inovação tecnológica, por ser escrito por pessoas que se expressam através de valores contemporâneos e por ser um processo aberto, inacabado, que traduz a ideia de fluxo. São apresentadas, também, as lógicas comunicacionais, transmissiva e associativa, bem como os conceitos de Remediação e Adaptação, que serão retomados ao longo de todo o trabalho.

O segundo capítulo centra-se na análise do blog *Mothern*, destacando as categorias que servirão ao estudo comparativo no capítulo subsequente. Inicialmente, retoma-se, ainda que brevemente, aspectos da mediação do weblog, origem de todos os desdobramentos midiáticos. Na tentativa de caracterizar este dispositivo de comunicação por meio de suas potencialidades e limitações, torna-se fundamental uma reconstituição de seu percurso histórico para compreendê-lo, tanto do seu ponto de vista técnico quanto em relação aos sentidos que já lhe foram atribuídos, tendo em vista seus modos diversos de mediação, ao longo de sua breve evolução. A partir desta caracterização inicial do blog, que busca compreendê-lo como aparato técnico e fluxo comunicacional, foram estabelecidas, no campo da

linguagem, três categorias para análise: os elementos visuais que compõem a interface deste blog e constroem, imageticamente, uma identidade *mothern*; os posts (textos, sua enunciação e enunciados) e os mecanismos de interação que proporcionam, potencialmente, a emergência de vozes diversas.

Isso posto, retomou-se o conceito de adaptação como “repetição com diferença”, colocando, em perspectiva, a remediação – que envolve diferentes modos de mediação midiática, proporcionadas por diferentes ambientes e aparatos técnicos e suas linguagens. Assim, interessa conhecer esse dispositivo de enunciação, surgido na blogosfera, para depois compreender como ele foi recriado em outro ambiente, com reflexões sobre os mecanismos de linguagem envolvidos nessas passagens.

O terceiro capítulo remonta à série televisiva. Veiculada no canal GNT, a série acompanha o dia-a-dia de quatro amigas, que são mães, e vivem os dilemas acerca da maternidade, vida profissional e relacionamentos. Possui o mesmo título do blog, *MOTHERN*, e é protagonizada por atrizes nos papéis de dona de livraria, *chef* de cozinha, arquiteta e publicitária.

O recorte analítico são os capítulos que constituem a primeira temporada pelo acesso total ao conteúdo – à época do início desta pesquisa, já divulgada em DVD – e por sua mais estreita ligação com o blog, como referencial. Como aporte metodológico, foi utilizada a análise comparativa, a partir dos parâmetros já assinalados no capítulo dois, buscando-se certa equivalência das categorias: a análise da *mise-en-scène*, presente notadamente na vinheta de abertura, o estudo das narrativas e, por fim, os modos de engajamento do espectador. Desta forma o trabalho apontou as principais semelhanças e diferenças no processo de adaptação entre os produtos midiáticos escolhidos, reforçando o caráter de hibridismo entre informação e entretenimento que os compõe.

1 IDENTIDADE MOTHERNA NA CULTURA MIDIÁTICA: ADAPTAÇÃO E REMEDIAÇÃO

1.1 Modernidade em fluxo

O desenvolvimento das redes digitais tem alterado, de maneira significativa, os processos de criação e de recepção dos produtos midiáticos. Por um lado, as novas estruturas de comunicação e distribuição da informação, de caráter colaborativo e aspecto descentralizador promovem a produção e distribuição de palavras, sons e imagens em escala global (CASTELLS, 2003a). Por outro, facultam ao indivíduo não apenas a seleção das mensagens que estão em circulação como também possibilitam a crescente personalização de parte destes conteúdos segundo os seus interesses, por meio de blogs, vídeos, *podcasts* e outros recursos tecnológicos.

Os processos de criação, adaptação e reconfiguração, presentes em grande escala nas redes digitais, não são processos exclusivos dos dias de hoje. Toda cultura é híbrida, permeável, passível de novas leituras e apropriações. O que há de novo é o alcance global e a velocidade que esses processos assumem nos fluxos comunicantes da contemporaneidade, marcados pela estrutura hipertextual da internet. É sob a égide do rizoma, do transitivo, do imediato e das distâncias diminuídas – portanto, de um dispositivo mais fluido – que se estabelece este espaço de trocas, nomeado por Sodré (2006) não como canal, mecanismo inerte, mas como canaliza o, espaço dos fluxos e de uma nova ambiência existencial. Nesse contexto, as releituras e adapta es têm seu caráter processual evidenciado, em razão da rapidez das apropria es geradas, que lhes empresta um caráter de produto sempre em constru o, neste “[...] território compartilhado, onde espaços paralelos e transversais coexistem na experiência de movimentos em constante desvio.” (SILVA, 2007, p. 21).

Partindo do princípio de que as mídias moldam a sociedade ao mesmo tempo em que são moldadas por aqueles que as utilizam,   possível estabelecer traços de

uma cultura que se difere dos meios de comunicação de massa.¹ Cultura das mídias é a denominação escolhida por Santaella (2003) para caracterizar a produção cultural que se estabelece a partir de um movimento contínuo de fragmentação e reconstrução de diferentes mídias, em um processo mimético em relação à própria rede. Em outras palavras, quanto maior é o conjunto das mídias, em número e diversidade, mais intensa é a movimentação decorrente destas, graças à mistura dos códigos e processos sócio-culturais. Este processo abrange não só os veículos de comunicação como enreda também a sociedade, que é capaz de realizar outras formas de mediação à margem dos veículos massivos, tamanho é o amálgama entre mídia e sociedade (SERELLE, 2007).

Santaella (2003, p. 30) destaca que não há separação entre pessoas e a cultura em que se está imerso: “Nós somos essas culturas. Elas moldam nossa sensibilidade e nossa mente, muito especialmente as tecnologias digitais, computacionais, que são tecnologias da inteligência [...]”. De fato, a mídia está presente na vida cotidiana não somente na tangência entre conteúdos e espectadores, mas sim como processo e experiência (SILVERSTONE, 2002), refletindo não apenas uma forma de estar no mundo como também moldando e constituindo essa identidade, diante da crescente necessidade que o indivíduo possui de se expressar através dela. A mídia funciona, portanto, como uma espécie de extensão, algo que não está além do sujeito, mas insere-o em uma nova ambiência, com código próprio, sugestões e condutas – um *bios* midiático, como afirma Sodré (2006).

Nesta relação, interessa-nos o fato de que a intensificação da presença da mídia no cotidiano das pessoas passa não só pela mediação da experiência com o mundo, como também pelo redimensionamento das noções de tempo e espaço trazido pela consolidação das redes sociotécnicas.

O século XX viu o telefone, o cinema, o rádio, a televisão se tornarem objetos de consumo de massa, mas também instrumentos essenciais para a vida cotidiana. Enfrentamos agora o fantasma de mais uma intensificação da cultura midiática pelo crescimento global da Internet e pela promessa (alguns diriam ameaça) de um mundo interativo em que tudo e todos podem ser acessados, instantaneamente. (SILVERSTONE, 2002, p. 17).

¹ Por comunicação de massa entende-se a comunicação feita de forma industrial, em série, voltada para atingir um grande número de indivíduos, privilegiando-se o pólo de emissão. Embora este termo, cunhado a partir da Indústria Cultural, já tenha sofrido muitas críticas e considerações, é adequado para este trabalho para a denominação das mídias tradicionais, como televisão, rádio, jornal, revista.

Virilio (1993) trabalha a ideia de uma paisagem audiovisual dupla, em que o tempo das atividades cotidianas, o tempo da presença aqui e agora coexiste com um tempo de telepresença à distância, para além das aparências sensíveis. A compressão de tempo-espaço traz consigo o imperativo do tempo real que carrega em si uma capacidade de interação com qualquer indivíduo em qualquer parte do planeta.

Ao lado de uma vida que é marcada por dias, meses e anos, sobrepõe-se um espaço multidimensional que permite ao ser humano estar presente em mais de um lugar ao mesmo tempo, em traslados por diferentes territórios midiáticos. Embora o ciberespaço carregue a noção de desterritorialização, por sua estrutura transitiva e nodal, esta dinâmica se complementa por novas reterritorializações, em que relações sociais são estabelecidas, a partir de valores e experiências compartilhadas, não necessariamente no mesmo ambiente físico (LEMOS, 2005).

O blog *Mothern* é fruto deste contexto tecnológico e o seu rápido desdobramento em outros suportes (coluna de revista, livro, série televisiva, filme), está intimamente ligado à sua inserção nesta cultura das mídias.

Pode-se dizer que o *Mothern* resulta de uma espécie de insatisfação de cunho midiático das autoras com os conteúdos e linguagens de revistas e sites voltados para mães, como afirmaram, em entrevista, as criadoras do blog: “As publicações [atuais] são para solteiras descoladas ou para mães caretas. Só porque viramos mães não deixamos de nos interessar por moda, comportamento e música. Queríamos rir dos nossos dramas e medos.” (CALEIDOSCÓPIO..., 2003).

Anteriores ao *Mothern*, páginas como *Urban Baby*, *Desperate Mom* e *Mothers Movement Online* são exemplos de espaços relacionais na web, que viabilizaram a criação de esferas de discussões para assuntos ligados à maternidade com grande número de acessos desde o final dos anos noventa. O *Mothern* inaugura este espaço na blogosfera brasileira com conteúdos que explicitam uma visão menos idealizada do ser moderno e materno, por meio de reflexões de mulheres que tentam conciliar a educação dos filhos, a carreira profissional, a vida amorosa e a TPM ou, como elas próprias definem, “Alguma coisa indignada e ao mesmo tempo divertida, como o que já faziam na época as meninas do [blog] 02 Neurônio, só que voltada pra quem já pariu.” (CORRÊA; OLIVEIRA, 2005, p. 7).

Nasce, então, o *Mothern* – o manual da mãe moderna. A ideia de manual está no cerne da criação, uma atitude irônica à frase bastante conhecida de que filhos não vêm com manual de instrução. A proposta de ambas as autoras, portanto, é que este lidar com a maternidade seja construído a partir do debate, da troca de experiências e de suas próprias vivências, uma tarefa desta mãe moderna.

1.2 Ser materno, ser moderno

Antes de continuar a caracterização desta maternidade moderna descrita no blog, cabe aqui uma reflexão sobre quais são os conceitos de modernidade que embasam essa afirmação. Moderno, neste contexto, está ligado ao conceito daquilo que é atual, que pertence ao tempo presente. Jameson (2005) resgata o conceito de modernidade, desvinculando-o de uma dimensão histórica, em que, tradicionalmente, o moderno era compreendido através de uma série de fenômenos análogos que modificavam a temporalidade coletiva, contrapondo sempre o presente em relação a um período anterior. Moderno, portanto, designava o que era novo, destacando uma oposição entre presente e passado. Essa ideia trazia consigo uma relação estreita com o progresso, pressupondo um sentido positivo do tempo (COMPAGNON, 1996).

Ao retomar o sentido original da palavra latina *modernus*, no entanto, tanto Compagnon (1996) quanto Jameson (2005) destacam que existe um conceito anterior a essa ideia de progresso. *Modernus*, em sua origem, significa somente o agora ou o tempo do agora adequado para caracterizar o que é atual, contemporâneo daquele que fala. Baudellaire acrescenta à modernidade a ideia de fugacidade e a necessidade de se extrair o eterno daquilo que é transitório. A modernidade, em seu caráter de aceitação do imediato, “[...] é, assim, consciência do presente como presente, sem passado nem futuro [...]” (BAUDELLAIRE *apud* COMPAGNON, 1996, p. 25). Ainda nas palavras de Baudelaire, “[...] há na vida trivial, na metamorfose diária das coisas exteriores, um movimento rápido que exige do artista uma igual velocidade de execução.” (BAUDELLAIRE *apud* COMPAGNON, 1996, p. 28). Embora essa afirmação seja referente à pintura, ela carrega a

premência do não-acabado e uma necessidade de registro imediata capaz de captar a fugacidade deste tempo presente.

Também Jung (1993) refere-se à modernidade, afirmando que o homem moderno é aquele que tem consciência de seu tempo. Não é o fato de viver no presente que confere modernidade a um indivíduo, pois, desse modo, todos os que vivem no presente o seriam. Só é moderno quem tem profunda consciência do presente.

Constata-se que este é o discurso das criadoras do blog sobre a modernidade. Nas entrevistas concedidas por elas a jornais, revistas e programas de televisão, existe uma questão recorrente – qual seria o perfil desta mãe moderna a que elas se referiam. Invariavelmente, as respostas passavam por uma espécie de consciência do tempo vivido e uma reflexão sobre os papéis sociais da mãe, do pai, da família nos dias atuais.

Mães modernas são muitas. Mas acho que o que chamamos de “motherly” tem a ver com um jeito mais leve, bem-humorado e questionador de encarar a maternidade. Somos de uma geração de mulheres que vêm questionando coisas desde a adolescência, que sempre procuraram estar antenadas com sua época e que, neste momento, estão se tornando mães, com todas as dúvidas, problemas, descobertas, aflições e prazeres que vêm dessa experiência. (ENTREVISTA..., 2007).

Moderna, portanto, é a postura das criadoras do blog a começar pela consciência de que havia um descompasso entre a visão da maternidade na mídia e a vivência desta mãe na contemporaneidade. Ao trazer estes assuntos para o ambiente midiático, emerge também um cotidiano moderno impregnado de vivências e experiências, com informações geradas e disseminadas em um âmbito que era, tradicionalmente, espaço de especialistas. O terceiro viés de modernidade está ligado à forma escolhida, o blog, grande novidade no Brasil no final dos anos 90. Esta combinação foi capaz de um registro rápido da realidade, com esse tom “impressionista” que tão bem caracteriza o blog em questão, como se pode perceber neste post:

Estava eu aqui no computador, num domingo nublado, podendo abusar da internet e fazer meus postzinhos tranqüila. As meninas assistiam com prazer e atenção a um desenho do bem, o Franklyn. Tudo certo demais. Então, num lampejo de insanidade, sabendo que era a ruína dos preciosos momentos de paz, eu chamei: Nina, a vovó respondeu o seu e.mail! Ela abandonou a TV na hora e a irmã veio atrás. Quando chegaram as duas, eu vi a bobagem que tinha cometido. Nina leu a mensagem, Gabi quis saber,

Nina quis responder sozinha (incluindo todos os acentos), Gabriela, imitando cachorro, esbarrou na régua e desligou o equipamento, a conexão caiu, o computador deu pau. (...) Por isso, amiga *mothern*, pense duas vezes antes de interromper uma atividade em que seu filho esteja feliz e guarde a surpresa na manga para um momento em que ele precisar de distração. Você pode até odiar mesas-redondas de futebol, mas, nesse caso, vale aquele clichê macho-esportivo: não se mexe em time que está ganhando. (GUIMARÃES; SAMPAIO).²

Estas impressões do dia-a-dia, que são registradas, trocadas e divididas, por meio de ferramentas de interação que compõem a interface do blog, trazem consigo outro traço da modernidade, que caracteriza o que é efêmero, ou não acabado. A construção dos textos que permeiam o blog é feito sob forma de uma rede aberta, que pode ser complementada a cada acesso.

No Brasil, em torno do ano 2000, os blogs ainda eram uma ferramenta tecnológica em processo de desenvolvimento, mas a velocidade de atualização e a promessa da interatividade eram adequadas ao desejo das publicitárias, Laura e Juliana, de registro rápido do presente.

Criar um blog, na visão de Braga (2005), cuja tese discute a feminilidade mediada por computador tomando por objeto de estudo o livro de visita do blog *Mothern*, é por si só mais uma decisão de “mulheres modernas”, pois a presença crescente de mulheres na blogosfera representa também um valor social.

Braga (2005) investiga as interconexões entre modernidade e tradição a partir do pensamento de Giddens. Segundo este, a dimensão de gênero no processo de modernização da sociedade implicou em uma divisão de espaços masculinos e femininos no campo social. O espaço público masculinizado passa a ser reforçado por uma “domesticidade feminina” (GIDDENS *apud* BRAGA, 2005, p. 3).

De fato, embora esta divisão de espaços públicos por gêneros já esteja bastante alterada por conquistas femininas, o blog é criado em um momento em que a presença de homens e jovens ainda era predominante no campo da informática através da presença maciça de programadores, técnicos, *webdesigners*, consultores, nerds e hackers (MILLER *apud* BRAGA, 2005, p. 5; TURKLE *apud* BRAGA, 2005, p. 5). Esta afirmação é comprovada pelos conteúdos das primeiras postagens no *Mothern*:

² Data do post: 01/09/2002.

Aaaa! Socorro! Descobri que mães, mesmo as mais modernas, precisam dos homens para fazer e cuidar de filhos e também para fazer e cuidar de blogs, entre outras coisas tecnológicas importantíssimas (tipo programar o vídeo [cassete]). (GUIMARÃES; SAMPAIO).³

Vocês não imaginam o sufoco que nós passamos ontem à noite! Fomos tentar aperfeiçoar este blog, acrescentando links e um espaço para comentários e, na tentativa de ilustrar a dificuldade, copiamos para cá um comando gigantesco numa linguagem alfa-numérica absurda (é o tal final que está faltando no último post lá de baixo). O resultado foi que tudo que a gente tinha postado até então simplesmente SUMIU, DESAPARECEU!!! (GUIMARÃES; SAMPAIO).⁴

Braga (2005) considera, portanto, um traço inegável da modernidade, a atitude destas mulheres, jovens usuárias da internet, que se associam para compartilhar subjetividades, estabelecendo fortes vínculos sociais em rede.

A cultura feminina, entendida como processo dinâmico, instável, em fluxo, registra modificações nas formas de controle e autoridade no interior da família, nos comportamentos, visões de mundo e valores morais ao longo das décadas. Mudanças conseqüentes do processo de industrialização, urbanização, acúmulo e distribuição social do conhecimento e o impacto gerado pelas correntes feministas no processo de emancipação da mulher resultaram em uma reorganização da sexualidade feminina a partir do aparecimento da pílula anticoncepcional, relativização do poder das relações de parentesco e maior complementaridade de funções entre papéis de gênero. Todo esse processo provocou impacto sobre as subjetividades e fez surgir novas práticas sociais. (BRAGA, 2005, p. 4).

Dentre essas novas práticas sociais, considera-se a criação do blog uma atitude emblemática por ser um exemplo atual de uma geração de mulheres que passou a integrar um território notoriamente masculino.

A experiência materna, que poderia ser ligada a uma atitude “démodé” ou tradicional, ganha uma nova valorização neste ambiente tecnológico, passando a figurar como um novo espaço de tematização da maternidade.

Contrera (2005) destaca esse poder agregador da mídia comparando-a a um novo centro do mundo, que ressignifica os antigos centros de interação social. “Hoje, ao invés de nos reunirmos ao redor das fogueiras, dos xamãs, dos totens, dos centros religiosos, procuramos estabelecer conexões com o mundo em frente às telas de televisão, do computador e do celular.” (CONTRERA, 2005, p. 118).

³ Data do post: 14/01/2002.

⁴ Data do post: 15/01/2002.

De fato, diante de uma vida corrida e a obrigatoriedade feminina de desempenhar múltiplos papéis, o deslocamento do ambiente físico para o tecnológico parece ideal para o compartilhamento de dúvidas e experiências, como fica claro no comentário de uma das blogueiras em entrevista concedida à revista Pais & Filhos: “Antes as mães se encontravam nas pracinhas, hoje em dia, é na frente do computador, a nossa praça”.⁵

1.3 Relatos confessionais: a “verdade motherna” sobre a maternidade.

Um dos pilares da construção discursiva do blog *Mothern* é essa busca pelo que as autoras chamam de “verdade sobre a maternidade”. A partir do relato das autoras e da contribuição dos comentários, estrutura-se um espaço em que os relatos confessionais são explicitados sem pudores, como afirma uma das autoras no capítulo 1 do livro *Mothern*, que é uma compilação de grande parte dos posts publicados.

[...] já na gravidez, eu tive a firme convicção de que as mulheres com filhos fazem um pacto entre si de nunca, jamais, nem sob tortura, contar às desavisadas tudo o que elas vão passar dali para a frente. [...] Mas não se preocupe, cara amiga, este livro existe para isso mesmo: contar a você toda a verdade sobre o mundo mágico da maternidade. (CORRÊA; OLIVEIRA, 2005, p. 14).

A explosão discursiva sobre a verdade oculta dos indivíduos, a profusão de relatos sobre o mundo e sobre si próprio é uma marca da modernidade. Em busca da verdade do sujeito, a psiquiatria, a psicologia e a psicanálise contribuíram muito para este processo, pois nele o sujeito comunica e elabora quem ele é. “A enunciação de si funciona como uma técnica de objetivação que implica, simultaneamente, um olhar sobre si e uma exposição ao olhar do outro.” (BRUNO, 1996, p. 309).

Segundo Foucault (1985), a confissão é um dos procedimentos essenciais na produção da verdade, pois o sujeito se constitui a partir do discurso que é destinado

⁵ Revista Pais & Filhos n. 422, Maio/2005.

ao outro, tornando coincidentes tanto o sujeito do enunciado, quanto o sujeito da enunciação. A verdade deste sujeito passa a se completar no outro e, a partir dele, se modifica. O movimento é, portanto, de construção de uma identidade que, a todo tempo, é desfeita e reelaborada.

A partir do século XIX, portanto, a confissão deixa de ser um recurso específico da religião para alcançar outros campos do saber, como a medicina e a psicologia. O saber sobre si mesmo passa pelo discurso que este produz sobre si e compartilha com os outros.

Na contemporaneidade, este fator se alia a um novo cenário, marcado pela crise das representações. A sensação de perda de conexão entre o homem e o mundo leva a uma busca pela construção do *self* a partir de um discurso sobre si mesmo, muitas vezes, utilizando-se das novas tecnologias, tão familiares aos indivíduos. O discurso do blog se constrói, portanto, em busca desta identidade da mãe contemporânea, através de suas confissões. Uma mãe mais sincera, mais irônica, que não se furta a comentar os deslizes cometidos, como se percebe na fala das blogueiras.

Veza por outra as mães também caem em tentação. Mas, já que pecado confessado é pecado perdoado, segue uma lista dos absurdos que já cometemos, sim, mas que jamais recomendamos:

- Deixar o filho sem banho depois de um dia de piscina na praia, já que ele capotou no caminho de volta.

[...]

- Dar miojo no jantar. E, com um pouco de culpa, jogar fora o “veneninho” e improvisar um molho qualquer.

[...]

- Deixar a criança mofando na frente da TV enquanto você passa a manhã de domingo na cama, dormindo ou namorando.

[...]

- Fingir que não ouviu aquele chamado sonolento às seis horas da madrugada. (CORRÊA; OLIVEIRA, 2005, p.126).

É importante destacar no trecho acima que não apenas a confissão ocorre publicamente, como também é compartilhada, contando-se com a audiência como a figura do confessor, onde “o pecado confessado é pecado perdoado”. Nesta busca por não esconder o que se passa com estas mães, a mídia também vai construindo seu discurso sobre elas, valorizando este aspecto confessional, como se pode constatar no título de matérias acerca do blog e das autoras, como “Só as mães são

sinceras” e “Vida de mãe (de verdade)”.⁶ Posteriormente, ao traçarmos a evolução do fenômeno *mothern*⁷, a figura de blogueiras como especialistas será analisada.

1.4 Nascimento e evolução do fenômeno *mothern*

O ponto inicial para acompanhar o nascimento e a evolução do fenômeno *mothern* remonta à criação do blog. A ideia perpetuou-se em 2002 quando Laura Guimarães e Juliana Sampaio, ex-colegas de graduação em Comunicação Social pela UFMG, reencontraram-se em um ambiente de trabalho e decidiram criar o blog. Parafrazeando o ditado que diz que “a cada bebê que nasce, nasce também uma mãe”, o nascimento de um blog implica também no nascimento de um blogueiro.

Entre tentativas e erros, ao lidar com a nova ferramenta, o blog passou a ganhar os primeiros posts e sua identidade visual. Em poucos meses, cada nova descoberta conferia ao blog novos conteúdos e o tornava mais conhecido. Além de um livro de visitas (LV), que foi incorporado à sua estrutura, estratégias de visibilidade também foram pensadas desde a etapa inicial como o envio de emails para editores e conhecidos, passando pela visitas em outros blogs e postagem de comentários, deixando expresso o desejo de legitimação e de se tornarem conhecidas tanto na internet quanto nas outras mídias.

De fato, algumas características da internet como a facilidade de publicação dos conteúdos, a troca entre os pares, a visibilidade em potencial e o fluxo acelerado de informações facilitam o acesso e a integração de pessoas e de seus trabalhos na cultura das mídias que, além do reconhecimento, podem se tornar “celebridades”.

Este é o caso da escritora gaúcha Clarah Averbuck, autora do livro “Máquina de Pinball”, que admite a importância da internet na divulgação do seu trabalho que agora será conhecido também no cinema.⁸

⁶ Estas matérias foram publicadas, respectivamente, na Revista Época em 06/11/2006, e na Revista Cláudia em maio de 2007.

⁷ Fenômeno: a expressão “fenômeno *mothern*” qualifica o rápido desdobramento do blog em outras mídias, constituindo-se um fenômeno de comunicação.

⁸ O livro “Máquina de Pinball”, somado a trechos do blog da autora e de outro livro, “Vida de Gato”, foi adaptado no filme “Nome Próprio”, dirigido por Murilo Salles

[...] minha trajetória literária foi toda calcada na internet. Já ia dizer que não estava me referindo ao conteúdo, mas pensei melhor e decidi que eu não seria a mesma sem minha, digamos, vida digital. Imagine então quem já se criou com a internet à toda, com tanto conteúdo, tanta música, tanta coisa disponível, tanta gente para se comunicar. [...] a informação e o conteúdo estão aí e sorte de quem souber usar. E, como vocês já devem ter notado, tem muita gente que sabe. (QUEM..., 2008).

Outra celebridade da blogosfera que conquistou seu espaço nas mídias tradicionais é a blogueira paulista Mariana de Souza Alves Lima, conhecida como Marimoon. O sucesso de seu blog rendeu-lhe o convite para ser apresentadora do programa SCRAP na MTV.

A internet, por sua estrutura mais fluida e democrática, torna-se um grande celeiro de ideias, pautando também outras mídias e proporcionando, ainda, lucros comerciais a quem nela encontra o seu espaço. A estadunidense Ashley Qualls, aos 17 anos, recebeu uma proposta de 1,5 milhão de dólares pelo seu site de layouts para o MySpace. Os conteúdos produzidos ganham, a cada dia mais valor de mercado. Empresas como a Melissa e a Natura já contrataram adolescentes blogueiros para produzirem conteúdos em seus sites comerciais. Essas relações evidenciam como a relação entre internet e as outras mídias é estabelecida sem grandes rupturas e, sim, revelando potencialidades e tensionamentos, que serão discutidos posteriormente.

O *Mothers* estrutura-se, portanto, sem desprezar a importância dos acessos e valorizando a sua visibilidade, fator chave para o seu sucesso. Na fase inicial, grande parte dos acessos se davam como retribuição às visitas feitas a outros blogs. As criadoras também passaram a comentar nestes espaços similares, tornando-se mais conhecidas.

Em pouco tempo, o blog espalhou-se rapidamente pela internet. Em menos de três anos, contabilizaram-se mais de 250 mil acessos. O livro de visitas, mais de 600 mil acessos com mensagens que chegavam de mulheres brasileiras e portuguesas. Fotologs e comunidades no Orkut, lista de discussão por email são outros desdobramentos que derivaram do sucesso do blog.

Um segundo momento de expansão, em torno de 2003, configura-se quando o blog começa a ganhar projeção nas mídias de massa, como jornais e revistas. Braga (2005) destaca que muitas leitoras do blog se apresentaram, relatando o conhecimento do blog pela revista TPM ou Crescer. Progressivamente, o blog torna-se pauta de reportagens, inclusive na TV, com assuntos ligados à “maternidade nos

dias de hoje”, tecnologia e comportamento. A velocidade e a fluidez dos processos mostram-se, mais uma vez, presentes, considerando-se que tudo isso ocorre em um curto espaço de tempo – em menos de três anos.

Como se pode observar, a relação com as mídias de massa se dá de uma forma harmônica. Quanto maior é a visibilidade nos meios de comunicação de massa, maior é o número de acessos que o blog recebe. Em contrapartida, quanto mais visitado, maior é a sua projeção na blogosfera e mais atenção dos veículos de massa ele recebe. Não somente o blog, mas também as suas criadoras passaram a figurar em diversas mídias, como demonstra a abertura da matéria na revista Cláudia:

Elas são porta-vozes de todas as mulheres que buscam maneiras para unir maternidade e modernidade o que já rendeu dois livros e inspirou um programa de TV. Comentando desde a melhor marca de fraldas até como distrair as crianças numa manhã de ressaca pós-balada, Laura Guimarães e Juliana Sampaio fazem de seu blog um grande confessionário com dois pés no manifesto, para a gente esquecer a culpa e curtir todos os dias não só o das mães. (VIDA..., 2008).

A ideia de manifesto revela, mais uma vez o caráter confessional do blog. Mas se nas primeiras matérias eram convidadas a falar sobre ele, com o passar do tempo, elas foram convidadas para dar entrevistas sobre o papel da mãe na modernidade e a responder sobre questões ligadas aos dias atuais, como dizia a chamada do site GLS Parou Tudo: “Mães modernas, do tipo que têm blog e amigo gay”.

Sobre a legitimação da opinião das autoras, convidadas a discorrer sobre os mais diversos assuntos, como se fossem especialistas, Braga (2007) retoma uma das características da midiatização para justificar o que ele chama de “deslegitimação de padrões esotéricos”. Em sua visão, a mídia, ao nivelar diversos subuniversos, independente de quem os compõe, interfere na reserva de conhecimento e modos de exposição. No contexto midiatizado tudo se torna mais acessível a todos.

Essa ausência de reservas incomoda alguns especialistas. Sobre a matéria “Só as mães são sinceras”, publicada na revista Época, a psicóloga Rosely Sayão critica em seu blog a postura descompromissada com que diversas blogueiras, dentre elas as *mothers*, versam sobre maternidade na vida moderna.

Não vejo problema algum no fato de mulheres confessarem as perplexidades e as confusões que a maternidade provoca, ainda mais com humor. Mas, um pouco de recato cairia bem. Dizer coisas do tipo “Sinto muito, mas meus filhos são um tédio mortal” – título de um artigo publicado por uma jornalista inglesa e citado na reportagem – não é tratar da questão com humor. É debochar. (SAYÃO, 2006).

A insatisfação de especialistas, no entanto, parece minoritária quando comparada aos elogios que acompanharam Laura e Juliana por toda a mídia. De 2003 em diante, as *motherns* figuraram tanto no blog quanto em outras publicações, por meio de diversas entrevistas e participações. Em 2005, o *Mothern* alcança um novo patamar: por meio do convite da Editora Matrix, a única editora brasileira especializada em humor, as autoras têm a oportunidade de publicar um livro.

Os textos foram selecionados por tema, em ordem cronológica, com três meses entre seleção e organização, em grande parte, histórias do próprio blog. Na escolha dos textos, o estilo bem-humorado foi predominante, reforçando o caráter de entretenimento que sempre esteve presente na linha criativa dos conteúdos do blog.

Dois anos depois, o blog ocupou seu lugar na televisão, com a primeira série de ficção nacional, veiculada na GNT, com episódios de trinta minutos de duração, ao longo de três temporadas. Os direitos do filme já foram vendidos e, em 2010, está previsto o início das filmagens.

1.5 Processos de adaptação e remediação

Os fluxos de comunicação como os dos produtos *mothern*, que caracterizam a contemporaneidade, são responsáveis pela criação de uma espécie de movimento traducional que entremeia parte significativa dos produtos culturais que circulam na mídia (SERELLE, 2007).

Continuamente, livros são adaptados para o cinema, programas de televisão adaptam textos do teatro, jogos são criados a partir do sucesso de personagens de filmes. O filme “As Crônicas de Nárnia” de Andrew Adamson, recentemente exibido no Brasil, exemplifica a aposta bem-sucedida na adaptação dos contos infantis de C. S. Lewis, que já rendeu mais de 745 milhões de dólares para a indústria cinematográfica americana em todo o mundo. Antes de ser levado às telas, o filme já

havia sido adaptado para rádio, teatro, programas televisivos e literatura, demonstrando parte do seu potencial de recriação, com temporadas bem sucedidas na televisão e com indicações a prêmios como o Emmy. O sucesso do cinema, por sua vez, tem aberto mercado para novas adaptações, como games, reedição de livros e uma gama variada de produtos.

Essa variedade de desdobramentos corresponde, na visão de Bazin, citado por Serelle (2007), à emergência de um “reinado das adaptações” capaz de colocar em crise os conceitos de obra e autoria. Bazin defende a ideia de que, analisado através de uma perspectiva temporal, um único trabalho adaptado poderia se refletir através de três formas artísticas diferentes, seja para o teatro, a literatura ou o cinema, compondo uma estrutura piramidal, em que cada face seria capaz de refletir a essência do trabalho, que teria o mesmo valor aos olhos da crítica. No topo desta pirâmide estaria o “constructo ideal”, que abarcaria todas as formas de arte.

Serelle (2007) apresenta algumas ressalvas a essa estrutura excessivamente coesa e harmônica da pirâmide de Bazin, destacando que, nessa geometria, há também arestas, fraturas e fragmentações, pois o ato de adaptar utiliza-se, por vezes, de deslocamentos estruturais e rupturas que, às vezes, se afastam da visão de mundo de onde a obra fonte emergiu. Além destas fraturas, na cultura midiática, as adaptações espraiam-se por âmbitos do entretenimento e do consumo, tornando mais amorfa a estrutura proposta. Na fala de Hutcheon (2006), destaca-se o caráter monetário das adaptações.

[...] não se trata apenas de uma questão de evitar riscos; há lucro envolvido. Um livro best-seller pode alcançar milhões de leitores; uma bem-sucedida peça da Broadway pode ser vista por 1 a 8 milhões de pessoas; mas um filme ou uma adaptação para a TV alcançará uma audiência bem maior. (HUTCHEON, 2006, p. 5, tradução nossa).⁹

O fenômeno *mothern* mostra que, de fato, o sucesso da adaptação televisiva a partir do blog foi acompanhado por uma notável projeção mercadológica. Desde a segunda temporada, a série contou com locações mais sofisticadas para ancorar anunciantes de peso como Unilever e McDonald's. A série *Mothern* recebeu indicações ao Emmy Internacional e atualmente integra a programação da Globo

⁹ [...] it is not simply a matter of risk-avoidance; there is money to be made. A best-selling book may reach a million readers; a successful Broadway play will be seen by 1 to 8 million people; but a movie or television adaptation will find an audience of many million more.

Internacional, exibido em 114 países. No suporte televisivo, o sucesso que esta visão da “maternidade moderna” que constantemente ocupava páginas de jornais, sites e revistas femininas, ganhou projeções que nem as próprias autoras imaginavam.

Mas qual o motivo de tanto interesse por parte dos espectadores pela adaptação como produto? Por parte do espectador, na visão de Hutcheon (2006), o interesse nas adaptações reside no prazer de uma experiência que mescla reconhecimento e lembrança com o desejo de ser surpreendido. Trata-se de um trabalho que se baseia em uma re-interpretação, com camadas de referências a outro(s) trabalho(s) e redes de intertextualidade, que podem ou não ser percebidas por quem assiste, de acordo com o seu repertório.

Aqui chegamos ao conceito básico de adaptação, que tanto se refere ao processo quanto ao produto. Segundo o conceito de Alexander, adaptações são “trabalhos inerentemente ‘palimpsestuosos’, referenciados o tempo todo pelos textos adaptados” (ALEXANDER *apud* HUTCHEON, 2006, p. 6, tradução nossa).¹⁰

Pode-se afirmar, portanto, que as adaptações são uma forma de repetição com variação e não meras reproduções, parasitas em relação aos originais, que provocariam a perda da aura benjaminiana. As adaptações possuem sua aura própria, não cabendo meras comparações acerca de conteúdos. Embora a referência ao original seja realizada abertamente, as adaptações não lhe devem total fidelidade. Adaptações não são, portanto secundárias (no sentido de inferiores) apesar de serem derivadas de outras obras. Não cabe, portanto, o pensamento rançoso de mera transposição de conteúdo de um suporte para outro, geralmente de nível cognitivo inferior.

A liberdade criativa é uma grande contribuição dos textos adaptados. Supressões, alterações e preenchimentos são atitudes fundamentais aos processos criativos derivados das adaptações. No entanto, por maiores que sejam as alterações, há sempre um núcleo que se mantém, uma espécie de unidade replicadora passível de ser identificada. Dawkins, citado por Hutcheon (2006), busca um paralelo entre as transmissões culturais e as transmissões genéticas, como se unidades culturais replicadoras (memes) fossem capazes de se transportar de um

¹⁰ “inherently ‘palimpsestuous’ works, haunted at all times by their adapted texts.”

meio para outro. Mas, ao mudarem de meio, são capazes também de se transmutar, em nome da própria sobrevivência.

É possível inferir que, no fenômeno *mothern*, a unidade central replicadora do blog para a TV é essa visão da maternidade moderna, que se revela na faceta do humor e do entretenimento, complementada por um caráter informativo, expresso no próprio título do blog “Manual da Mãe Moderna”.

No entanto, não é apenas o conteúdo textual do blog que migra de um meio para outro. A passagem do fluxo comunicacional tensiona a relação entre as mídias que os comportam. O meio molda essa mensagem, emprestando-lhe suas características essenciais.

No blog, o caráter enciclopédico aparece sob forma de dicas, instruções, assuntos separados por tópicos com o objetivo de refletir e informar outras *motherns* sobre coisas importantes que acontecem na vida materna e que não são tópicos comuns nas publicações voltadas para este público.

Na televisão, o caráter enciclopédico não é abandonado, mas se revela de outra forma, por meio do âmbito ficcional do ambiente televisivo e do uso de um elemento recorrente: o humor. É através do formato das séries que o diretor Luca Paiva Mello se embasa para construir um universo ficcional a partir de um ângulo instigante que misturava informação e entretenimento, como se revela em entrevista concedida a um site jornalístico:

Nunca quis fazer algo como S.O.S. Babá, com especialistas e dicas de auto-ajuda, não queria nada fofinho, nada rosinha porque via em casa que ser mãe é luminoso, mas também é punk. No blog tinha o ângulo que eu procurava e o nome, uma síntese muito feliz. (MANUAL..., 2007).

Se a mídia é este meio, por onde a mensagem deve circular, o que fazer quando esse meio passa a ser um canal por onde circula, em fluxo, a própria mídia? Bolter e Grusin (2000) concentram seus estudos analisando um tipo específico de adaptação referente à rivalização, incorporação e/ou remodelamento de uma mídia por outra. Este processo é nomeado como remediação e opera por meio de uma dupla lógica: *immediacy* e *hypermediacy*.

A ideia de *immediacy* se constitui a partir da noção do imediato, ou não-mediado, como forma de representação. Traz consigo o imperativo cultural de apagamento dos traços da mediação, como se a mídia pudesse colocar o

espectador diante do objeto representado. Faculta, portanto, a proximidade com o objeto por meio de uma ilusão de transparência. Em contrapartida, a complementaridade dessa impressão se dá através da consciência de que a transparência absoluta é impossível e o mundo nos é apresentado por meio das mídias. Ocorre, pois, o fascínio pelos mecanismos de mediação oriundos da lógica do *hypermediacy*, em que os artifícios de mediação tornam-se visíveis, convidando o receptor a olhar através das estruturas. É a lógica da opacidade, em que, contraditoriamente, deseja-se multiplicar e explicitar os artifícios responsáveis pela mediação.

O desejo por *immediacy*, na visão de Bolter e Grusin (2000), é uma característica marcante da contemporaneidade, de uma cultura imersiva em que também nós nos movemos pelos espaços midiáticos. Também nós nos comportamos através dessa dupla lógica. A transparência nos remete a essa realidade imersiva (*being immersed*), que caracteriza com recursos que tendem apagar os traços de mediação, como nos jogos e ambientes em 3D. “Você pode ser o Chapeleiro Louco ou o bule de chá, você pode retroceder e avançar ao ritmo de uma canção. Você pode ser uma insignificante gota na chuva ou no rio.” (BOLTER; GRUSIN, 2000, p. 245, tradução nossa).¹¹

Por outro lado, a lógica do *hypermediacy* (*being connected*), traz a consciência do estar conectado, sem estar, necessariamente, imerso, garantindo uma sensação de completude através da diversidade, uma saciedade da experiência que se dá através da multiplicidade, que também é tomada como realidade.

Ambas são estratégias de remediação que podem ser entendidas em três níveis: como uma mediação da mediação, pois deriva de construções de sentido anteriores; como hibridação entre mediação com a realidade; e também como melhoria – um novo meio surge para compensar alguma limitação do meio anterior.

Como mediação da mediação, Bolter e Grusin (2000) retomam os autores pós-estruturalistas que defendem que toda interpretação é, na verdade, uma reinterpretção. Portanto, toda mediação é, antes de tudo, uma remediação, a começar pela linguagem. No entanto, não somente a linguagem deve ser analisada

¹¹ You can be the mad hatter or you can be the teapot, you can move back and forth to the rhythm of a song. You can be a tiny droplet in the rain or in the river.

nos processos de mediação. É preciso analisar esta mediação cultural do ponto de vista da combinação entre sujeito, mídia e objetos e não de formas separadas. Não se pode privilegiar a linguagem ou um ato de mediação isoladamente.

A segunda categoria refere-se à inseparabilidade entre realidade e mediação. A partir da pintura moderna, não mais a arte tinha o mundo como o seu referente. Ao enfatizar o modo de pintar como produto, requisitando seu status de real. Desta forma, mediação é também uma mediação da realidade porque a mídia, por si mesma, é real e a experiência da mídia é objeto de mediação.

O terceiro e último aspecto, a mediação como melhoria, refere-se à própria origem da palavra latina *remederi*, por seu sentido de cura, de restauração da saúde. No sentido midiático, uma nova mídia teria também o papel de reformar e trazer novas melhorias em relação às mídias predecessoras, principalmente do ponto de vista da mídia digital que reformulou todas as mídias anteriores.

Em relação ao fenômeno *mothern*, a incorporação de uma mídia por outra acontece cada vez que uma releitura do blog é proposta e em aprofundamentos diferentes. O livro “Manual da Mãe Motherna”, por exemplo, é um resumo do conteúdo do blog, com pequenas alterações e alguns textos novos. Dentre suas potencialidades, o livro passa a ter, no suporte de papel, a possibilidade de ser transportado e lido em diversas ocasiões, atingindo também pessoas não tão familiarizadas com a internet, além de se transformar em alternativa de presente.

A escolha da passagem da internet para a série televisiva, no entanto, abarca uma transformação mais radical. Embora atuem como consultoras, o programa não se concentra em adaptar o conteúdo do blog para a televisão, embora isso, por vezes, aconteça. Os textos são apenas um ponto de partida para um processo de recriação que precisa se encaixar no universo ficcional televisivo. É sobre os encaixes e desencaixes oriundos dessa passagem que trata o subitem seguinte, onde serão pensados os tensionamentos entre diferentes lógicas comunicacionais.

1.6 Lógicas comunicacionais híbridas: transmissão e colaboração

Historicamente, os meios de comunicação de massa estruturaram-se a partir de uma lógica transmissiva de comunicação. Do rádio à televisão, passando pela

mídia impressa, é notável a predominância de uma estrutura hierarquizada de elaboração, seleção e distribuição de produtos culturais, cujo pólo de emissão é pouco adaptado às trocas dialógicas de informações.

Com o estabelecimento das redes digitais, cujas estruturas se constroem a partir da combinação entre camadas de hipertexto, multimídia e recursos de interação, destaca-se uma nova lógica, baseada na colaboração. A lógica midiática que emerge deste contexto é a lógica plural das redes. Antúnez (2007) reúne diversas contribuições sobre o conceito de rede e destaca três níveis de significação que se encaixam bem a esta análise: Em sua topografia, a rede é uma estrutura por vezes descentralizadora, composta por elementos de interação. Em sua dinâmica, revela uma estrutura de interconexão instável e transitória. E em suas relações com um sistema complexo, ela é um modelo não-visível que revela um sistema visível.

A internet é um espaço convergente para onde migraram as mídias já estabelecidas, reconfiguradas a partir da lógica associativa.

Além de permitir a mistura de todas as linguagens, textos, imagens, som, mídias e vozes em ambientes multimidiáticos, a digitalização, que está na base da hipermídia, também permite a organização reticular dos fluxos informacionais em arquiteturas hipertextuais [...] O poder definidor da hipermídia está na sua capacidade de armazenar informações e, através da interação do receptor, transmuta-se em incontáveis versões virtuais que vão brotando na medida mesma em que o receptor se coloca em posição de co-autor. Isso só é possível devido à estrutura de caráter hiper, não sequencial, multidimensional que dá suporte as infinitas ações de um leitor imersivo. (SANTAELLA, 2000, p. 8-9).

Dentre as potencialidades deste espaço relacional, a internet traz consigo a coexistência de lógicas comunicacionais híbridas em que o modelo colaborativo que resgatou a comunicação interpessoal coexiste com o modelo transmissivo, característica dos meios de comunicação de massa. Não se trata, portanto, de substituição de uma lógica por outra e sim de tensionamentos que tornam mais complexas as interações entre as diferentes matrizes.

Em relação às remediações sofridas pelo *Mothers*, o foco deste estudo é o processo reverso que o blog experimenta. Ao contrário das mídias de massa, que se remodelaram no ambiente digital, o blog se desdobra nos ambientes tradicionais, tensionando as formas de interação já existentes, abrindo espaço, tanto para lógicas como “um-todos” como também a interação “um-um” e “todos-todos”.

Suprema nesse conjunto de valores é a liberdade. Liberdade para criar, liberdade para apropriar-se de todo conhecimento disponível e liberdade para distribuir esse conhecimento sob qualquer forma ou por qualquer canal escolhido. (CASTELLS, 2003b, p. 42).

Lemos (2005) desdobra o pensamento de Castells, destacando três princípios que caracterizam o ambiente cibercultural e a lógica colaborativa que dele emerge: a emissão, a conexão e a reconfiguração. Em relação ao princípio de emissão, a cultura midiática inaugura um momento histórico diferenciado em que qualquer indivíduo pode produzir e publicar informações em tempo real, colaborando em rede com outros e tensionando a lógica transmissiva que vigorava nestes meios. Os preços dos aparatos tecnológicos, como câmeras, vídeos, gravadores e o próprio computador, progressivamente mais acessíveis, aliados às facilidades de operação, permitem que o indivíduo possa construir sua identidade também através da mídia, utilizando-se da palavra, som, imagem, apenas com o intuito de auto-expressão. A mídia, que era um lugar privilegiado de quem detinha os meios de comunicação, passa a abrigar a presença de um emissor e receptor que trocam freqüentemente seus papéis.

O segundo princípio marcante da cultura contemporânea é o princípio da conexão. Isso quer dizer que não basta somente produzir. É preciso divulgar, buscar o apoio dos pares, produzir sinergias, trocar informações. A conectividade é o conceito da própria rede e não se esgota em si. Segundo Beiguelman (2006), projetos que são voltados para o ambiente on-line lidam com diferentes tipos de conexão, de navegadores, de velocidade, de sistemas operacionais, provedores de acesso e todas as infindáveis formas de personalização. Criar nesses ambientes e para esses ambientes é trabalhar com a articulação do imponderável e do imprevisível já que a rede se desdobra em si mesma. Este ambiente privilegia a comunicação interpessoal que não é sinônimo de presencial (PRIMO, 2007).

Orihuela (2007) destaca que a conexão traz em seu seio características como a interatividade, com recursos que promovem a interação entre pares, a multimídia, garantindo que produtos com diferentes técnicas possam ser abrigados sobre o mesmo formato e a hipertextualidade, com estrutura dinâmica que permite diferentes caminhos de decodificação.

Lemos (2005) finaliza sua tríade com o princípio da reconfiguração. A liberdade de criar, de produzir e de circular também se reflete na apropriação e

releitura dos produtos culturais circulantes. Jornais impressos passam a possuir sua versão eletrônica, a TV se redesenha buscando a interatividade dos sites, o rádio ganha sua versão on-line.

Raymond (1999), em seu ensaio “Cathedral and the bazaar”, contrapõe estes dois modelos de produção de informações que podem ser aplicados para a caracterização de ambas as lógicas.

A catedral simboliza as estruturas verticais e extremamente organizadas de produção e emissão de mensagens, em que os conteúdos são dominados por poucos, os especialistas, e liberados após longos intervalos de construção ou de seleção. Considerando-se a lógica transmissiva, este modelo reflete a organização dos meios de comunicação de massa, caracterizados por difundirem, a partir de um centro de emissão, mensagens comuns a um conjunto amplo e heterogêneo de receptores dispersos geograficamente. Neste contexto, há uma separação notável entre o pólo de emissão e recepção dos produtos midiáticos.

O bazar estrutura-se de forma aberta, marcado pelas potencialidades, em torno das quais, a multiplicidade de contribuições promove o aperfeiçoamento contínuo das ideias. Este modelo encontra ressonância na lógica associativa, que se estrutura a partir da cultura hacker (CASTELLS, 2003b), em que a criação coletiva, a livre cooperação e os códigos abertos moldam os produtos que derivam da internet. No lugar da comunicação unidirecional, a ênfase está na comunicação interpessoal, mesmo que não haja coincidências espacial e/ou temporal.

O fenômeno *mothere*, no entanto, é estabelecido contrariando a historicidade das lógicas estabelecidas. No processo reverso à convergência midiática, um produto derivado do ambiente colaborativo desdobra-se nas mídias de massa, tensionando os modos de engajamento já estabelecidos.

1.7 Modos de engajamento

A definição de adaptação não só como produto, mas também como processo, “como reinterpretação criativa e intertextualidade palimpsêstica” (Hutcheon, 2006, p.

22, tradução nossa)¹² permite expandir os estudos de adaptação para além do foco meramente comparativo, alcançando as relações que são construídas entre o espectador e a mídia. Cada meio possui sua própria especificidade e essência. É, portanto, na busca das relações entre a audiência e o meio que se definem três formas diferentes de engajamento, que permitem às pessoas, ouvir ou assistir ou interagir com as histórias de maneiras diferentes. De fato, em todos eles o espectador possui níveis de interação diferenciados, seja do ponto de vista cognitivo, psicológico ou emocional. No entanto, cada dispositivo, com suas características essenciais, é capaz de alcançar melhor um objetivo que outros.

Hutcheon (2006) classifica os modos de engajamento do espectador com a obra através de três categorias: *telling*, *showing* e *interacting*.

Todos os três modos são indiscutivelmente “imersivos”, ainda que em diferentes graus e maneiras: por exemplo, o modo *telling* (um romance) nos imerge em um mundo ficcional através da imaginação; o modo *showing* (peças e filmes) nos imerge por meio da percepção abstrata e visual [...]; o modo *participatory [interacting]* (jogos virtuais) nos imerge fisicamente e esteticamente. (HUTCHEON, 2006, p. 22, tradução nossa).¹³

Historicamente, o “contar” é a primeira forma a se estabelecer. Considerando-se pontualmente a narrativa literária, o engajamento do leitor constrói-se a partir de uma cultura do livro que oferece uma imersão através da imaginação. Apesar da presença de uma narrativa linear, cabe a este leitor contemplativo o controle do seu ritmo de leitura, permitindo-se paradas, reflexões, avanços e retrocessos. Ela molda, portanto, um leitor contemplativo, cuja leitura silenciosa permitia que temporalidades diferentes de decodificação e construção do conhecimento se dessem de forma muito íntima, no ambiente escolhido por cada leitor (SANTAELLA, 2004). Fala-se de uma relação de intimidade, de manuseio, onde o espaço da leitura, nobre, encontrava-se separado dos espaços mundanos: “Mesmo quando [a leitura] se dá em tais lugares [mundanos], o leitor se concentra em sua atividade interior, separando-se do ambiente circundante.” (SANTAELLA, 2004, p. 23). A leitura de um

¹² “as creative reinterpretation and palimpsestic intertextuality”

¹³ All three modes are arguably “immersive”, though to different degrees and in different ways: for example, the telling mode (a novel) immerses us through imagination in a fictional world; the showing mode (plays and films) immerses us through the perception of the aural and the visual [...] the participatory mode (videogames) immerses us physically and kin-esthetically.

livro, portanto, estava ligada ao processo de ruminação, de um leitor solitário e dedicado, concentrado em sua atividade.

As culturas, portanto, fundam-se através da tradição oral e escrita, criando um apreço pela cultura literária que se estabeleceu, dominante, ao longo dos séculos. “Sem a inscrição da filosofia grega em *papyrus* transportáveis, as mensagens longínquas no tempo a que se chama tradição não teriam chegado até nós.” (MATOS, 2006, p. 29). Tamanho apreço pela tradição livresca incita em alguns autores um pensamento bastante impiedoso em relação à fragmentação posterior que a pós-modernidade trouxe.

A leitura atenta, concentrada, cedeu lugar à demagogia da facilidade e a educação-formadora de tradição humanista foi decretada inútil, entre outras razões, por ser anacrônica em uma época voltada para o consumo material e intelectual e ao espetáculo midiático. (MATOS, 2006, p. 10).

Desconsiderando o caráter mais apaixonado desta defesa da cultura do livro, a temporalidade moderna, que se estabelece após a Revolução Industrial, representa uma complexificação do mundo que se reflete também na mediação tecnológica que se constrói. Santaella (2004), retomando Berman e Santos, relata a ambiência das novas formas de comunicação das cidades, com a comunicação do telégrafo, do telefone, dos jornais, com notícias rápidas e imediatas, o excesso de informação das próprias cidades. O cenário volátil das cidades abriga este leitor movente que Santaella (2004) caracteriza a partir do *flâneur*, aquele que transita entre linguagens, de objetos a signos, com uma velocidade rápida e fugaz. Imagens, sons, movimentos e ritmos se mesclam. O real e o ficcional se misturam neste conjunto de complexos sistemas semióticos.

Este ambiente é propício para a consolidação de um novo modo de engajamento – o modo performático (*showing*) que se liga a ideia de movimento, ruptura e fragmentos, alcançando seu apogeu com a cultura televisiva.

De fato, a televisão opera em um mecanismo bastante diverso do ambiente anteriormente marcado pela cultura livresca. A contemplação dá lugar ao movimento, às linguagens combinadas pela multimídia em que os olhos passeiam de um ponto a outro na imagem. Mesmo quando se refere ao mundo exterior, a televisão necessita de enquadrá-lo em seu universo de gêneros e formatos, que visam o entretenimento do seu espectador. O leitor espectador

recebe, formatado, um produto acabado, fruto de diferentes formas e linguagens, em cenários previamente construídos. Mesmo quando a televisão refere-se à realidade, ela fala de si própria.

[A televisão] Propõe uma suspensão do regime de crença, isto é, das exigências de confronto com o mundo exterior. Seu propósito seria, em princípio, o de construção de uma realidade que não se submete ao confronto com o real, mundo natural. (DUARTE, 2007, p. 13).

Hutcheon (2006) reforça esse pensamento mostrando que em um mundo apresentado e representado são restritas as formas de interferência desse espectador, pois os produtos encontram-se moldados pelo pólo de emissão. Como foi ressaltado anteriormente, a limitação da interação não significa que não ocorra. O controle remoto mesmo é uma forma de interação. E mesmo em ambientes extremos, exemplos como a *Piazza Virtuale* mostram que experiências bem-sucedidas de interação podem ocorrer mesmo em ambientes transmissivos, em escala global.

Nessa experiência, 20 pessoas podiam se ligar ao mesmo tempo para comentar os acontecimentos, fazer música com uma orquestra virtual, desenhar ou simplesmente conversar. A “Piazza Virtuale” foi assim, uma espécie de BBS televisivo, onde “modem-users squirt text onto the television screen and faxes were displayed on camera; there were QuikTime movies, animation, and even ISDN connections”. Desde os primeiros dias, sem publicidade, se conectaram 5.000 pessoas, no dia seguinte 100.000 e a Deutsche Telecom ganhou quase um milhão de dólares. Os criadores eram “hackers”, músicos, artistas gráficos de várias nacionalidades. (LEMOS, 2006, p. 2).

Estes exemplos, no entanto, são pontuais. É no ambiente das redes de tecnologia que se consolidará a terceira vertente destas formas de engajamento, representada através da figura de um leitor imersivo. Este leitor – já acostumado ao ritmo e movimento de ambientes híbridos – passa a vivenciar uma nova experiência em que a interatividade figura como elemento construtor do engajamento.

Calvino (1994), quando lança suas propostas para o próximo milênio – hoje, o nosso mundo contemporâneo – reflete sobre a rapidez dos processos e práticas de um novo tempo que se avizinhava. Embora não se referisse, claramente, às redes digitais, a ideia da aceleração temporal e estilo mais aberto e múltiplo de produção aplicam-se a esta realidade.

A rapidez e a concisão do estilo agradam porque apresentam à alma uma turba de ideias simultâneas, e fazem a alma ondular numa tal abundância de pensamento, imagens ou sensações espirituais, que ela ou não consegue abraçá-las todas de uma vez nem inteiramente a cada uma, ou não tem tempo de permanecer ociosa e desprovida de sensações. (CALVINO, 1994, p. 55).

O leitor dessa nova forma é convidado continuamente a mergulhar no mundo trazido pelas redes hipermediáticas, pautado pelos links e marcado por uma quantidade de informações que circulam muito rapidamente e em quantidade infinitamente maior que a capacidade de apropriação das pessoas. Chartier (2002) destaca que é diante de uma tela de computador que este leitor se apropria de diferentes textos que antes estavam dispersos em outros suportes. Já propondo uma atualização desta informação, não somente diante de um computador, mas diante de outros dispositivos móveis como celulares e palm tops, estes textos são organizados e não mais se diferenciam sob o aspecto da materialidade.

Se por um lado a lógica não é mais a leitura linear e dedutiva, pois a página grafada dá lugar à página eletrônica, descontínua, aberta à multiplicidade de links, por outro estes mesmos links promovem o aprofundamento das questões que são relevantes ao leitor. “[...] a tela não é uma página, mas sim um espaço de três dimensões, que possui profundidade e que nele os textos brotam sucessivamente do fundo da tela para alcançar a superfície iluminada.” (CHARTIER, 2002, p. 31).

Desta forma, há também uma mudança epistemológica que transforma as modalidades de construção e crédito dos discursos. Mas o ponto central é a percepção da noção de obra como uma obra. “[...] no mundo digital todas as entidades textuais são como bancos de dados que procuram fragmentos cuja leitura absolutamente não supõe a compreensão ou a percepção das obras em sua identidade singular.” (CHARTIER, 2002, p. 23).

Imersos no fluxo de experiências, estes leitores vivenciam três grandes rupturas: uma nova forma de escrita, que abandona a produção clássica ligada à materialidade do suporte, uma nova relação com os textos, fragmentária, hipertextual, rizomática como a própria rede e uma nova forma de se inscrever nessa realidade em que o leitor sai das margens do processo e se engaja numa produção colaborativa de conteúdo. “O texto eletrônico, tal qual o conhecemos, é um texto móvel, maleável, aberto. O leitor pode intervir em seu próprio conteúdo e não

somente nos espaços deixados em branco pela composição tipográfica.” (CHARTIER, 2002, p. 25).

Neste contexto, emissor e receptor trocam seus papéis freqüentemente, misturando sua identidade na própria construção destes ambientes. Isto gera um tensionamento em relação à figura do autor.

Chartier (2002) destaca que a ideia de atribuição de textos ao nome de um autor é ofuscada pela produção coletiva, polifônica, que na visão de Foucault abarcaria a utopia de uma liberdade ilimitada dos discursos, com o desaparecimento da função-autor.

Retomando o objeto dessa dissertação, cujo olhar se estende sobre os blogs, buscando seus referenciais de diferenciação, de fato, a produção polifônica é um ponto central para entender essa nova forma de construção do dialógico da internet. Entretanto, não se trataria apenas de uma rarefação dos discursos que não chega a ser encarada em seu extremo como o desaparecimento autoral do processo de produção, seleção e distribuição das informações em rede? Não seria esta uma nova forma autoral, ainda em construção, portanto, provocativa, a se investigar?

Rechdan (2003) debruça-se sobre a diferença entre essa ideia de polifonia dos textos imersivos e o dialogismo das redes telemáticas, resgatando Bakhtin. Um texto pode ser dialógico, sem necessariamente polifônico, pois a presença das trocas de informação nem sempre privilegiam os diferentes pontos de vista. Muitos blogs, notadamente os opinativos, mesmo possuindo ferramentas que estimulam a interatividade, como o espaço de comentários, ainda assim são monofônicos, com uma voz central abafando as manifestações dissonantes. Ao contrário, no dialogismo polifônico, o discurso é em si formado por muitas vozes, que dividem o mesmo espaço, de maneira, por vezes, polêmica.

Segundo Bakhtin, citado por Rechdan (2003), Dostoiévski seria o criador do romance polifônico em que a pluralidade de vozes e consciências constitui, em si, um caráter e uma peculiaridade. “A consciência, tanto do autor quanto das personagens, são infinitas e inconclusas.” (Rechdan, 2003, p. 3). Cada um recebe do narrador a importância que lhe é devida.

Em relação à narrativa que é ofertada a esse leitor imersivo, uma característica também se faz notar de maneira especial. A narrativa também se difere da linearidade dos engajamentos predecessores pela oferta ilimitada dos meios.

No seu furor narrativo, a contemporaneidade pede, cada vez mais, que se conte histórias que ainda não foram contadas. E dessa forma, no conflituoso espaço público contemporâneo, as vias pelas quais se pode dar o exercício da narrativa, exatamente por se fazerem múltiplas, infinitas, ressaltam a importância de se considerar o *modo* como se narra e os seus *sujeitos* narradores: é a pluralidade dos meios que nos impõe a reflexões sobre a narrativa. (RESENDE, 2005, p. 129-130).

Resende (2005) clama o pensamento de Rodrigues, para quem a contemporaneidade é uma “máquina narrativa” em que, ao lado de uma grande narrativa fundadora, existe uma multiplicidade de pequenas narrativas ligadas ao cotidiano que funcionam como uma espécie de prolongamento midiático. Em nenhuma outra temporalidade, tantas máquinas coexistiram e se interconectaram com tamanha rapidez, viabilizando contínuos processos de desterritorializações e reterritorializações.

Por satélites ou por redes telemáticas, em um curtíssimo espaço de tempo, as narrativas saltam de uma ponta a outra do mundo, reconfigurando tempos e espaços, e construindo saberes que, bem ou mal, determinam e alteram os modos de estar e experimentar o mundo. (RESENDE, 2005, p. 138).

Neste ambiente, as fronteiras entre a narração e a participação se confundem e no ambiente dos games, da internet, da colaboração, é o próprio sujeito que mergulha na tele-realização dos ambientes.

Tendo como foco o estudo da linguagem, o objetivo desta dissertação é refletir sobre os processos de remediação que caracterizam a passagem de um fluxo comunicacional deste ambiente imersivo para o modo performático, analisando como dialogam os diferentes sistemas semióticos que os caracterizam e suas lógicas comunicacionais.

2 BLOG MOTHERN: COLABORAÇÃO E INFORMAÇÃO, NÓS DA MESMA REDE

Para analisar como o fluxo traducional gerado pelo fenômeno *mothern* perpassa diferentes meios, partindo de um ambiente digital – que, potencialmente, confere a seus produtos características colaborativas – para um meio performático, televisivo, que opera sob a lógica transmissiva, convém, inicialmente, retomar, ainda que brevemente, aspectos da mediação do weblog, origem de todos os desdobramentos midiáticos. Na tentativa de caracterizar este dispositivo de comunicação por meio de suas potencialidades e limitações, torna-se fundamental uma reconstituição de seu percurso histórico para compreendê-lo, tanto do seu ponto de vista técnico quanto em relação aos sentidos que já lhe foram atribuídos, tendo em vista seus modos diversos de mediação, ao longo de sua evolução. A partir desta caracterização inicial do blog, que busca compreendê-lo como aparato técnico e fluxo comunicacional, será possível estabelecer, no campo da linguagem, três categorias para análise: os elementos visuais que compõem a interface deste blog e constroem, imagetivamente, uma identidade *mothern*; os posts (textos, sua enunciação e enunciados) e os mecanismos de interação que proporcionam, potencialmente, a emergência de vozes diversas.

Isso posto, convém retomar o conceito de adaptação como “repetição com diferença”, colocando, em perspectiva, a remediação – que envolve diferentes modos de mediação midiática, proporcionadas por diferentes ambientes e aparatos técnicos e suas linguagens. Assim, interessa conhecer esse dispositivo de enunciação, surgido na blogosfera, para depois compreender como ele foi recriado em outro ambiente, com reflexões sobre os mecanismos de linguagem envolvidos nessas passagens.

2.1 Desenvolvimento e evolução dos blogs

Weblog deriva-se da junção das palavras inglesas *web* (rede) e *log* (diário de registro de viagens). Para alguns autores, seu criador foi Tim Berners-Lee, em 1992, para registrar as atividades dos servidores on-line (BLOOD, 2000). Para outros, esse

termo foi utilizado pela primeira vez em 1997, nomeando os sites pessoais que eram atualizados freqüentemente e eram acrescidos de comentários e links (ROCHA, 2003). Cabe ao programador Peter Merhorlz o crédito pela redução ao termo blog, a partir do trocadilho “*we blog*”, ou seja, “nós blogamos”.

Para este estudo, interessa-nos o recorte da evolução dos blogs a partir dos três momentos centrais de expansão da blogosfera e, principalmente, suas relações com os veículos de comunicação tradicionais. O primeiro acontece no final dos anos noventa, quando são criadas interfaces mais amigáveis e ocorre um aumento vertiginoso no número dos blogs, ainda vistos com desconfiança por se tratarem, em sua maioria, de diários pessoais. O segundo abrange o período entre 2001 e 2005, a partir do atentado ao *World Trade Center*, em que se torna evidente a rapidez de registro e agilidade de publicação das mensagens, destacando os blogs como importantes fontes de informação. E o terceiro momento refere-se à incorporação maciça dos blogs pelos veículos de comunicação tradicionais.

A primeira popularização do uso dos blogs – ou uma verdadeira revolução, segundo Antúnez (2007) – acontece a partir do final dos anos noventa quando softwares lançados por empresas de informática facilitam o processo de publicação das mensagens. A falta de domínio da linguagem HTML deixa, portanto, de ser um empecilho para a livre expressão, contribuindo para a democratização do uso. Dentre essas empresas, destacava-se o Blogger, por sua interface amigável, que privilegiava a escrita espontânea e permitia a uma grande gama de pessoas publicar informações a partir de links auto-explicativos (Nick, senha, título do blog, URL e email).

Com o passar dos meses, as contribuições dos programadores ampliaram as potencialidades do sistema. Os *permalinks* garantiam que cada publicação em um blog possuísse uma localização permanente – uma URL – que poderia ser referenciada, facilitando o sistema de busca (FOSCHINI; TADDEI, 2006). A ferramenta de *trackback* permitia que novos links fossem facilmente relacionados, sofisticando a linguagem hipertextual do meio. Em 2000, recursos que permitiam a postagem de comentários foram disponibilizados, ampliando as possibilidades de trocas dialógicas entre os pares.

Estes fatores conjugados contribuíram para a primeira expansão do número de blogs entre aqueles que eram simpáticos às inovações tecnológicas.

Apesar do sensível aumento da blogosfera a partir de 1999, os blogs ainda eram vistos pelos meios de comunicação tradicionais com notável ceticismo, principalmente porque, em sua maioria, eram diários pessoais. Nesse contexto, o primeiro estudo sobre os blogs brasileiros desponta com o trabalho de Schittine (2004), que investigou a ferramenta sob o viés de uma escrita íntima e pessoal paradoxalmente exposta no ambiente das redes. Esta questão que, até então, restringia-se à literatura, passa a ter relevância também para o campo da comunicação na medida em que estes diários passam a circular como mensagens, envolvendo emissores e receptores que, inclusive, podiam compartilhar papéis. No entanto, em contrapartida aos discursos que defendiam os blogs como um meio democrático e revolucionário, expressões como “diálogo anárquico” e “ausência de controle” eram facilmente audíveis. Muitos jornalistas apontavam o blog como uma espécie de modismo que apenas replicaria as páginas pessoais (*homepages*) que alcançaram sucesso nos anos noventa (MUITOS..., 2003).

No entanto, a partir de 2001, as potencialidades do blog – como rapidez de registro e publicação – ficam evidentes por seu uso. Antúnez (2007) aponta o período entre 2001 e 2005 como um momento emblemático de crescimento da blogosfera, impulsionado pelo atentado às torres gêmeas. Movidos por um notável senso de cidadania, os blogs noticiavam, em tempo real, o que acontecia no dia 11 de setembro, uma vez que os sites de notícias encontravam-se congestionados.

Enquanto o mundo entra em convulsão, uma grande leva de gestores de conteúdos, em geral mais bem apresentados e sofisticados que seus antecessores, começa a escrever o próximo capítulo da história da blogosfera. (ANTÚNEZ, 2007, p. 29).

Novos serviços de publicação são criados e tornam-se populares não só nos Estados Unidos, mas em outros países do mundo como Canadá, Reino Unido, Japão, Brasil, França, Itália e no mundo árabe. Naquele momento, em relação aos demais meios de comunicação, os blogs se firmam pela agilidade de registro como uma importante fonte de informação. Ataques terroristas, guerras e desastres naturais como o furacão Katrina passaram a ser noticiados em primeira mão pelos blogs.

Entre 2002 e 2006, um novo blog era criado a cada segundo. Foschini e Taddei (2006) relatam a partir de dados do site Technoratti que após 2002 o número

de blogs no mundo passou a dobrar semestralmente. É nesse período que começa a se delinear um terceiro momento de visibilidade para os blogs, quando eles passam a ser incorporados pelos veículos de comunicação tradicionais.

Nos idos de 2003, as mega-empresas de comunicação ainda estavam divididas quanto a que posição tomar com relação aos Blogs. Em março daquele ano, a CNN intimou Kevin Sites, seu correspondente de guerra no Iraque, a fechar seu Blog. Exatos dois anos depois, em março de 2005, a mesma CNN criava uma seção inovadora (*Inside Politics*) em seu noticiário de horário nobre na TV, dedicando quatro minutos inteiros a comentários de notícias exclusivamente oriundas de Blogs.

O processo, que começa entre um misto de tensões e desconfianças, vai ganhando contornos mais definidos. Hoje, os blogs já foram incorporados não só pelos jornais, como também pelas emissoras de TV e demais veículos. Os atentados terroristas ao metrô de Londres foram cobertos não só pelas páginas pessoais, mas também pelos blogs de jornais e outros veículos que atualizavam rapidamente suas coberturas na web, como ilustra esta afirmação: “Os blogs fizeram a diferença na guerra do Iraque, a ponto de ser conhecida como a primeira guerra a ser “blogueada”, em contraponto à Guerra do Vietnã, na década de 1960, a primeira a ser televisionada (FOSCHINI; TADDEI, 2006).

Outra potencialidade importante que se destaca a partir do uso da ferramenta blog são as mediações realizadas à margem dos veículos de comunicação tradicionais e que ganharam destaque na rede. Um exemplo é Salam Pax, arquiteto iraquiano que escrevia seu blog de Bagdá. Em seus posts, transparecia uma visão da guerra que destoava do que era publicado nos demais jornais, com duras críticas tanto ao governo de Saddam Hussein quanto aos Estados Unidos e às forças de coalizão. Isto é prova da potencialidade de um meio que permite a expressão de subjetividades que nem sempre encontram espaço na mídia tradicional.

Esta trajetória mostra que os blogs hoje, definitivamente, não se constituem como fenômeno passageiro ou um modismo tecnológico. Paz (2003) nos lembra que são os usos das ferramentas sociais os motores da própria rede, fazendo com que a tecnologia seja remodelada continuamente. A constituição do *Mothern* como fenômeno comunicativo é uma prova do potencial desta forma de comunicação.

2.2 Blogs: conceitos, características e principais usos

Definir um blog não é simples. Dentre todos que se arriscaram nesta tarefa, destacam-se as concepções mais antigas de diários on-line (SCHITTINE, 2004), página pessoal (BARBOSA; GRANADO, 2004), página na internet com textos ou arquivos dispostos em cronologia reversa e ferramenta de edição que cria espaços relacionais na web (RECUERO, 2003).

A definição de Orihuela (2007), por sua vez, é bastante abrangente e adequada à intensa movimentação que os blogs assumem na contemporaneidade. Segundo ele, os blogs como “meio a princípio pessoal (embora haja blogs escritos coletivamente) que funciona sem editores e sem prazos, sem fins lucrativos, e que é escrito, em geral, pelo prazer de compartilhar informações ou como veículo de expressão.” (ORIHUELA, 2007, p. 6). Esta definição, que abarca tanto o registro rápido quanto a liberdade de expressão, ambos a partir da lógica do compartilhamento, revela as razões que os relaciona com a ampliação da esfera midiática. Desta forma, na mídiassfera, cabe não só aos veículos massivos o agendamento das discussões, como também aos blogueiros, que figurariam como atores sociais. São estas características, somadas à transparência no processo de publicação, quase simultâneo à escrita, que fazem com que Orihuela defina os blogs como um novo meio de comunicação, “meio originário da rede, possivelmente, o primeiro meio nativo da web.” (ORIHUELA, 2007, p. 2).

Neste ponto, é importante ressaltar que essa afirmação não se aplica a todos os blogs. Muitos deles, notadamente os jornalísticos, foram incorporados nos mesmos moldes das colunas já existentes, apenas como publicações mais imediatas das empresas jornalísticas que passaram a se utilizar do dispositivo como extensão de suas atividades já constituídas.

Mas seria o blog realmente um novo meio de comunicação ou apenas um dispositivo capaz de refletir a própria rede? Este estudo parte da premissa de que os blogs são metonímias da rede, por isso, nada melhor do que caracterizá-los a partir das características da própria rede: hipertextualidade, multimídia e interatividade. A estas serão incluídas também personalização e memória, já propostas por Palacios (2004) para a caracterização do jornalismo on-line, mas que também se aplica aos blogs de maneira geral.

Blogs são conjuntos de links, noção primária da hipertextualidade, que é a capacidade que um sistema possui de se estruturar a partir de nós de informação ou rizomas. “Embora mais tarde tenham ficado parecidos com diários pessoais, inicialmente a base dos blogs foi o link: links com um breve comentário, um registro (log) da navegação da web.” (ANTÚNEZ, 2007, p. 13). A presença dos links é um convite para a leitura descontinuada e o descentramento, indicando sempre os paratextos que orbitam em torno do assunto central.

A esse conceito, soma-se o aspecto de multimídia, referente à utilização de códigos originários de mais de uma mídia em uma mesma interface. De fato, como já foi explicitado anteriormente, a imiscção entre diferentes sistemas semióticos é uma das características do ambiente midiático e que também está presente na ferramenta blog. O fluxo midiático tem trazido novas estruturas para os blogs, originando subprodutos como audioblogs, klogs, moblogs, vlogs, em que som, imagem, fotos, passam a dominar um espaço que, inicialmente, era ocupado predominantemente por textos e imagens estáticas.

Interatividade também é uma característica bastante associada aos blogs. De fato, a presença de recursos como postagem de comentários, fóruns, enquetes e chats, que compõem a interface da maioria destas ferramentas, incentiva a troca entre os pares, seja no formato um-um, um-todos e todos-todos. No entanto, o simples fato da presença destes recursos não garante que se estabeleçam interações significativas, pois este potencial dialógico revela-se de maneira diferente de interação para interação, não comportando generalizações.

Blogs também comportam a personalização, ao incorporarem os agregadores ou *feeds*. Este mecanismo permite aos blogs tornarem-se uma fonte de informação contínua ao permitir que o usuário construa seu próprio menu digital assinando assuntos de seu interesse. Isso atesta a presença da individualização ou customização, que consistem na opção oferecida ao usuário de configurar o recebimento de informações de acordo com seus interesses individuais. É este recurso que permite que as páginas de abertura dos sites, por exemplo, sejam carregadas de acordo com padrões pré-estabelecidos por cada usuário.

Por fim, através da memória, ou seja, da criação de bancos de dados, torna-se possível armazenar e acessar as informações anteriores com uma facilidade maior do que quando comparada a outras mídias. Em sua maioria, os blogs disponibilizam as postagens anteriores, organizadas por data, títulos ou sessões.

Este recurso amplia os percursos de navegação, contribuindo para aumentar o potencial hipertextual da ferramenta.

Ao analisar um blog, portanto, muito além da taxonomização, com o intuito de encaixá-lo em categorias estanques (blogs jornalísticos, literários, entre outros) é preciso avaliar qual constructo opinativo emerge de cada publicação em questão, a partir das características constitutivas do blog e da própria rede.

Em relação ao blog *Mothern*, em 2002, sua criação se dá em um período posterior à febre dos diários íntimos. Embora historicamente ele se situe na segunda fase de desenvolvimento da blogosfera, após os atentados do WTC, é preciso considerar que, no Brasil, a ferramenta ainda carregava o status de novidade tecnológica.

Em relação aos elementos que o constituem, além da hipertextualidade, característica intrínseca dos blogs, expressa através dos links, uma forte característica presente no *Mothern* é a interatividade. Na medida em que foi se tornando conhecido, o espaço de comentários, conhecido por Livro de Visitas, passou a ser uma esfera de discussão complementar ao espaço destinado aos posts. Ao contrário do blog, cujas postagens tornaram-se raras nos últimos dois anos (cerca de menos de um post por mês), o grupo de mulheres que se reuniu em torno do LV continua trocando mensagens diariamente até os dias atuais e encontrando-se presencialmente de maneira esporádica, fato que demonstra que um vínculo social foi criado a partir do ambiente digital.

Em relação à multimídia, os principais recursos disponíveis são os textos e poucas imagens. Com o passar do tempo, todas as aparições do blog na mídia passaram a dividir espaço com as postagens sobre a maternidade. Convém assinalar, ainda, que a passagem dos anos não resultou na incorporação de um grande número de novos recursos tecnológicos na interface deste blog, como postagens freqüentes de vídeos, inserção de *podcasts* e demais recursos, bem como os demais recursos de personalização.

2.3 Interface

A primeira estrutura a ser analisada no blog *Mothern* refere-se à interface gráfica do blog e os elementos que a compõem. Como a recriação desta identidade visual no ambiente televisivo foi bastante explorada, este item merece ser analisado de maneira minuciosa.

A interface digital, em seu sentido mais amplo, funciona como uma ponte entre usuários e a tecnologia, através da organização espacial da informação. Johnson (2007) aponta outros conceitos de interface como “modo de representação de uma informação” e “mapeamento cognitivo dos ambientes” (p. 20), “meio de comunicação que permite ao usuário isolado navegar intuitivamente por documentos e aplicações” (p. 19). A interface, portanto, é uma estrutura conceitual, impregnada de referenciais simbólicos que não somente facilita a navegação de usuários pelos ambientes de rede, mas que também atua como mediador da experiência, fornecendo informações preliminares sobre a construção do ambiente que se apresenta.

Em um blog, consideramos que a interface gráfica é constituída pela distribuição espacial dos posts, links e demais elementos gráficos. Johnson diz que o modo como organizamos o espaço diz mais sobre o mundo que vivemos do que qualquer outro elemento. Talvez seja por isso que o primeiro layout do blog *Mothern*, uma estrutura padrão que já estava disponível no site em que o blog foi criado, nunca tenha agradado às criadoras durante os cinco primeiros meses em que ele foi utilizado. A necessidade de um design de apresentação personalizado é recorrente em várias postagens, como fica claro no post intitulado “O desabafo”.

Nós não gostamos mais deste layout de gatinhos. A verdade é que desde a segunda semana eles já tinham dado o que tinham que dar, mas estão aí porque tem sido mais fácil pra gente escrever do que fazer coisas em html. Aliás, tem sido mais fácil fazer qualquer coisa do que fazer layout em html. A Laura é designer e se envergonha um pouco desse layout. Ela já até criou um novo, mas não sabe bem o que fazer com ele. (GUIMARÃES; SAMPAIO).¹⁴

¹⁴ Data do post: 01/04/2002.

O fato de ambas possuírem empregos ligados à área de comunicação acentua o aspecto crítico em relação aos elementos gráficos do layout padrão. Considerando os aspectos mais técnicos destas duras críticas à interface antiga destacam-se a insatisfação com a fonte, que era “pesada e horrível” e a cor do texto “medonha”. O layout antigo, considerado “romântico” por ambas, parecia se afastar da proposta que ambas pretendiam. Nas palavras de Laura, “Nós não somos pessoas docinhas ou sonsinhas como pode parecer. Bem, às vezes um pouquinho, mas a Laura é invocada e a Ju é de escorpião.” (GUIMARÃES; SAMPAIO).¹⁵

Este comentário revela como a interface é um elemento de grande importância na identidade que gostaria de se imprimir no blog *Mothern*. Embora os textos publicados no blog já possuíssem a potencialidade de demonstrar o lado bem humorado e irônico da maternidade, a todo instante, as criadoras os completavam com inferências visuais que passavam, inclusive, sobre a forma de se vestirem, como fica claro ainda no post “O Desabafo”. “A possibilidade de encontrar a Laura vestindo salmão com patinhas ou a Juliana de bege com rosa é bem pequena. A Laura tem uma camisa de cobra e a Ju, uma camiseta preta com sapos.” (GUIMARÃES; SAMPAIO).¹⁵

Pode-se constatar, portanto, que a construção do universo *mothern* passa, de maneira determinante, pelos elementos estéticos que compõe o blog. Por isso, o *template* personalizado, aplicado cinco meses depois e que o caracteriza até os dias de hoje, é referenciado como uma grande conquista por ambas as criadoras, pois foi capaz de representar, inclusive visualmente, a proposta daquele espaço de discussão midiática.

Neste novo layout (Figura 1), as primeiras referências são dadas através do *template*. No *Mothern*, o campo é preenchido com uma foto de ambas as criadoras, parodiando o seriado *As Panteras* com o nome do blog em destaque e o título: “as incríveis aventuras de duas garotas que já pariram”.

Nota-se que as bordas do campo de apresentação e dos posts são arredondadas, recurso bastante utilizado pelo design quando se deseja transmitir inovação e modernidade. Por essa razão, utilizou-se a fonte *Earth*, com leves redimensionamentos.

¹⁵ Data do post: 01/04/2002.



Figura 1: Layout do template *Mothern*.

A produção fotográfica também revela uma dose de esmero e um cuidado com o resultado final. O trabalho é da fotógrafa Márcia Chernizon com a produção das próprias criadoras. Laura e Juliana aparecem em poses que imitam as personagens do seriado “As Panteras”. Nesta série americana, que estreou em 1976, nos Estados Unidos, com o nome de *Charlie’s Angels* e rapidamente ganhou o restante do mundo, três jovens, bonitas e inteligentes, desvendavam crimes de maneira hábil e se destacavam pelo manejo de armas e sua astúcia em elucidar os casos. Em pouco tempo, As Panteras já estampavam capas de revista, pôsteres, comerciais de TV, além de cederem suas imagens para brinquedos, itens de beleza, camisetas e muitos outros produtos de marketing, bem como acontece no universo *mothern*.

É inevitável a conotação de personagens que ambas assumem, associando sua imagem a uma esfera de entretenimento midiático. Na paráfrase, no entanto, os mistérios as serem solucionados são do âmbito da maternidade, problemas a serem “enfrentados” por essas mulheres, munidas de mamadeiras e chupetas no lugar de armas convencionais. Mães cujos traços do contemporâneo se revelam através do uso de faixas e acessórios como brincos, pulseiras, óculos estilosos, roupas com cores e estampas. O fundo utilizado na foto, desigual e texturizado, confere noção de profundidade à imagem e reforça a idéia de ação. Desta forma, o conceito de aventura está sempre presente. A ironia fica por conta do uso de uma mamadeira e uma chupeta no lugar das “armas” convencionais. Não é de se estranhar que a formatação do *Mothern* como um potencial produto mercadológico comece a ser embalado a partir de sua interface.

Ainda sobre a imagem da interface, se para um grupo de mães a fotografia inspira humor e irreverência, para outras pessoas a imagem foi motivo de conflito.

Braga (2005) relata o caso de duas leitoras que criticaram a imagem e até solicitaram a sua retirada, alegando que a imagem reforçava o uso dos objetos que eram prejudiciais ao aleitamento e à saúde dos bebês.

A polêmica derivou-se da publicação da fotografia-título do blog na revista ISTOÉ em sua edição n. 1775 (abril de 2003), em matéria que anunciava a expansão dos blogs pela rede. Na ocasião, tratava-se a superação da cifra do número dos blogs que ultrapassava a marca de 1 milhão. Entretanto, a circulação desta matéria em uma mídia mais ampla, como a revista, expôs a publicação a uma audiência mais abrangente e que atraiu posições discordantes como os protestos vindos do site aleitamento.org.

A irreverência no uso da imagem, no entanto, já sinaliza qual é a forma do humor que é utilizado. O humor é reforçado pela frase de abertura que funciona como um slogan “as incríveis aventuras de 2 garotas que já pariram”. Traz consigo a força do slogan que é uma frase capaz de traduzir o conceito de uma marca, de forma impactante, concisa e criativa. A utilização de palavras como “garotas” e o uso do verbo “parir” já sinalizam a linguagem coloquial que será utilizada de forma recorrente nos textos.

No slogan, o termo “garotas” expressa um prolongamento de um comportamento juvenil, a princípio pouco compatível com a maternidade, sendo o ser materno visto, usualmente, como um tipo idealizado, como estágio mais maduro do universo feminino. Este conflito é descrito no post “A mãe-adolescente”.

Não. Não vou falar de gravidez precoce. Nem de garotas que, antes dos 20, já têm que conciliar fraldas e mamadeiras com as atualizações constantes da agenda (se é que ainda existem agendas nesta era de blogs). Essas estão perdoadas. A mãe-adolescente à qual me refiro muitas vezes já passou dos 30. Tem filho(s), marido(s) – e/ou pretê(s), trabalho, rotina de casa já organizada. Tem passado e boas histórias pra contar. Mas tem também (e frequentemente) surtos tardios de adolescência descontrol. (CORRÊA; OLIVEIRA, p. 40).

Os termos “pretês” e “descontrol”, no escrito acima, remetem a outra publicação, o “Almanaque 02 neurônio”, voltado para pessoas de vinte e poucos anos. Dentre as principais características desta mãe adolescente estão: o fato de andar em turma e amigos prediletos, vontade de mudar o mundo, egoísmo que contrasta com o mito da doação materna extrema: “A mãe-adolescente sente-se um

pouco injustiçada quando tem que dividir com a filha o último prato do miojo.” (CORRÊA; OLIVEIRA, p. 40).

Analisando-se, portanto, a fotografia-título somada ao slogan, é possível identificar uma identidade que direciona a leitura e atrai determinados perfis maternos. Barthes (1996) refere-se a estes indicadores de linguagem como elementos dotados de “função de ancoragem”. Segundo o autor, já que existe uma rede flutuante de significados em torno das imagens, dos quais o leitor escolhe uns em detrimento de outros, o papel destes elementos é orientar a leitura do texto que se apresenta.

Fica claro, portanto, que o blog está direcionado para essa parcela de mães que falam abertamente da maternidade. Mães que hoje têm 30 ou 40 anos, no Ocidente, representam a primeira geração de mulheres que nasceram em um mundo com as conquistas femininas já consolidadas.

Assumir que você, uma mãe do novo milênio, não acha os filhos totalmente fascinantes e divertidos o tempo todo é uma situação que poucas mulheres estão dispostas a admitir”, diz a jornalista inglesa Helen Kirwan-Taylor. Ela causou escândalo na Inglaterra ao publicar, no jornal Daily Mail, o artigo “Sorry, but my children bore me to death” (“Sinto muito, mas meus filhos são um tédio mortal”). Mãe de dois meninos, ela não faz rodeios. “Essas revistas de celebridades que mostram mães famosas com ar sereno ao lado de seus filhos só servem para fazer outras mulheres se sentir estranhas. O que as fotografias não mostram é a monotonia e a solidão que é criar um filho. (GUIA..., 2006).

As demais informações no blog encontram-se dispostas em blocos de conteúdo, divididos em duas colunas (Figura 2). A coluna da esquerda, de maior visibilidade, tanto pelo posicionamento quanto pelo espaço físico, destina-se aos posts, organizados sob forma de cronologia reversa pela data de publicação. A presença da postagem mais recente no topo deste espaço reforça a premência pelo tempo real que o blog carrega consigo, privilegiando a informação mais recente, embora a estrutura hipertextual dos links ofereça outras formas de navegação.

LIVRO DE VISITAS
Leia e deixe o seu recado

LEIA TAMBÉM
Nossa primeira blogada.
Mothern. Vale a pena ser uma?
A Verdade.
Restaurante com crianças! mantendo a finesse.
Tchau, cocô!
Meu blog, meu filho.
Programas de curumim.
Porque contratar uma mothern.
Abomináveis.
O novo pai.
Unha é útil!
Primeiro Quiz Mothern.
Os piores pais.
Susi Foda.
Meu marido e sua performance.
Manual de convivência com amigas motherns.
Manual de convivência com amigos sem filhos.
A saga da escolha de uma escolinha.
Comendo os convidados.
Cabeleireira por um dia.
Marquinho, o sedutor de menores.
A teoria dos inversos proporcionais.
De mudança.
O que são 2 anos, afinal?
Matemática motherna.
No embalo das cólicas.
Chupeta no lixo.
Post-preguiça-descontrol.
Arquitetura motherna I (banheiros públicos).
Arquitetura motherna II (hoteleria).
Aunião duradoura.
O comercial que não vale um Danoninho.
Laura, versão 3.3.
Boancite, Cinderella.
O brinquedo abominável.
Mais lenha para a Borracheira.
Técnicas avançadas de alimentação infantil.
A bolsa mothern.
Cólica ou refluxo?
Só no sapatinho.
Tecnologia a (des)serviço da mothern.
A mascote.
Operação-brinco.
De começos e outras dores.
Mau-humor é uma merda.
"Diga-me o que ledes..."
Feira motherna.
O Homem-Banguela.
Organizações Mothern.

querias que apareceram, fizeram amizades, criaram laços, fizeram seus blogs, continuam por aí ou simplesmente foram tocar a vida em outros cantos. Esse povo bacana está fazendo uma oficina virtual sobre contos de fadas, que eu indico muito:

Oficina Encantamento

Você conhece algum Conto de Fadas?
Qual era o seu preferido quando criança?
Você acha Chapeuzinho Vermelho assustadora?
Gosta mais da versão light e politicamente correta da Disney do que dos Contos de Grimm?
Então você precisa entender por que é melhor para as crianças ler os Contos de Fadas originais, com toda a aparente violência e que importância isso teve na formação da nossa personalidade.
Vamos ler alguns contos de fadas à luz da psicanálise e da psicologia junguiana e entender um pouquinho, sem stress, de símbolos, arquétipos, id, ego e outras coisinhas que você sempre quis saber mas ficou com medo de ser chamada de ignorante.
Para mães, pais, tios, futuros pais, para quem gosta de crianças ou pra quem só quer saber porque lia aquela mesma história tantas vezes quando era criança, mesmo que fosse só para chorar.

Investimento : R\$100,
duração : dois meses
contato: oficinacontosdefadas@gmail.com
data: começaremos 5 de setembro

: Laura :

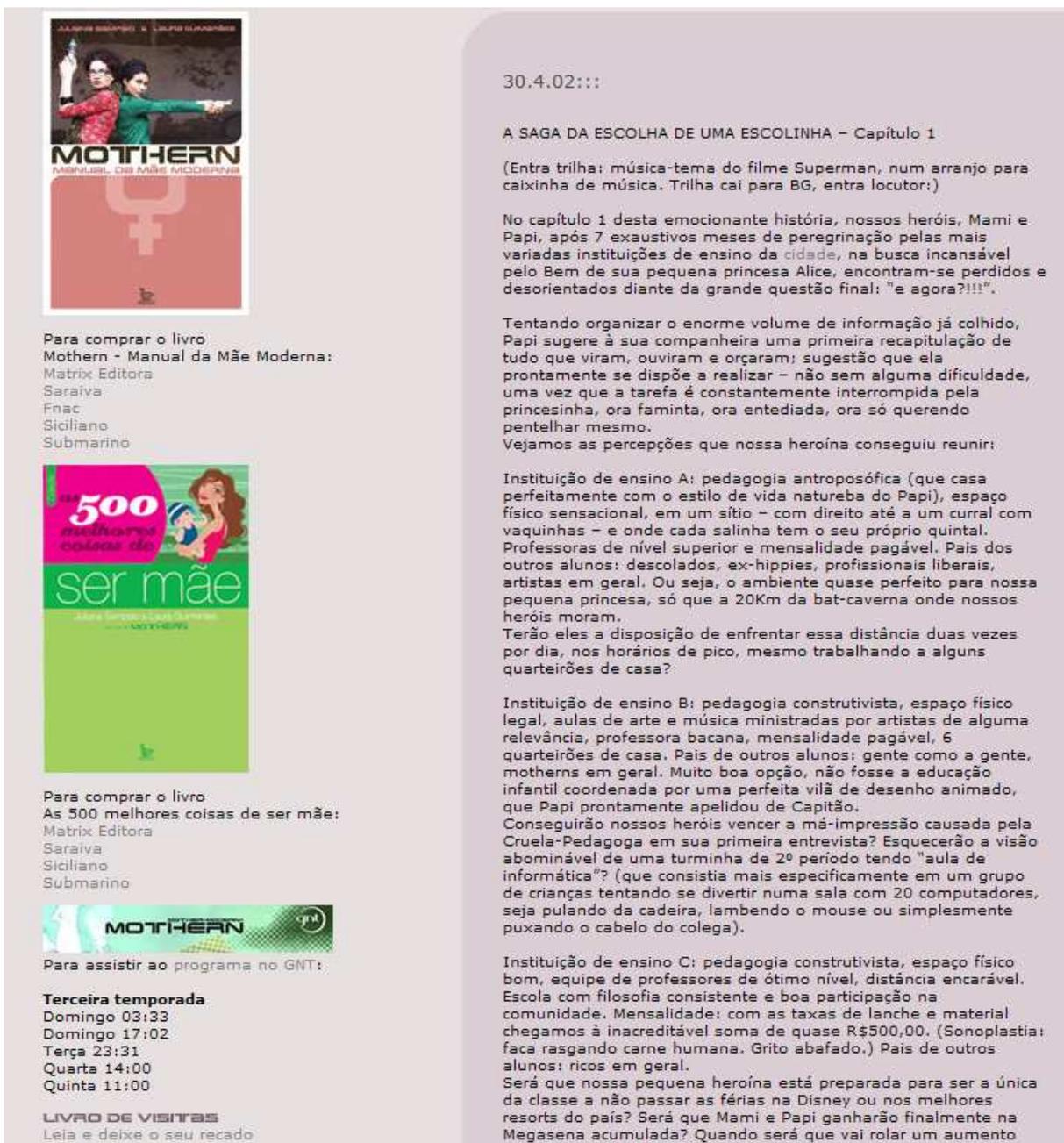
3:25 AM
27.8.07::

Nada como um email desses pra tirar a poeira do blog. Com vocês, a Vanessa:

Amei, amei, amei o livro. Comprei e não conseguia largar. Já fiz mais três amigas comprarem também - inconcebível, agora, viver sem as pérolas do melhor que há na literatura brasileira sobre e para mães. Despretensioso, o livro atinge um patamar supremo, onde nos identificamos numa boa com a situação e emergimos da leitura com a sensação light do "não sou só eu" e "não estou só", rindo disso e tocando adiante, sentindo-se normal, afinal. Abordar nossas situações tão cotidianas através dos ângulos mais inusitados e com um humor incomparável - impagável! E sem termos que ler as frases e bordões dos livros de auto-ajuda de psicólogos e psiquiatras, com os quais, muitas vezes, você se identifica com sentimento de "mea culpa" e lê regras para, em tese, melhorar, que, na prática, são simplesmente impossíveis de seguir - e toca mais "mea culpa" na mãe impossibilitada... Não, basta. O livro de vocês supera tudo isto!

Figura 2: Interface do blog *Mothern* (posts e links).

Ao lado dos posts, na coluna da esquerda, são organizadas informações complementares. Em geral, são listados nos blogs o histórico de publicação – por data ou assunto –, dados sobre o perfil de quem o criou, enquetes, endereço eletrônico para contato e uma lista de links relacionados, além de agregadores e ferramentas de contagem. No *Mothern*, os produtos que se originaram a partir do blog aparecem em destaque neste campo: em primeiro lugar, os livros, seguidos de links para a compra (Figura 3). Em seguida, as informações sobre a série televisiva no canal GNT. A disposição dos produtos, em destaque no blog, sugere o apreço que as criadoras possuem pelas adaptações decorrentes do blog, incentivando a aquisição dos mesmos e afirmando o apelo mercadológico do blog, aumentando a visibilidade do universo *mothern* que se espalha por diferentes suportes.



30.4.02:::

A SAGA DA ESCOLHA DE UMA ESCOLINHA – Capítulo 1

(Entra trilha: música-tema do filme Superman, num arranjo para caixinha de música. Trilha cai para BG, entra locutor:)

No capítulo 1 desta emocionante história, nossos heróis, Mami e Papi, após 7 exaustivos meses de peregrinação pelas mais variadas instituições de ensino da cidade, na busca incansável pelo Bem de sua pequena princesa Alice, encontram-se perdidos e desorientados diante da grande questão final: "e agora?!!!".

Tentando organizar o enorme volume de informação já colhido, Papi sugere à sua companheira uma primeira recapitulação de tudo que viram, ouviram e orçaram; sugestão que ela prontamente se dispõe a realizar – não sem alguma dificuldade, uma vez que a tarefa é constantemente interrompida pela princesinha, ora faminta, ora entediada, ora só querendo pentelhar mesmo.

Vejamos as percepções que nossa heroína conseguiu reunir:

Instituição de ensino A: pedagogia antroposófica (que casa perfeitamente com o estilo de vida natureza do Papi), espaço físico sensacional, em um sítio – com direito até a um curral com vaquinhas – e onde cada salinha tem o seu próprio quintal. Professoras de nível superior e mensalidade pagável. Pais dos outros alunos: descolados, ex-hippies, profissionais liberais, artistas em geral. Ou seja, o ambiente quase perfeito para nossa pequena princesa, só que a 20Km da bat-caverna onde nossos heróis moram.

Terão eles a disposição de enfrentar essa distância duas vezes por dia, nos horários de pico, mesmo trabalhando a alguns quarteirões de casa?

Instituição de ensino B: pedagogia construtivista, espaço físico legal, aulas de arte e música ministradas por artistas de alguma relevância, professora bacana, mensalidade pagável, 6 quarteirões de casa. Pais de outros alunos: gente como a gente, motherns em geral. Muito boa opção, não fosse a educação infantil coordenada por uma perfeita vilã de desenho animado, que Papi prontamente apelidou de Capitão.

Conseguirão nossos heróis vencer a má-impressão causada pela Cruela-Pedagoga em sua primeira entrevista? Esquecerão a visão abominável de uma turminha de 2º período tendo "aula de informática"? (que consistia mais especificamente em um grupo de crianças tentando se divertir numa sala com 20 computadores, seja pulando da cadeira, lambendo o mouse ou simplesmente puxando o cabelo do colega).

Instituição de ensino C: pedagogia construtivista, espaço físico bom, equipe de professores de ótimo nível, distância encarável. Escola com filosofia consistente e boa participação na comunidade. Mensalidade: com as taxas de lanche e material chegamos à inacreditável soma de quase R\$500,00. (Sonoplastia: faça rasgando carne humana. Grito abafado.) Pais de outros alunos: ricos em geral.

Será que nossa pequena heroína está preparada para ser a única da classe a não passar as férias na Disney ou nos melhores resorts do país? Será que Mami e Papi ganharão finalmente na Megasena acumulada? Quando será que vai rolar um aumento

Para comprar o livro
Mothern - Manual da Mãe Moderna:
 Matrix Editora
 Saraiva
 Fnac
 Siciliano
 Submarino



Para comprar o livro
As 500 melhores coisas de ser mãe:
 Matrix Editora
 Saraiva
 Siciliano
 Submarino



Para assistir ao programa no GNT:

Terceira temporada
 Domingo 03:33
 Domingo 17:02
 Terça 23:31
 Quarta 14:00
 Quinta 11:00

LIVRO DE VISITAS
 Leia e deixe o seu recado

Figura 3: Interface do blog *Mothern* (produtos).

Em seguida, o campo “Livro de Visitas” convida os visitantes do site à participação por meio da frase “Leia e deixe o seu recado”. Por problemas técnicos, o livro de visitas do *Mothern* não se encontra neste campo e sim no endereço <http://muriloq.com/mothern>. O histórico das postagens vem em seguir, selecionados por títulos, cuja disposição corresponde, aproximadamente, às datas de publicação. Após um campo com email de contato, estende-se uma longa lista de blogs relacionados, que evidenciam a constituição de uma blogosfera. Nesta, os links apontam não só para os blogs de outras mães, como também para uma variada

gama de perfis que discutem atualidades, propaganda, comportamento, moda e assuntos diversos. Além de blogs, o campo “Alguns sites” reúne, no mesmo espaço, links para sites que tratam assuntos como educação infantil, comportamento feminino ou propaganda. É curioso notar que, embora o apuro visual seja um critério valorizado pelo blog *Mothern*, sites como “Clube do Bebê”, extremamente poluído visualmente, divide espaço com o esteticamente bem organizado “Corre Cotia”. No entanto, a presença de ambos no mesmo campo sugere que o alto teor informativo destes os aproxima bem mais do que as suas diferenças visuais. De modo criativo, o próximo campo se intitula “Jabá dos Maridos”, com um link para uma página de ai ki dô e link, atualmente quebrado, para uma revista de reggae (Massive Reggae). Revelam-se aqui as profissões também contemporâneas dos maridos, um DJ e um professor de artes marciais.

Os três campos seguintes reúnem os créditos da produção da página: layout, foto e programação, produzidos por profissionais que são referência em suas respectivas áreas.

O campo para o registro histórico dos arquivos ainda consta na página, mas o conteúdo foi retirado. Os agregadores e contadores estão dispostos no final desta coluna.

Embora conte com uma foto bastante colorida, a referência à maternidade e ao feminino pode ser identificada nos tons de lilás que ocupam grande parte do layout, uma alternativa aos tons de rosa.

A partir dessa análise da interface, um elemento significativo já se torna bastante visível: a presença da linguagem publicitária permeando todos os aspectos do blog.

Para se analisar um discurso, é indispensável lançar um olhar para o “lugar de quem fala”. Ao se analisar o blog *Mothern*, portanto, é preciso qualificar em que medida este olhar publicitário das autoras lhe confere distinções e peculiaridades frente a outros blogs que possuem temáticas semelhantes.

Embora no senso comum tanto a palavra *publicidade* quanto *propaganda* estejam impregnadas do sentido comercial, o vocábulo propaganda, literalmente traduzido do latim, significa “algo a ser disseminado” – com os primeiros usos referindo-se à propaganda religiosa do século XV. Além do cunho religioso, o termo já esteve ligado a manifestações diversas, dentre elas o Movimento Nazista e a Revolução Russa. Esta idéia de propaganda é adequada, portanto, à idéia de

manifesto anteriormente explicitada, em que o blog figura como porta-voz tanto de uma nova forma materna de encarar o mundo, quando de uma forma moderna de se encarar a maternidade, como fica claro em entrevista de Juliana ao site Trama Universitário.

Acho que o *Mothern* fala de uma transformação específica, que é a da condição feminina e dos papéis assumidos pelas mulheres (principalmente na maternidade). Fazemos parte de um processo que não vem de hoje, que passa, por exemplo, pelo movimento feminista, e sinto que tivemos a sorte ou a competência (ou ambas) de captar o que os alemães chamam de *zeitgeist*: o espírito de uma época. Falamos sobre a maternidade com um enfoque e uma linguagem que encontrou muito eco nas mulheres de nossa geração.¹⁶

Nota-se que, através deste discurso, Juliana toca em um ponto crucial: enfoque e linguagem. William Bernbach, referência na propaganda criativa, foi um dos primeiros a defender que “o que dizemos não é mais importante que a forma como o dizemos, porque nada é tão forte como o poder de uma idéia”. (BERNBACH *apud* BERDINGER, 1993, p. 40).

O sucesso do *Mothern*, ao contrário de muitos blogs, difere-se de outros espaços relacionais com características semelhantes. Sites como o “Cria Minha (memórias e impressões de mãe, mulher e menina)”, “Mãe de Gêmeas”, entre outros, são contemporâneos do *Mothern*, também possuem temática semelhante e contam com um significativo número de acessos. Na linha de espaços que tratam o comportamento feminino, os famosíssimos “02 neurônio” e “Banheiro Feminino” são antecessores de grande visibilidade na mídia, mas sem atingir tantos desdobramentos como o objeto deste estudo. O apuro visual, os textos bem estruturados, o conceito criativo e a habilidade em lidar com os temas tornam o blog *Mothern* um produto midiático muito bem estruturado, que se utiliza de estratégias de venda e busca por audiências herdadas das mídias massivas como a própria TV, que foi outro ponto de chegada deste universo.

¹⁶ Entrevista “5 perguntas: *Mothern*”, publicada no dia 22 de setembro de 2006 [Online]. Disponível em: <http://tramauniversitario.uol.com.br/noticias/noticias_detalhe.jsp?id=13273>. Acesso em: 14 ago. 2008.

2.4 Posts: temas e construção textual

Mesmo em um período anterior à aprovação deste projeto de pesquisa, houve um acompanhamento de todas as postagens do blog de 2003 a 2007. Embora esta observação não-participante não seja suficiente para constituir um procedimento metodológico, ela auxilia na percepção de aspectos subjetivos que circulam no ambiente blog. O corpus definido para a análise foram os dois primeiros anos de existência do blog, entre 2002 e 2004. Este período foi escolhido pela regularidade das postagens, onde já é possível perceber nitidamente as estruturas citadas. Nos anos seguintes a este período, os novos posts mantêm essa estrutura padrão, embora a temática apresente uma nova vertente: a divulgação de matérias e produtos *mothern* decorrentes do sucesso do blog.

O segundo ponto a ser tratado é a composição textual dos posts, seus temas e discursos. Por mais híbrida que seja a apresentação das temáticas, mesclando humor, informação, reflexões e informações, é possível identificar alguns temas recorrentes.

O primeiro conjunto de temas está ligado à postagem de informações úteis para o cuidado com as crianças. Como exemplos destes conteúdos constam dicas práticas de como lidar com o choro infantil, como alimentar uma criança que se recusa a comer, diferenças entre cólica e refluxo, como se comportar em um restaurante com as crianças, como cortar as unhas de um recém-nascido. Alguns destes textos são apresentados com o título de “Manual da Mãe Moderna” e seu objetivo é oferecer um texto claro, de fácil leitura, capaz de orientar estas mães em situações cotidianas da maternidade, ampliando o debate entre elas. Ainda neste campo, figuram todas as técnicas desenvolvidas pelas *motherns* para lidar com o dia-a-dia infantil. Dentre as mais famosas, que figura inclusive no prefácio que a cantora Fernanda Takai descreve na orelha do livro, está a “Festa da Barriga”, estratégia infalível para a alimentação de crianças que se recusam a comer. Ainda do ponto de vista informativo, alguns temas são propostos com o objetivo de relatar informações úteis sobre o parto e o pós-parto que, geralmente, não constam nas literaturas, como mostra este trecho do post intitulado “Realismo sujo ou o lado trash da maternidade”.

[...] lembro de um espectro de branco com um aparelho de barbear nas mãos, que entrou no quarto onde eu estava sofrendo as piores dores que já senti em toda a minha vida e veio em minha direção para... raspar toda a redondeza daquela região por onde se esperava que a minha filha saísse! [...] Nenhuma das minhas amigas *motherns* se lembrou de me prevenir. (CORRÊA; OLIVEIRA, p.14).

Além das informações práticas, que constituem boa parte do conteúdo do blog, outra temática bastante recorrente refere-se à analogia entre se ter um filho e manter um blog. Os desafios enfrentados pelas blogueiras para lidar com a ferramenta são relatados e, muitas vezes, resolvidos através das trocas dialógicas que acontecem neste meio. Da postagem de comentários, sugestões de leitoras, até a montagem do novo layout, muitas dicas perpassaram os comentários do blog. A analogia entre o blog e maternidade fica clara no post a seguir.

Ter um blog é como ter um filho. Eu e a Laura sempre nos referimos ao *Mothern* como “nosso bebê”. Claro, a gente planejou ele junto, curtimos juntas cada momento da sua criação e nos revezamos nos cuidados diários com ele. Mas não é só isso. Pensando um pouco mais no assunto, dá pra ver que são muitas as semelhanças entre ter um blog e ter um filho. Aí vai uma lista com algumas delas:

- Na hora de fazer é muito fácil, depois que está pronto é que dá mais trabalho.
- Exige dedicação constante.
- Escolher o nome dele é uma novela: você pensa, pensa, pensa, faz listas, e não fica satisfeita enquanto não encontra um que adora.
- Você sempre acha o seu mais bonito e inteligente que os dos outros.
- Você tem orgulho da sua criação e, se alguém puxar o assunto, é capaz de falar horas sobre ele.
- Por causa dele você passa a conhecer um monte de gente legal, que você nem sabia que existia antes. (Aliás, depois que você faz o seu, descobre que o mundo se divide entre os que têm e os que não têm).
- Você pensa nele várias vezes por dia (e geralmente tem um leve sorriso nos lábios quando está fazendo isso).
- Algumas vezes você acha que, se não fosse pela grana, ia ser uma delícia poder ficar só cuidando dele, ao invés de trabalhar.
- Por essas e outras, os chefes preferem que seus funcionários não tenham um.
- Você acredita que está sempre fazendo o melhor por ele.
- Você vive na ilusão de que, no futuro, ele ainda vai ser o seu sustento.
- Você adora quando as pessoas o elogiam.
- Você tende a relativizar os defeitos dele (se é que consegue ver algum).
- Você cria uma enorme cumplicidade com a pessoa que te ajudou a fazê-lo (a menos que ele seja uma produção independente, que você assumiu sozinha), mas também algumas discórdias sobre o que devem ou não fazer com ele (um sempre acha que o outro poderia participar mais).
- Leituras maçantes sobre o mundo deles passam a interessar você.
- Você acha que tem menos tempo para ele do que deveria, e às vezes se sente culpada por não se dedicar tanto quanto gostaria.
- Volta e meia você se assusta com o quanto ele está crescendo rápido.
- Quem o vê pouco acha que ele está crescendo mais rápido ainda.
- Quem o vê muito tem mais facilidade para entender o que ele diz.
- Você aprende muito com ele.

- Seu marido reclama quando você dá atenção demais a ele à noite.
- Você acha que ele fez a sua vida mudar para melhor.
- Se alguém que você mal conhece comenta que também tem um, logo vocês estão conversando animadamente sobre eles.
- Volta e meia você pensa em ter outro. (GUIMARÃES; SAMPAIO).¹⁷

A finalização do post mostra uma tendência que é o fato de que, geralmente, quem tem um blog, por vezes, pensa em ter mais de um. Em muitos casos, a familiaridade com a ferramenta estende-se no desejo de se tratar outros assuntos em outras publicações, mostrando que assuntos diferentes precisam, por vezes, de canais distintos. No caso do *Mothers*, o blog “Heranças” chegou a ser criado, mas em pouco tempo foi abandonado por falta de tempo e contribuições.

Além das dicas práticas sobre os cuidados com o bebê, há no blog muitas reflexões sobre assuntos contemporâneos voltados para a educação infantil, como sexualidade, religião, moda e comportamento. Um exemplo é o post a seguir:

Era uma vez um príncipe que estava procurando sua futura rainha. Ele foi apresentado a uma princesa, duas princesas... e se apaixonou por outro príncipe. Eles se casaram em uma linda cerimônia e viveram juntos felizes para sempre. Parece uma comédia gay underground? Não é – o texto em questão é de um livro escolar.

[...]

Nós, que adoramos a idéia, esperamos que alguma editora nacional se anime logo a lançar uma tradução desses títulos por aqui ou, quem sabe, que algum escritor local se aventure no assunto. Enquanto isso não acontece, que tal se a historinha desta noite, aquela que a gente inventa na cama pras crianças, tiver algum personagem gay, assim, retratado sem nenhum preconceito? Vamos tentar? (GUIMARÃES; SAMPAIO).¹⁸

Além desses temas, uma miscelânea de reflexões sobre as dicas de produtos, dilemas contemporâneos, tiradas infantis, perguntas e divagações compõem um mix de assuntos que perpassam todo o blog. É fundamental destacar que o agendamento destes assuntos são, em grande parte, fruto de vivências do cotidiano de ambas as criadoras, como mostra o post a seguir:

Minha vida vai dar uma reviravolta em pouco tempo. Foram oito anos trabalhando oito horas por dia no mínimo, alguns fins de semana, algumas noites viradas, férias remuneradas, salário todo mês. Muita experiência, aprendizado, amizade, diversão e nome na praça. Pude pagar muitas contas, vestir minhas filhas, ir à Europa e fazer pequenas extravagâncias na Forum. Mas eu sempre tive vontade de deixar isso tudo para ter mais tempo com Nina e Gabriela. Não sei se o que sempre senti é culpa ou saudade.

¹⁷ Data do post: 22/02/2002.

¹⁸ Data do post: 14/03/2007.

Mas sempre soube que essa época da infância dos filhos é efêmera, essencial e irreversível. Esse tempo não volta. (GUIMARÃES; SAMPAIO).¹⁹

Os blogs possuem esta potencialidade de trazer a vida de quem o escreve para o centro das discussões, aproximando os extremos do processo de comunicação: emissão e recepção. Acompanhar um blog pode significar não só acompanhar a postagem de mensagens de conteúdos diversos, como também antever aspectos subjetivos dessas identidades.

2.5 Construção textual

A liberdade de criação, recriação e distribuição de informações no ambiente digital reflete-se não somente no âmbito do esmaecimento de fronteiras entre diferentes mídias, mas também em relação à mistura de linguagens que se apresenta nestes processos. Uma das características mais marcantes das narrativas digitais, portanto, é o hibridismo. Este processo passa pela mistura de diferentes sistemas narrativos, de gêneros, de colagens, recortes e mixagens. Nos blogs, além da fragmentação dos discursos, compostos por narrativas curtas, dicas, diálogos e reflexões, o leitor também se transforma em co-autor, podendo, potencialmente, interferir no processo de produção da mensagem. O blog *Mothern* possui uma estrutura de enunciação que se constitui a partir de tópicos de leituras, narrativas breves, diálogos, links e, em menor escala, de imagens. Dentre elas, embora a mescla de formatos textuais seja o aspecto predominante do blog, três formas de enunciação podem ser facilmente identificadas, a saber: hierarquização por meio de listas, construção dos diálogos e a narrativa breve, que contém um “bom conselho” muitas vezes irônico.

A primeira estrutura textual que será analisada serão os tópicos de leitura, listas e rankings que favorecem a consulta rápida e objetiva. Este formato sugere uma forma pragmática de organização, que reforça o caráter dinâmico da publicação, em termos tanto de produção como de expectativa de recepção de textos. Ao mesmo tempo em que facilita a leitura, revela uma característica da

¹⁹ Data do post: 23/04/2002.

contemporaneidade que é a tentativa de reunir os assuntos sob um determinado ponto de vista, diante da multiplicidade de informações.

Os textos em tópicos diversos, múltiplos, remetem à cultura dos almanaques marcados pelas variedades de assuntos, ainda que, no caso do *Mothern*, sob um temário acerca da maternidade. Chartier (1999) refere-se aos almanaques como um gênero, ao mesmo tempo literário e editorial utilizado para difundir textos de natureza extremamente diferente. Os textos podem ser lidos sem uma ordem específica, proporcionando uma leitura mais fluida, que não pressupõe a linearidade cronológica.

Essa construção presente no *Mothern* parece adequada ao tempo presente em que essa “cultura do almanaque” se espraia por diversos produtos culturais²⁰. O espaço que antes era ocupado por curiosidades, piadas, histórias, dicas de saúde, dá lugar às reconstituições sobre temas variados, seja uma coletânea de informações sobre uma determinada época, seja uma leitura comportamental, reunindo humor e informação, através de suas narrativas pontuais e concisas.

Não que estejam sozinhos [os almanaques], em meio à tendência de lançamento de publicações de maior apelo de público. Vide as coleções publicadas a partir de motes como os sete pecados capitais, os cinco dedos da mão, ‘meu time de coração’, ‘guia dos curiosos sobre...’, ‘cartas a um jovem...’, entre outras. Mas os almanaques chamam atenção pela rapidez com que se popularizaram e pelas direções que indicam, a partir de uma receita semelhante: muitas fotos e ilustrações e textos bem concisos, costurados por uma diagramação livre, descontraída, como um convite a uma leitura mais fácil e fluida (qualquer semelhança com a fragmentação na junção entre texto e imagem nos sites da Internet não parece ser mera coincidência). (CULTURA..., 2008).

De fato, a cultura do almanaque, presente no *Mothern*, remete também à internet, em sua fragmentação textual, perceptível na estrutura que aparece nas listas que circulam pela internet e privilegiam a leitura rápida. As pílulas de informação, características da cultura pop, trabalham a informação em superfície promovendo a informação rápida e prática em detrimento do aprofundamento no tema. Esta estrutura, que também é recorrente na publicidade e no jornalismo online, está presente no post a seguir, que trata o carnaval com as crianças.

²⁰ São exemplos publicações variadas como o “Almanaque dos anos 90”, o “Almanaque dos anos 80”, “100 dicas para viajar melhor”, entre outros.

G.R.E.S. Unidos do Vamo Vê no Que Dá

O Carnaval taí, você não conseguiu programar nenhuma viagem, seu marido resolveu te deixar sozinha com a cria em casa e aprimorar-se no caminho da harmonização com o universo lá pras bandas de Floripa. E agora você não tem idéia de como vai sobreviver aos próximos 5 dias. Bom, como este é quase um blog de auto-ajuda, aí vão minhas dicas para o seu filme não chegar em cinzas na quarta-feira:

- Deixe desde já ativada sua rede de contatos emergenciais: mãe, irmã, prima, amiga-que-segura-a-onda. Em 5 dias sem marido, sem escola, sem babá e sem empregada, você vai precisar MESMO delas.

- Informe-se sobre a programação de carnaval dos amigos e parentes mais próximos (de preferência dos que também têm filhos) e tente encaixar-se em algumas delas. Vale encarar sítio de tia-avó, passeio na cachoeira com primos bicho-grilos, almoço com a sogra, piquenique no parque.

- Aproveite a sesta das crianças para desfrutar as delícias da sua recém-adquirida conexão banda-larga residencial. Nesta hora, você pode até combinar outros programas com as comadres da sua comunidade blogueira. Ou quem sabe receber propostas e sugestões pelo MSN Messenger?!

- Reserve 1 dia para levar sua criança a uma programação típica. Ela nasceu no País do Carnaval, merece ver um folião de perto ao menos uma vez na vida. Vista nela uma fantasia improvisada (se estiver muito animada, improvise uma pra você também. De preferência, combinando) e procure algum lugar onde o carnaval ainda tenha um resto de inocência. Pequenas cidades do interior são perfeitas para quem quer combinar criança e carnaval de rua diurno.

- Mantenha um mínimo de rotina alimentar para as crianças. Não é porque você se orgulha de já ter sobrevivido a um carnaval inteiro com uma dieta líquida (mais precisamente, destilada), que vai tentar repetir isso em casa.

- Confirme com antecedência como vai ser o horário de funcionamento dos serviços-chave que você vai precisar: restaurantes, videolocadoras, delivery de comidas, parque de diversões, shopping centers (este último só para casos extremos).

- Faça um esforço sobre-humano e lave o que você sujar na cozinha durante estes dias. Tá certo que o seu marido é de uma espécie transgênica superior e nunca deixou você lavar um copo sequer desde que vocês moram juntos. Mas não é por isso que você vai deixá-lo descobrir – justo na hora em que ele está voltando de viagem e você, morta de saudade – como sua cozinha costumava ser nos tempos de solteira.

- Mas se no final tudo der errado, as crianças só te estressarem e você resolver aproveitar a solteirice forçada para cair na lama como nos velhos e bons tempos, não se preocupe muito: estamos no maior país católico do mundo e a quaresma vem aí cheia de rezas, novenas e procissões ótimas para foliões arrependidas.

"Bandeira branca, amor..." (GUIMARÃES; SAMPAIO).²¹

Neste post, a idéia de que cuidar dos filhos é uma aventura fica evidente em trechos como “você não tem idéia de como vai sobreviver aos próximos 5 dias”, “rede de contatos emergenciais”. O conceito de um blog como manual confirma-se através da cômica associação “quase um blog de auto-ajuda”. As dicas práticas deste manual ficam por conta das indicações, que passam por programação de carnaval em cidades do interior, cachoeiras, piqueniques, combinar programas com

²¹ Data do post: 23/02/2003.

outras pessoas que também tenham filhos. Embora predominem as alternativas de como lidar com a situação (que além das dicas, incluem conselhos como agendamento dos “serviços-chave” à hidratação e rotina alimentar), o humor se revela através de trechos como “estamos no maior país católico do mundo e a quaresma vem aí cheia de rezas, novenas e procissões ótimas para foliãs arrependidas” ou na referência “como sua cozinha costumava ser nos tempos de solteira.” O humor se mescla à ironia nas frases marcadas pelo eufemismo “dieta líquida (mais precisamente, destilada)”, ou “marido resolveu te deixar sozinha com a cria em casa e aprimorar-se no caminho da harmonização com o universo”.

A escrita publicitária fica evidente no uso do título criativo “G.R.E.S Unidos do Vamo Vê no quê dá” que se pauta pela originalidade da associação com a sigla das escolas de samba Grêmio Recreativo Escola de Samba e pela cadência das palavras, que sugerem o ritmo e a sonoridade dos versos de sambas-enredo. A criatividade também se revela nas associações como “filme não chegar em cinzas na quarta-feira”.

Como o blog dá pistas sobre a que mãe contemporânea esta publicação se refere, entre elas estão o fato de se ter a tecnologia permeando os processos interacionais. Entre os mais presentes estão “as delícias da sua recém-adquirida conexão banda-larga” “comadres blogueiras” ou sugestões via MSN Messenger. Além destas referências, o post é repleto de links que, além de reforçarem o caráter hipertextual do espaço, complementam as informações sobre esta identidade *mothern*. Dentre elas estão o marido com ocupação alternativa (revelada no link de um site de aikido²²), o link para “A Obra”, boate bastante mais conhecida no circuito alternativo de Belo Horizonte (também nomeada por elas como *inferninho* em outros posts), sugerindo que as mães também ‘caem na lama como nos velhos tempos’ que pressupõe um período anterior à maternidade. É importante perceber que a referência à presença masculina se dá também pela divisão de tarefas, na independência que cria a oportunidade de fazerem programas separados e que não necessariamente passam por programas com os filhos. A referência “espécie transgênica superior”, portanto, à frente do seu tempo, por dividir as tarefas

²² Aikido é uma arte marcial voltada para o equilíbrio e a não violência, tenta entender o fator gerador desta violência e como transforma-la em algo saudável, harmonioso e construtivo. Busca desenvolver a energia interior, evitando utilizar força física desnecessária

domésticas, refere-se à analogia ao conceito de “mulher superior” recorrente no almanaque “O2 neurônio”.

Em outras situações, as listas são usadas como alternativa para descrever um fato já ocorrido, como mostra este post sobre brincadeiras infantis.

Por que organizar um chá de bonecas:

- Para matar a sua vontade de fazer um evento com o nome tão lindo como “chá de bonecas”.
- Para aliviar a culpa de deixar sua filha a tarde toda só com a babá e a empregada.
- Para se sentir uma lady inglesa do séc. XVIII.
- Para gastar seus dotes de publicitária, fazendo um convitinho lindo e personalizado (com a ajuda e a boa-vontade da sua dupla).
- Para as coleguinhas da sua filha conhecerem a sua casa.
- Para as meninas se sentirem muito importantes na escola, por terem um evento só para elas.
- Para a sua filha aprender a ser mais desprendida com os próprios brinquedos, e descobrir o prazer de compartilhar.
- Para a sua filha conhecer as bonecas favoritas das amiguinhas (como a adorável Isadora, da Julinha).
- Para observar mais de perto como é a relação da sua filha com as colegas, e como cada uma delas tem um gênio bem diferente da outra.
- Para dar à babá uma tarefa bem mais complexa do que passar as tardes brincando com uma única e dócil menininha.
- Para as garotas descobrirem que também é uma delícia brincar em grupo fora da escola.
- Para ter esse momento registrado em foto e vídeo.
- Para servir às crianças um lanche especial, cheio de coisas deliciosas.
- Para seu marido chegar mais cedo do trabalho, a tempo de inventar brincadeiras com as meninas e ouvir, na despedida de uma das amiguinhas: “Tchau, pai-da-Alice-engraçado!”.
- Para chegar em casa à noite, frustrada por não poder ter estado presente.
- Para esquecer essa e todas as outras frustrações ao ouvir da sua filha, após um suspiro, “Aaaai! Que felicidade!” (GUIMARÃES; SAMPAIO).²³

Assim como o post anterior analisado, a estrutura em tópicos facilita a leitura, que se utiliza da repetição²⁴, e a visualização do conteúdo e marca a continuidade do tema em questão: o chá de bonecas. Esta estrutura facilita a organização das informações sem a necessidade de aprofundamento de cada item, além de reforçar a ideia de quantidade (são muitas as razões para se organizá-lo).

Quanto ao tratamento do tema é importante perceber que, mesmo que as blogueiras insistam que a culpa é uma característica da mãe tradicional, como é

²³ Data do post: 04/07/2003.

²⁴ Antúñez (2007) considera a repetição um recurso estilístico importante quando não se possui um conhecimento prévio sobre o assunto ou não se deseja o aprofundamento em determinado assunto. Desta forma, a própria estrutura da repetição já favorece a articulação entre os tópicos, conferindo coesão à construção por sua própria estrutura. Além disso, é uma forma de marcar a continuidade do tema que está no foco.

citado no livro “Mães adoram uma culpa. *Mothers*, não”, essa culpa pela vida atribulada aparece em dois momentos no post: “Para aliviar a culpa de deixar sua filha a tarde toda só com a babá e a empregada” e também no final “frustrada por não estar presente”. Mais uma vez, a referência ao masculino sugere uma imagem paterna contemporânea, com horários mais flexíveis e mais integrado à rotina das crianças.

O ambiente publicitário está presente na referência ao convite personalizado. Embora o humor seja pouco explorado neste post, a referência “dócil menininha” tem traços de ironia.

Em muitos casos, as listas se destacam na hora de eleger melhores/piores produtos para o público infantil, clareando as escolhas que precisam ser feitas, de situações complexas até o mero fato de se escolher um DVD, como mostra o post a seguir.

Por falar em Disney, vai aí a minha opinião sobre alguns filmes:

A Pequena Sereia: Muito bom. A trilha sonora é ótima, até ganhou Oscar. A Zezé Mota faz a voz da vilã. O roteiro tem uns probleminhas, mas no geral é bem divertido. A campanha de Natal do Boticário chupou descaradamente, desenho e música. Tudo bem, referências... A continuação? o retorno para o mar? é bem pior.

Tarzan: É o meu preferido. Vi no cinema e tenho em vídeo. É dos mais recentes, tem a tecnologia da computação gráfica e a fofura dos filmes de selva. Lindo.

O Rei Leão: Um dos melhores. Faz mais sucesso com meninos. Trilha bacana. Só acho a cena da morte do pai do Simba muito pesada para crianças pequenas.

Atlantis: Só vi no cinema. É bonito, bem feito e o traço do desenho é mais moderno, tipo quadrinho adulto. Mas a história é bem bobinha. (como se as outras não fossem...)

A Bela Adormecida: Me deu sono.

Depois eu comento outros. Agora vou dormir.

Laura.

[...]

Já que a Laura inaugurou a sessão de críticas construtivas aos produtos de entretenimento infantil, quero registrar aqui meus comentários sobre o pior deles já lançado em todos os tempos: o CD Xuxa Só Para Baixinhos (que a Alice teve a infelicidade de ganhar de Natal).

Quero deixar bem claro que eu não tenho nada pessoal contra a mãe da Sasha: ela até deve ter seus momentos *mothern?* mas, definitivamente, este CD deveria entrar na categoria dos produtos terminantemente proibidos para menores (Juiz Darlan, lembra, meu filho! Onde está você quando a gente realmente precisa?!).

Primeiro, a produção musical é tipo assim... Z menos: parece que contrataram um daqueles tecladistas de igreja para fazer a base e sobre esta base colocaram a voz da Xuxa. Só! Aliás, não é só, não. Para piorar, o CD vem acompanhado com uma fita de vídeo com os cliques das músicas (ou seja lá o que for aquilo). Resumindo, o que se vê é a Xuxa, e mais umas 3 ou 4 meninas, com aqueles modelitos que ela e as Paquitas usavam na época da nossa infância (...tá bem, pré-adolescência!): muito flúor, ombreiras, umas perucas de nylon coloridas (que nem as drags mais xifrins teriam o mau gosto de usar) e botas de cano altíssimo, dançando umas coreografias boçais (que explicam as letras das músicas em gestos, como se as crianças fossem todas surdas-mudas) em frente a um fundo de céu aplicado em chroma-key. Santa Mothern Maria!!!

O pior é que agora o CD não sai mais do drive, a Alice não aceita outro, nem da cabeça da gente. É uma droga tão pesada que às vezes até no trabalho, cercada de Wall Papers, Archives e outras coisinhas modernas, eu me pego cantarolando dois patinhos foram passear...

Se você também está passando por isso, não se desespere: eu estou criando uma mandinga infalível para contrabalançar os efeitos maléficos da loira. É o seguinte: após a 5.439ª audição do CD da Xuxa, convença o seu filho a ouvir com você o CD do Sítio, uma vezinha só. Aí, coloque no volume máximo aquela faixa em que a saudosa (e pós-mothern) Cássia Eller canta o tema da Cuca. Na hora do refrão, grite mais alto que ela: ?Cuidado com a Xuxa, que a Xuxa te pega...?

Quem sabe assim a gente cria uma geração que sabe reconhecer os verdadeiros bichos-papões!

Ju. (GUIMARÃES; SAMPAIO).²⁵

Nestes dois posts consecutivos, as informações são organizadas sob forma de avaliação de produtos culturais, algo que acontece com muita freqüência no blog e também em assuntos ligados ao jornalismo cultural. No primeiro post, os julgamentos são baseados em argumentos lógicos, que avaliam as técnicas de produção: “até ganhou Oscar”, “probleminhas de roteiro”, “computação gráfica”, “traço mais moderno, tipo quadrinho adulto”. No entanto, no último item da lista, que se dá na continuação do post pela outra blogueira, as críticas tornam-se mais pesadas quando se referem “ao pior produto de entretenimento infantil”. A crítica aos elementos e à qualidade técnica do produto, que é um importante critério de julgamento nos posts dos demais produtos ao longo do blog, é tratada com bastante sarcasmo como “tecladistas de igreja”, “produção musical Z menos”, perucas que “nem as drags mais xiffrins teriam o mau gosto de usar”, coreografias com gestos “como se as crianças fossem surdas-mudas”.

Uma segunda estrutura textual bastante recorrente no blog *Mothern* são os diálogos, bastante adequados ao registro rápido de situações que acontecem no cotidiano, em uma linguagem mimética que se encaixa entre a escrita e a oralidade. Em muitas situações, os diálogos são acrescidos de parêntesis, que resultam em informações adicionais ou comentários. Os diálogos carregam em si o potencial de dramatização, evidenciando a ilusão de um apagamento do narrador e o confronto do espectador com a situação em si.

Pânico I

Ontem à noite, a apreensão:

- Ed, olha isso aqui no pé da Alice.

Entre o segundo e o terceiro dedo do pé direito, uma mancha marrom-amarelada, com aparência de iodo, mas sem ferimentos visíveis.

- Será que ela machucou na escola e alguém passou iodo?

- Alice, você machucou na escolinha hoje e a professora passou um remedinho no seu pé?

- Não.

- O que é isso aqui no seu pé, Lili?

²⁵ Data do post: 15/01/2002.

- É nada.
 - Mas olha, tá marrom aqui... você machucou?
 - Não. É lama.
 Definitivamente não era lama. Hoje de manhã, a mancha lá, igualzinha.
 - Ed, não esquece de perguntar na escola se passaram alguma coisa no pezinho dela, tá? Por via das dúvidas, perguntei também para a babá, assim que chegou:
 - Rosa, você passou iodo ou alguma coisa no pé da Alice, no meio dos dedinhos?
 - Não. Eu até vi essa mancha aí, achei que vocês tivessem passado. Não saiu no banho.
 Na volta da escola, vou levar a Lili para lavar as mãozinhas imundas e, depois da segunda lavada, o terror:
 - Ed, apareceu a mesma mancha nas pontas dos dedos da mão!!! Você perguntou na escola se passaram alguma coisa nela?
 - Perguntei, a professora falou que ninguém passou nada, não.
 - Alice, o que isso aqui? Você machucou?
 - É nada, mamãe. É lama.
 - JU, LIGA PARA A PEDIATRA!
 Com o coração já na garganta e as pernas trêmulas, ligo para o consultório:
 - Dra. Simonete já saiu.
 Para a casa dela:
 - A Dona Simonete viajou.
 Para o celular:
 - Telemig Celular informa: o número chamado encontra-se desligado ou fora da área de serviço.
 Lágrimas me saem dos olhos. Por dentro de mim, o estômago e os pensamentos se embrulham: "Não é possível, meu Deus! Hoje é sexta-feira, o que eu vou fazer?!!! Mancha marrom-amarelada?! Eu nunca vi isso! Será alguma coisa de fígado? Tá aparecendo tão rápido! E se ninguém descobrir o que é? Meu Deus! Será que eu vou conseguir ser tão corajosa como a Susan Sarandon em 'Óleo de Lorenzo'?! Será que na internet alguém vai saber me ajudar?"
 - Ju, vem cá.
 "Melhor eu levá-la no pronto-socorro do Semper. Já sei: vou ligar pra Carla que conhece outra pediatra que atende nas férias da Simonete... ou será que eu procuro um hepatologista da Unimed?! Ou um oncologista?..."
 - JU, VEM CÁ! Tá saindo!!!!
 - Saindo? Quem tá saindo, Ed?
 - A mancha, Ju! Tá saindo com álcool! O problema da menina é sujeira!
 Ok. Podem rir à vontade. Agora vocês podem rir à vontade. Ufa. Obrigada, meu Deus.
 Ju (just being a mother) (GUIMARÃES; SAMPAIO).²⁶

Na situação acima, os diálogos conferem dinamismo à situação que é narrada. Culpa e preocupação extrema não são valores cultuados por este grupo, embora não sejam omitidos do cotidiano. Há realmente a idéia de que existe um universo *mothern* apartado deste universo materno, embora estes se toquem em algumas situações. A assinatura "Ju, just being a mother" reforça esta idéia de que, naquele momento, o materno aparece descolado da ideologia *mothern*. O humor fica por conta dos exageros que caracterizam a maternidade, associada à preocupação

²⁶ Data do post: 11/04/2003.

extrema. O exagero é reforçado em expressões como “lágrimas me saem olhos”, “será que vou ser tão corajosa como Susan Saradon em Óleo de Lorenzo?!” A referência ao filme mostra que as referências aos produtos culturais entremeiam boa parte deste discurso. As indagações, em primeira pessoa, são empregadas para compor o drama do personagem e somente no final é revelado o desfecho tão trágico.

A mulher chega esbaforida e me conta sorridente:

- Menina, eu fui tão eficiente na hora do almoço! Busquei as crianças na escola, deixei o layout no cliente, busquei uma calça no conserto, fiz supermercado, comprei o resto do material do Fulaninho, levei a Fulaninha na natação e ainda pintei as unhas!

- Noossa. E você almoçou?

- Não.

- Ah.

Laura, com preguiça da vida *motherna* (GUIMARÃES; SAMPAIO).²⁷

Neste post é possível antever um pouco mais sobre o cotidiano destas mulheres que tentam conciliar diferentes atividades. A ironia está presente no fato de, na hora do almoço, espaço de alimentação, várias atividades terem sido realizadas menos o ato de se almoçar em si. Alguns diálogos deixam entrever que esta vida moderna inclui uma série de obrigações extenuantes, como resume o desabafo de Laura “com preguiça da vida *motherna*”.

Em outros posts, os diálogos caracterizam não a maternidade, mas sim o casamento, o cotidiano, a família.

Diálogos que fazem um casamento valer a pena – parte I (em frente à TV)

- Ju, posso dar a sugestão de uma pergunta para o seu blog?

- Pode.

- Quanto tempo você acha que o Barney sobreviveria na época dos dinossauros?

Ah, a adorável vida familiar! (GUIMARÃES; SAMPAIO).²⁸

Diálogos que fazem um casamento valer a pena – parte II (em frente à estante)

- Eu não vou ler este livro que você comprou, não. É muito chato.

- Tudo bem, Ed. Mas já reparou que agora você só lê livros sobre zenbudismo?

- Por quê? Você não gosta?!

- Eu até gosto. Só tô achando que você estreitou muito suas áreas de interesse.

- Ah, Ju, isso é passageiro... É só nesta encarnação.

²⁷ Data do post: 12/03/2003.

²⁸ Data do post: 23/03/2003.

(Aguardem. Breve, neste mesmo bat-blog, a nova série "Dormindo com um budha".) (GUIMARÃES; SAMPAIO).²⁹

Em várias situações do blog aparecem cenas do cotidiano que fogem à temática da maternidade. São diálogos entre as blogueiras, entre amigas, entre pais e filhos. Nota-se que o humor e a leveza também figuram no dia-a-dia das mulheres. É importante perceber que o blog funciona como uma "janela" por onde se podem notar traços do cotidiano que vão além da maternidade. Em blogs sobre a maternidade, como o "Mãe de Gêmeas", "Cria Minha", "Beijo de Anjo" e tantos outros, os assuntos giram em torno das "tiradas infantis". No *Mothers*, os diálogos perpassam uma vasta gama de assuntos, embora os diálogos infantis também estejam presentes como se demonstra a seguir:

Drops Kids

Eu, estressadinha, em véspera de viagem:

- Gabriela, tira essa bolsa do meio do caminho!

Ela obedeceu, blasé:

- Tinha um bolsa no meio do caminho... no meio do caminho tinha uma bolsa...

[...]

Na praia, passou um vendedor de redes, com forte sotaque nordestino.

Quando veio o segundo, Gabi me perguntou baixinho:

- Mãe, esses moços são caetanos? (GUIMARÃES; SAMPAIO).³⁰

Os drops são construções curtas que revelam essas pequenas situações cômicas do cotidiano infantil. "Drops kids" é um título descontraído que resume o assunto a ser tratado. Mais uma vez, a construção se dá por unidades textuais breves, com o aspecto cultural permeando parte dos diálogos como fica claro na expressão "caetanos" e na referência a Drummond. Os diálogos curtos estão presentes em boa parte dos blogs como recortes de situações interessantes deste cotidiano.

Um terceiro modelo narrativo presente no blog são as narrativas breves. Nesta estrutura, cenas do cotidiano são descritas, relatos breves são apresentados e muitas vezes desembocam na criação de personagens ou de estratégias temáticas, como se vê no relato a seguir.

²⁹ Data do post: 28/03/2003.

³⁰ Data do post: 23/04/2003.

O Homem-Banguela

O maior aliado da higiene bucal lá em casa atualmente é o “Homem-Banguela”. O “Homem-Banguela” é um guardador de carros da região central de BH (mas não seja por isso: o que não falta neste país miserável são homens-banguelas), em cuja boca só sobraram os molares (se todos).

A visão deste sorriso sem dentes impressionou muitíssimo a Alice, que, arregalada, me perguntou:

- Ele não tem dente não, mamãe?!

Meus instintos publicitários imediatamente enxergaram ali o garoto-propaganda ideal para meus esforços educativos pró-higiene bucal. E respondi:

- Ele tinha dentes antes, Alice, mas ele não escovava, e nem deixava a mamãe dele escovar. Aí os bichinhos da cárie comeram os dentes dele todinhos, até eles caírem!

Agora, qualquer início de birra ou preguiça para escovar os dentes, é só lembrar “ih, o ‘Homem-Banguela’ também era assim” e pronto: num instante uma boquinha aberta se estende para mim. Com certeza este método heterodoxo não deve ser recomendado pela Dra. Valéria e seus colegas. Talvez até haja alguma contra-indicação a ele nos manuais de psicologia infantil.

Mas, olha, eu nunca vi nada tão eficiente!
(GUIMARÃES; SAMPAIO).³¹

Neste tipo de relato, o humor transparece a partir da associação entre a figura do guardador de carros e a criação de um personagem que ajuda na educação infantil. O imaginário publicitário, que passa pela criação de “garotos-propaganda” e mascotes encontra-se presente como estratégia de persuasão. A ironia transparece na indicação de que o empírico pode contrariar a literatura especializada.

Algumas narrativas breves derivam-se das colaborações dos leitores do blog. Geralmente, um assunto discutido previamente, seja em forma de post, seja no livro de visitas, abre espaço para depoimentos diversos que se transformam em posts, como este sobre o tema “inocente crueldade infantil”.

“E por falar em inocente crueldade infantil, tenho uma pra contar: Minha madrinha morava no terceiro andar de um apartamento de esquina no Santo Antônio. Íamos sempre lá, mas, depois da chegada com entusiasmo, os “adultos” iam conversar e eu ficava com tédio. Cabeça vazia, oficina do demônio – já dizia meu pai. Um dia, sozinha no quarto dela, já cansada de brincar de maquiagem e “Vamos usar todas as bijouterias da Méia?”, inventei uma nova brincadeira, que já sinalizava minha vocação para a redação. Escrevi vários bilhetes de “Socorro! Estou presa aqui no terceiro andar! Eles não me deixam sair!” e fui para a janela. Era um passante se aproximar e pimba, lá ia bilhete prédio abaixo. Foram várias reações. Alguns não entendiam nada, outros riam de cara, ao me ver lá em cima com cara-de-quem-quer-ver-o-que-vai-acontecer. Foi aí que se manifestou minha outra vocação. E passei a fazer caras tristes, muito tristes. Era uma pobre garotinha de uns 8 anos, prisioneira, pedindo ajuda. Até acho que chorei. E as pessoas olhavam confusas, não querendo acreditar. Até que alguém acreditou. De verdade. Acreditou tanto que subiu no apartamento da minha

³¹ Data do post: 19/08/2002.

madrinha, pedindo explicações e ameaçando chamar a polícia. Minha madrinha teve que ir me buscar no quarto para desmentir a história. O que fiz com a cara mais limpa deste mundo. Porque, além de cruel, criança é descarada.”

Essa foi mais uma contribuição da nossa amiga Patsi, que ainda não é *mother*, mas, como se pode ver, já era uma criança super *modern*. (GUIMARÃES; SAMPAIO).³²

A partir da análise dos textos, é possível perceber que a mescla destes formatos textuais compõe um panorama em que a proposta de informar estas mães sobre um lado da maternidade pouco abordado pelos meios tradicionais possui também a função de entreter, de divertir e a linguagem estrutura-se a partir desta proposta. Revestidas por uma boa dose de humor e ironia, as informações, que remetem ao conselho e às dicas práticas, deixam de ser uma linguagem técnica ou maçante, compondo um texto leve não só para mães como para um público mais amplo, composto por mulheres que não têm filhos e, em menor escala, por homens. Destaca-se também, entre os traços de linguagem publicitária, a criatividade na escolha dos títulos, a coerência textual e a síntese.

Embora o objetivo deste trabalho não seja a análise do livro de visitas do blog *Mothers*, é interessante observar como assuntos que são abordados de maneira pontual no blog, sob forma de pílulas de informação, desdobram-se no espaço das discussões sob forma de opiniões. Temáticas que perpassam este universo, como o aborto, bebida e outros temas ganham contornos opinativos que, muitas vezes, ultrapassam o limite de uma simples discussão.

Como exemplo prático desta ocorrência, Braga (2008) destaca o embate gerado, no livro de visitas, a partir de uma fotografia em que uma mãe aparece com um copo de cerveja na mão. Entre apoios e críticas que se seguem, a discussão torna-se acalorada, fugindo à categoria de discussão.

2.6 Formas de interação

Diante de toda a discussão que pauta o meio acadêmico sobre interatividade, é um consenso a afirmação de que não basta haver mecanismos que facilitem as

³² Data do post: 18/01/2002.

troca dialógicas de informação para que um relacionamento entre duas partes se estabeleça. De fato, considerando-se que o âmbito das interações abrange desde o clique em um link ao estabelecimento de relacionamentos mediados por computador, é preciso qualificar a natureza das relações que se estabelecem diante das tecnologias midiáticas.

O blog *Mothern* é um bom exemplo em que os recursos de interação na constituição de um espaço de sociabilidade que transcendeu as fronteiras do ciberespaço gerando novos processos de reterritorialização. Muito além de um contorno geográfico definido, o Livro de Visitas (ou LV) inaugurou um espaço de “interação entre iguais” que, ao contrário do blog que desde 2007 não é alimentado por novas postagens, continua ativo até os dias atuais. Braga (2008) destaca que a conversa, neste ambiente, é o propósito em si, embora neste jogo ocorram também críticas e rivalizações, conforme constatado no post a seguir.

Guest ou LV. Nosso livro de visitas ou guestbook, local criado para receber mensagens e comentários sobre os nossos posts, mas que virou divã, consultório ginecológico, obstétrico e pediátrico. Também pode servir como salão de beleza, cozinha, sala do cafezinho, ringue de luta livre, confessionário e buteco. Aberto 24h. (GUIMARÃES; SAMPAIO).³³

No ambiente *Mothern*, a presença deste livro de visitas entremeia a dinâmica de publicação dos posts de várias maneiras. Na primeira delas, as criadoras do blog convocam os participantes a participar do blog de diversas maneiras, notadamente sobre decisões que precisam ser tomadas de ordem prática. De maneira recorrente, sempre que as *motherns* deixam de ser conselheiras para precisar de conselhos, é no livro de visitas que elas recorrem a este auxílio, como ilustra o post a seguir sobre a decisão a ser tomada por uma das blogueiras ao optar pela carreira acadêmica.

Serei professora universitária ganhando por enquanto o valor do salário da minha empregada. Dá medo? Dá. Mas eu nunca fui de ser medrosa. Já enfrentei outras barras. Vou em frente. Vou fazer um mestrado no ano que vem. Tenho buscado outras idéias, mas tem um tema que ronda a minha cabeça, me encanta e afasta os outros: blogs. Blogs, blogs, blogs, blogs. A descoberta desse mundo novo influenciou na minha decisão, sim. Ter uma coisa que me move a ponto de eu não me cansar de fazer, que só tem a possibilidade de crescer e a cada dia me traz mais pessoas e links e possibilidades e descobertas é simplesmente maravilhoso. Informação livre, linkania, TAZ, baderna, bolo'bolo, liberdade. Espírito rebelde de novo em mim. Laura

³³ Data do post: 24/07/2003.

obs. Quem quiser dar palpite, dar força, dizer que eu estou pirando ou contar o seu caso, escreva no livro de visitas ou me mande um e-mail. Prometo parar com os posts sérios) (GUIMARÃES; SAMPAIO).³⁴

O que a autora chama de “post sério” na verdade remete às decisões que elas precisam tomar no dia-a-dia. Ao conclamar a opinião dos pares, o blog revela, neste modelo colaborativo, que emissor e receptor realmente estão no mesmo nível hierárquico de produtores de informação. Este traço também está presente no post a seguir:

Em maio eu e o Ed vamos ser padrinhos do casamento de uma grande amiga, que mora em Brasília. Convite aceito, passagens compradas (para nós e a Alice), ele levantou uma idéia completamente inusitada para meus ouvidos *mothers*: “Será que a gente leva a Lili mesmo?”.

Pausa. Pausa longuíssima.

Na verdade, explico: Alice tem 1 ano e 9 meses e ainda não dormiu noite nenhuma longe de mim. Nem do pai, aliás. E ela adormece entre nós dois – ou pelo menos com um de nós ao lado – ouvindo histórias, pegando na gente, cantando musiquinhas, volta e meia tentando fugir da cama para voltar para os brinquedos, num ritual que leva uns 30 a 40 minutos e que é o momento mais íntimo (e delicioso) que temos com ela durante a semana. Todas as nossas (na verdade poucas) saídas para a balada depois que ela nasceu foram programadas para depois do horário da dormida, quando ela já estava apagada no berço, ou no horário “matiné”, que nos permitia chegar em casa antes do sono dela.

Claro, sempre tem uma primeira vez. E eu ainda poderia pedir minha mãe para dormir lá em casa nessa noite. Parecia óbvio! “É, não vamos levar, não... E a gente ainda vai poder ficar até mais tarde na festa...”

Até que, nova decisão tomada, o Ed levantou outra questão: “E se o avião cair... ela vai ficar sem pai e sem mãe?!!!!”

Hipótese remota (segundo as estatísticas da aviação civil), mas não totalmente impossível. O que nos levou a uma nova dúvida: “Mas, se o avião realmente cair, será que é melhor ela morrer com a gente do que ficar órfã de pai e mãe?”

Resultado: faltam 67 dias para o casamento, ainda dá tempo de alguém me ajudar a tomar esta decisão. (GUIMARÃES; SAMPAIO).³⁵

Desta forma, como o blog, além de falar da maternidade também tem um aspecto do cotidiano destas mulheres, as opiniões compartilhadas são um item de destaque neste quesito interatividade. Um aspecto importante da interatividade, portanto, é que o blog funciona como espaço importante para a tomada de decisões e de aconselhamentos, seja por parte das blogueiras, seja por parte das participantes do LV. Em muitos momentos, a postura de leigas é assumida e alguns especialistas são conclamados.

³⁴ Data do post: 23/04/2002.

³⁵ Data do post: 12/03/2002.

Sou publicitária, não psicóloga, portanto minha opinião (no caso da Cinderella) é de leiga. Além do Bruno Bettelheim, gostaria muito de ouvir o que pensam sobre o assunto nossas leitoras especialistas, como a Ana, a Adriana e a Evelyn.

(Os outros, leigos como eu, também podem dar seus pitacos, viu, gente? Não se acanhe, que aqui a conversa é pública). (GUIMARÃES; SAMPAIO).³⁶

No blog, especialistas, leitores leigos e as criadoras do blog ocupam horizontalmente o espaço da enunciação, trocando impressões, informações e aconselhamentos.

Muitas vezes, a interatividade se expressa também sob forma de relatos, cujos conteúdos se amparam na identificação. A partir de algum tema suscitado, novos relatos se seguem, dinamizando o espaço de publicação. Um exemplo é o desdobramento do post sobre crueldade infantil.

Meu lado prático abomina animais domésticos. O outro se comove e se impressiona com as lembranças de infância. As minhas, as que a Zel tem contado e esta da Patrícia:

"Como quando era na infância e o lote vago do lado era um ninho de gatos. Eu sempre fui louca por gatos. Chamava 'bichin, bichin', imitava 'miu, miu', levava miolo de pão molhado no leite. Ficava namorando de longe, mas com O DESEJO.

- Queria ver com a minha mão!

Era só o adulto distrair e então acontecia. As palmas das mãos coçavam, os dedos não tinham sossego, até que uma pedra fosse escolhida e arremessada. Eu tinha boa pontaria. Em geral acertava a cabeça do filhote, que era rapidamente socorrido. Por mim, obviamente:

- Ah, coitadinho, vou cuidar de você.

Lavava o local do ferimento com água e sabão de coco, secava os pêlos no salão de beleza da Susi. Passava água oxigenada, merthiolate, fazia curativo. E o pobre gatinho, doído de tanto amor.

É. Nunca entendi esse tipo de comportamento. Sei que tinha um nervoso, uma gastura, coração acelerado e dentes cerrados. Sei que foi de onde tirei que a crueldade e a inocência andam de braços dados." (GUIMARÃES; SAMPAIO).³⁷

É interessante perceber que as opiniões de leitoras que ocupam o espaço de postagem do blog alinham-se com o texto coerente e bem estruturado que caracterizam o blog. No post acima, a opinião que estava no LV ganha a página principal, suscitando novas discussões e a postagem de novos comentários. Uma função interessante que este tipo de postagem por identificação ou repúdio

³⁶ Data do post: 02/07/2002.

³⁷ Data do post: 03/04/2002.

apresenta é que o blog permite que outros tipos de perfis se apresentem – mais românticos, mais céticos, mais práticos, ampliando o perfil deste segmento feminino. Muitas vezes, opiniões contrárias também ganham as páginas principais do blog, como no post a seguir:

Criamos este blog para falar sobre nossas experiências como mães, a diversão e a loucura de ter filhos e um monte de outras obrigações. A idéia é que outras mães se identifiquem e, quem ainda não tem filhos, sorria pensando na grande aventura que pode ter pela frente. Mas algumas vezes não funciona bem assim. Olha o e.mail que recebemos hoje:

"Olá, colegas. Acho que não vou ter neném. A "bula" de vocês explica direitinho. Mas só de ler fico cansada. A vida de vocês é prazerosa, mas também é MUITO dura. Tô pensando em voltar na minha ginecologista, antes da data marcada, pra ver se já chegou um anticoncepcional 100% seguro. Quando leio o *Mothers*, me lembro que o 1% de falha (do remédio) pode acontecer comigo. Abraços. Ana Cláudia". (GUIMARÃES; SAMPAIO).³⁸

A interatividade é um elemento constituinte do blog. O sucesso deste espaço se deu através das contribuições, discussões, aprofundamentos, debates, apoio. Um texto polifônico, de onde emergem diferentes vozes, por vezes antagônicas, mas em sua maioria consonantes. Vozes que não estão à margem dos processos recebendo passivamente os conteúdos postagens, mas interagindo em seu núcleo, alterando rumos e propondo novas questões.

³⁸ Data do post: 01/03/2002.

3 SERIADO MOTHERN: ADAPTAÇÃO PARA A TV

Quatro anos separam o blog *Mothern* de sua livre adaptação para a série televisiva em 2006, uma co-produção da GNT com a Radar TV Mixer. Foi a primeira série de dramaturgia do canal, desenvolvida a partir da compra dos direitos autorais. As temporadas³⁹ acompanham o dia-a-dia de quatro mulheres, tendo, como temática, assuntos ligados à maternidade, realização profissional e família.

Do ponto de vista dos seus produtores, a série tornou-se um sucesso porque havia uma carência de programas que tratassem de temas pouco explorados pela mídia sobre a vida dessas mães contemporâneas, “[...] programas que contassem a verdade, que os bebês têm uma pilha que nunca acaba, que quando você está prontinha [para sair], ele pode arrotar no seu terninho” (MANUAL..., 2007).

Analisar a transcodificação destes elementos de uma mídia de viés colaborativo para outra, de lógica transmissiva, no entanto, não é tarefa tão simples. Sobre a televisão, Williams (1990) pondera que antecessores dos programas televisivos, como os livros ou peças de teatros, possuem singularidades que tornam sua análise mais simples, como, por exemplo, a ocorrência em um dado lugar e em determinada hora. Desta forma, a experiência que se tem diante deste tipo específico de exposição está ligada a um tipo de isolamento, mesmo que temporário, que direciona as formas de atenção para aquilo que é exibido. Por mais que estes meios sejam marcados por outras mediações, como a presença dos interlúdios musicais nas peças teatrais, por exemplo, estas se diferem da experiência de um espectador diante de uma televisão.

Pensar nos programas televisivos, necessariamente, é pensar em uma proposta de engajamento que tende à dispersão, pela fragmentação visual decorrente da multiplicidade de imagens, pelo fato de esta experiência competir com as demais atividades diárias, pelo fato de se ter um controle remoto que permite a rápida troca de canais. Neste ambiente, por mais imerso que esteja o espectador, sempre existirão intervalos comerciais, que evidenciam a necessidade de pausa

³⁹ Ao todo, foram realizadas três temporadas, entre 2006 e 2009, cada uma composta por 13 capítulos, com 30 minutos de duração.

para assimilar a dispersão e, nas TVs comerciais, o caráter mercadológico desta mídia.

Diante desta realidade, Williams (1990) afirma que caracterizar a programação televisiva a partir de seus formatos é uma forma muito estática ou abstrata, e que, por isso, seria mais pertinente apoiar-se no conceito de fluxo – um sistema ordenado de informações, ofertadas em seqüência pré-estabelecida, conforme interesses comerciais. A TV, portanto, opera sobre essa forma organizada, seja pela construção temporal, seja pela sucessão frenética das imagens, que se conformam na miscelânea de assuntos que são tratados.

Retomando o conceito de remediação, como remodelamento de uma mídia por outra, pode-se afirmar que a televisão, assim como outras mídias, também passou por processos mais acelerados de reconfiguração com o advento das mídias digitais (BOLTER; GRUSIN, 2000). No entanto, a peculiaridade da televisão em relação aos outros meios revela-se no fato de que este processo de apropriação ocorre nela de forma mais explícita, sem que a televisão perca sua identidade. A apropriação de outras formas midiáticas de seus predecessores é intrínseca à sua própria constituição, embora muitas formas próprias tenham sido criadas neste processo (BOLTER; GRUSIN, 2000).

Com a chegada do videoteipe, no final dos anos 50, a televisão começa a ganhar novas dimensões com a possibilidade de edição eletrônica do material bruto captado pela câmera. Surgem novos programas, inicia-se a transmissão de filmes, de telenovelas e intensifica-se a capacidade de recriar a realidade, dentro do ambiente televisivo. As revoluções tecnológicas ampliam as potencialidades do meio, através das transmissões de alta qualidade e a promessa de interatividade.

Consolidou-se o sistema de *broadcast*, traduzido pelo conceito massivo de um centro irradiador de informação, responsável por difundir uma mensagem comum a um conjunto amplo e heterogêneo de receptores dispersos geograficamente, configurado sob a lógica transmissiva. Para atingir este objetivo, o sistema de *broadcast* (ou televisão aberta) estruturou-se a partir da noção de gênero, com programas com características bastante semelhantes, capazes de atingir grandes audiências.

Este sistema dominado pelas grandes emissoras, sob a forma de televisão aberta, com um número limitado de programas, dominou o Brasil desde os anos 40. A grande mudança veio com a televisão a cabo no final dos anos noventa, abrindo

espaço para a multiplicação de canais e reestruturação dos mecanismos de produção, que ampliou o leque de escolha destes espectadores.

Hoineff (1996) afirma que parecia consensual que as pessoas jamais pagariam por entretenimento televisivo por terem se acostumado a recebê-lo gratuitamente. De fato, durante algum tempo, a televisão a cabo cumpria o papel de simplesmente levar a televisão por *broadcast* até os lugares onde a recepção era ruim. No entanto, o que se revelou ao longo do tempo é que a televisão a cabo também trazia consigo a ideia de uma televisão que poderia atender a novas audiências de maneira mais segmentada, captando nichos de audiências e não grandes públicos.

Este é o contexto que viabiliza o apelo comercial do *Mothers* como série televisiva. Foi na TV fechada, portanto, para um público mais segmentado, que uma visão específica da maternidade pôde ser adaptada. Assim como os blogs possuem livre espaço na internet como ferramentas de expressão personalizada, as televisões fechadas surgem como um espaço mais apropriado para a veiculação de propostas mais segmentadas. E, a partir do momento em que são bem sucedidas, abrem campo para a criação de subgêneros e outros programas no mesmo formato.

O canal GNT, que pertence à Globosat, possui uma abordagem que se concentra em assuntos comportamentais e variedades como moda, saúde, estilos de vida. Sua programação oferece entretenimento e informação, sem perder a leveza na abordagem de temas, como comportamento, gastronomia, moda e sexo, em séries, documentários e filmes. Estes assuntos têm como público-alvo o segmento feminino⁴⁰. É de se notar, portanto, que há uma adequação entre a temática *Mothers* e a escolha do canal televisivo para a sua exibição.

O sucesso do *Mothers*, comprovado pela existência de três temporadas, possui uma relação estreita com o momento vivido pelas séries televisivas. Thompson afirma que estamos vivendo hoje a segunda era de ouro dos seriados (THOMPSON, 1996). Para ele, esse é o momento em que se passa a oferecer dramas com estruturas criativas elaboradas, que antes eram restritos ao cinema. Desde o final dos anos 90, até os dias atuais, o segmento se consolidou na vertente do entretenimento. A ideia de entretenimento em formato seriado deriva-se da ficção

⁴⁰ Segundo dados retirados da Wikipédia, em 2003, um reposicionamento mercadológico passou a privilegiar o público feminino como mercado-alvo principal. A partir dessa nova abordagem, toda a programação da emissora foi reavaliada.

literária que ocupava o rodapé dos jornais desde 1830, o folhetim. Segundo Starling (2006), o folhetim, com sua narrativa proposta em capítulos, traz uma estrutura que já era conhecida nos romances, mas se diferencia na medida em que se acentua a temporalidade, com a entrega de segredos ao espectador de forma regular, criando-se uma estrutura de manipulação da tensão e da atenção. Na televisão americana, as séries surgiram a partir de 1951, com *I Love Lucy*, uma adaptação de um programa de rádio dos anos 40.

Algumas séries como *Twin Peaks* são apontadas como o marco desta virada, em que as séries tornaram-se mais complexas, com tramas menos maniqueístas, personagens menos planos e maior elaboração tanto em relação à estética dos cenários quanto aos diálogos. A partir de David Lynch, as produções ganharam um tratamento diferenciado deixando de ser atrações secundárias para figurarem como programas de primeira linha, como afirma Starling em entrevista:

Em resumo, duas mutações no formato foram essenciais e elas se encontram, na origem, em duas séries que marcaram época: *Dallas* e *Twin Peaks*. A primeira trouxe para as séries um procedimento padrão em narrativas diárias, como as *soap operas* e a telenovela: a continuidade. Já *Twin Peaks* trouxe duas inovações: a mistura de gêneros (crônica social, burlesco, thriller, ficção criminal), antes sempre estanques, e o desrespeito aos temas tabus (sexo, drogas). (CRÍTICO..., 2008).

Se o primeiro momento das séries televisivas americanas não foi vivenciado, de modo coevo, pela audiência brasileira, no final dos anos 40, o mesmo não se pode dizer deste segundo momento. O grande deflagrador da revolução que se operou na TV paga foi a HBO, com suas transmissões de filmes inéditos em 1972. Aos poucos, a HBO passou a comprar parte significativa da produção de Hollywood e, com o passar do tempo, passou a produzir os seus próprios filmes e séries que foram revendidas para distribuidoras de cinema e estações de TV, inclusive, por *broadcast*.

No Brasil, a televisão por assinatura começou a operar no início de 1988, um início considerado tardio considerando-se que há quinze anos o sistema americano já estava em vigor. Com a chegada desta programação alternativa ao sistema aberto de *broadcast*, o número de canais aumentou significativamente. O sistema de produção, no entanto, não acompanhou o mesmo ritmo e, ainda hoje, ocupa grande parte de sua grade exibindo materiais que são produzidos em outros países, como filmes e séries televisivas já consagradas.

3.1 Séries televisivas

Como os outros programas televisivos, o formato seriado possui traços de outras mídias em sua constituição. Além do folhetim, como foi tratado anteriormente, com a presença da surpresa e do suspense, aproveitou-se do formato das narrativas em série do rádio para a sua constituição com o formato conhecido como *soap opera*. Transmitido diariamente, tinha como público-alvo as donas de casa e enfocava os dramas domésticos. É a partir dos anos 40 que a programação de televisão se desenvolve, com os canais ABC, CBS e NBC, com a mescla de comédias de ficção, teatro, filmes e eventos variados.

Balogh (2002) afirma que a ficção televisiva possui uma velocidade de mudança e adaptação muito maior do que a literatura, graças à cotidianidade e a voracidade com que os programas são consumidos. Nas minisséries, há um forte recorte temporal, já que a história precisa ser contada em um curto espaço de tempo por capítulo, mesmo que as séries sejam apresentadas durante anos. Dentre suas características centrais, estão a serialidade e a repetição de padrões.

É importante pensar nessa serialidade não como mera réplica ou cópia de um modelo. Eco (1985) já alertava para o fato de que, embora a estética moderna houvesse negado qualquer valor artístico para formas que pareciam repetitivas nos meios de comunicação, toda arte funciona sobre tipos ou matrizes, como os sextetos e tercetos. A serialidade, portanto, sempre esteve presente na arte primitiva, nas formas musicais destinadas ao entretenimento e mesmo na *commedia dell'arte*.

Interessa-nos na série o fato de que o leitor precisa destes modelos para construir seu engajamento, satisfeito por encontrar os personagens conhecidos e uma mesma matriz na elucidação de problemas. “A série consola o leitor porque premia a sua capacidade de prever, ele fica feliz porque se descobre capaz de descobrir o que acontecerá porque saboreia o retorno do esperado.” (ECO, 1985, p. 124).

Pode-se dizer que traços desta serialidade também se aplica ao blog *Mothern*, principalmente considerando o seu primeiro ano de existência. Embora não haja a obrigatoriedade de postagens diárias, esta primeira fase do blog marca um grande volume de posts em que o padrão de histórias, listagens e acontecimentos se repete. Ao caracterizar esta mãe moderna com tantas referências, sejam elas

literárias ou estéticas, as blogueiras acabam por se parecerem com personagens – duas heroínas modernas que lutam contra as aventuras da maternidade, sempre com um toque de humor ou ironia. Os posts possuem esta estrutura realista de princípio-meio-fim, que se encerram em cada postagem, mas que, ao mesmo tempo, possuem uma continuidade, expressa pelo cotidiano das blogueiras, pela vida de ambas, que servem de pano de fundo, pela interação dos participantes que se manifestam ao longo da evolução do blog.

Machado (2003) chama de serialidade a apresentação descontínua e fragmentada do sintagma televisual. O enredo é estruturado em forma de capítulos ou episódios, separados por *breaks* e chamadas para outros programas. É comum que estes blocos incluam uma pequena contextualização do que estava acontecendo anteriormente, para inteirar o espectador, e ao final um gancho de tensão, que visa a mobilização do espectador para se assistir ao próximo capítulo.

Santos (2003) destaca outras características dos seriados, dentre eles, a presença de um mesmo protagonista, sem uma ação que se desenvolve dentro de um dado contexto cultural. Ainda assim, os seriados mesclam sua estrutura de representação com outros programas televisuais, como as novelas e minisséries, impedindo uma classificação muito determinante. A essa mescla, Eco (1985) chama de dialogismo intertextual, que remonta aos conceitos de remediação. Um texto cita o outro, de modo mais ou menos explícito.

Machado (2003) destaca três principais tipos de narrativas seriadas na televisão. No primeiro modelo têm-se uma única narrativa – ou mais de uma, que se entrelaçam e se sucedem de maneira mais ou menos linear ao longo dos capítulos, como nos teledramas ou nas telenovelas e ainda algumas séries ou minisséries. É um tipo de construção teleológico, pois se fundamenta em um conflito básico que se estabelece logo de início, um desequilíbrio estrutural, e toda a evolução consiste em restabelecer o equilíbrio perdido. Cada unidade é, portanto, chamada de capítulo.

No segundo modelo, cada história é uma unidade completa e autônoma, com início meio e fim e o que se repete no episódio seguinte são apenas os mesmos personagens principais e situação narrativa. É o caso dos seriados, como *Malu Mulher*, exibido na TV Globo em 1980. Nesta modalidade, o episódio anterior não se recorda dos anteriores nem interfere nos posteriores. Temos a classificação destes como episódios seriados.

E, no terceiro modelo de serialização, a única coisa que se preserva é o espírito geral das histórias ou a temática, porém, em cada unidade não só a história é completamente diferente das outras, como também os atores, os cenários e até mesmo roteiristas e diretores, como, por exemplo, a *Comédia da Vida Privada*, exibida na década de noventa, em que as histórias têm em comum somente o fato de focalizarem sempre a vida doméstica e o eterno conflito homem x mulher. Chamam-se estes de episódios independentes.

Partindo-se desta categorização, pode-se dizer que o *Motherm* é um episódio seriado de caráter híbrido. Afinal, os episódios são fechados em si próprios, que o encaixaria em seriados do segundo modo, mas são criados ganchos narrativos que pressupõem continuidade das tramas nos episódios seguintes, que o encaixa no primeiro modelo.

É importante destacar que o sucesso da minissérie já possui outros predecessores. Um deles é o seriado da TV a cabo *Sex and the City*, que tratou o cotidiano de quatro mulheres solteiras, independentes, com faixa etária entre 30 e 40 anos. Messa (2006), em um estudo que analisa o seriado no seio da cultura das mídias, mostra que os estilistas citados por Carrie Bradshaw tornaram-se ícones, assim como os sapatos Manolo Blahnik. Os restaurantes que as amigas freqüentaram tornaram-se moda. Isso mostra que, além de uma construção narrativa bem-sucedida, há uma cultura que valoriza a temática feminina. Antes de *Sex and The City*, *sitcoms* como *Mary Tyler Moore* ou mesmo *As Panteras*, cuja imagem foi parodiada pelas blogueiras como vimos anteriormente, buscavam o viés feminino na construção dos personagens.

São muitas as semelhanças entre *Motherm* e *Sex and The City*. Em ambas as séries, cada episódio possui um tema central que é abordado por um narrador em *off* que o apresenta inicialmente e faz algumas aparições ao longo do episódio. A partir do tema, as histórias se desenvolvem a partir de quatro abordagens, cada uma sob o ângulo de uma personagem que, ao longo das tramas, encontram-se em bares e restaurantes famosos. Fala-se muito sobre relacionamentos, temas contemporâneos, como moda, arte, consumo. No entanto, é importante ressaltar que os personagens de *Sex and the City* são mais complexos, ao contrário da série brasileira que, muitas vezes, resvala em estereótipos, como o da mãe estressada.

3.2 *Mise-en-scène*: em cena, os elementos estéticos

Para a análise da série, o corpus definido corresponde à primeira temporada da série televisiva, composta de 13 episódios, lançados em DVD em 2007. As três unidades de análise são definidas como *mise-en-scène*, narrativa e modos de engajamento, com ênfase, respectivamente, na composição imagética da ficção televisiva, nos elementos constituintes da trama e do enredo – com destaque para a notação temática – e nas formas possíveis de interação com o espectador. Busca-se, dessa forma, uma análise que privilegie, neste estudo comparativo, categorias que possam ser aproximadas àquelas que nortearam a análise do blog, no capítulo 2: análise da interface, a escolha dos temas e as formas de interação.

O ponto de partida desta análise é qualificar os elementos que compõem a *mise-en-scène* desta obra. Segundo Aumont (2004), *mise-en-scène* é o ato de levar alguma coisa para a cena a fim de mostrá-la e é através dela que a matriz do trabalho se realiza. Nas palavras do autor, antes de se contar uma história, referindo-se ao roteiro, é preciso contar outra a história de como se contam as histórias, de como as imagens trabalham para contar histórias (AUMONT, 2004, p. 16).

O primeiro passo é, portanto, analisar a vinheta de abertura. A intensa mistura dos elementos gráficos, perceptível na mistura dos recursos que são utilizados, ilustra a modernidade evocada pelos criadores da série, ao mesmo tempo em que constrói uma estética das minisséries. A presença de muitos cortes, de preenchimentos, de cores em contraste com o branco da abertura confere dinamismo à apresentação das personagens. A apresentação é feita com ênfase no nome da personagem em destaque, acompanhado de sua profissão na série e do nome da atriz que a representa (Figura 4). Assim como a foto que estampa o blog, na televisão as personagens usam roupas coloridas e cabelos com cortes assimétricos.

A postura corporal das atrizes resgata outra referência presente no blog: os atos de empunhar uma mamadeira como arma e de uma atriz chutar evocam a imagem de *As Panteras*, universo simbólico parodiado no blog. Aqui, a televisão retoma uma referência intertextual de seu universo que fora utilizada, antes, pelo próprio blog. Cabem às duas outras atrizes, duas outras representações: a imagem

de uma atriz pensativa, que remete à proposta do blog como espaço de se pensar a maternidade e a última personagem gritando, mostrando que ser *mothern* também é viver à beira de um ataque de nervos.



Figura 4: Vinheta de abertura do seriado *Mothern*.

A abertura do seriado é feita com números (pretos e brancos) que se reúnem e se separam em pequenos quadrados. Quatro quadrados, quatro personagens, assim com na série *Sex and the City*. A logomarca se apresenta na mesma fonte que aparece no blog. A trilha é composta por músicas agitadas e em ritmo frenético.

Logo após a vinheta, mas antes da narrativa ficcional, a série exibe um breve depoimento, de cunho documental, sobre aquele que será o tema do episódio. O fundo preto, com legendas e a luz centrada no especialista, remete a programas jornalísticos e confere a credibilidade que a televisão necessita naquele terreno que, embora sirva de abertura a uma série ficcional, apresenta-se como não-ficcional, como pode ser constatado na Figura 5.



Figura 5: Depoimento de Yudith Rosebaum, exibido na abertura de episódio da série.

Na narrativa, os cenários mais recorrentes são a casa, principalmente o quarto do bebê, restaurantes e cafés, onde elas se encontram para conversar.

É importante observar que um padrão de construção estética se repete. No cenário visualizado na Figura 6, que representa uma sala de estar, apresenta-se uma sala quase cenográfica, com objetos muito bem alinhados e organizados. Os móveis seguem o alinhamento dos frisos do piso, as plantas estão dispostas de forma triangular na mesa lateral, os objetos cuidadosamente organizados nas prateleiras. Os ambientes estão sempre impecavelmente em ordem. Chegam a ser incompatíveis, considerando-se que são espaços habitados por crianças pequenas. As próprias blogueiras afirmam que uma das diferenças entre a vida cotidiana de ambas e a realidade descrita na televisão é que as personagens são “[...] mais ricas, mais finas, têm muitos móveis brancos e a casa muito mais organizada que a nossa” (MANUAL..., 2007).



Figura 6: Cenário de residência de episódio da primeira temporada.

Os espaços são amplos, sempre limpos e bem divididos, dando dimensões de cenário para o ambiente. Este padrão está presente em todos os ambientes apresentados na trama. Nota-se uma estetização da vida cotidiana, herdada em parte das telenovelas da Rede Globo e da estética dos filmes publicitários dos anos noventa. Neste ponto, a série se diferencia substancialmente de *Sex and the City*, com seus ambientes mais “ruidosos” que buscam o efeito de real, com cenários que mostram objetos mais desalinhados, casas de parede descascadas, com roupas espalhadas, copos sujos sobre a pia e outras características que simulam o cotidiano em progressão.

As *mothers* da série se reúnem em restaurantes e cafés, onde sempre estão bonitas e bem-arrumadas, apesar de toda a demanda de tempo com os filhos. Neste ambiente, nota-se, inclusive, a presença de algumas bebidas alcoólicas em alguns episódios, acentuando qual é o perfil desta mãe moderna (Figura 7). O fato de se encontrarem em cafés e restaurantes é uma possível referência aos episódios da minissérie *Sex and the City*.



Figura 7: Encontro das *moderns* em restaurante.

Os ambientes de trabalho das quatro personagens é outro ponto de destaque da série. Foram escolhidas quatro profissões modernas: dona de livraria, dona de restaurante, publicitária e arquiteta. Nos quatro ambientes, modernos e sofisticados, elas desempenham suas tarefas do dia-a-dia profissional. Nota-se uma valorização deste ser *modern*, mulher que apesar de ter filhos, continua trabalhando fora, indo a cinemas, bares e se divertindo.

Como se pode constatar, há muitos pontos de convergência entre a *mise-en-scène* televisiva e a interface do blog. O mais explícito é, sem dúvida, essa mistura de elementos gráficos e textuais que fica evidente tanto na apresentação do blog quanto na vinheta de abertura da série. No blog, Laura e Juliana se apresentam como personagens, com pose, roupas estilosas e adereços como se estivessem prontas para serem filmadas e que, assim, inspiram e facilitam o processo de reconfiguração midiática.

O blog possui um cuidado estético diferenciado, com a criação de um ambiente simbólico que passa pela escolha das fontes, pela caracterização dos personagens, pela escolha das cores. Isso reforça o pensamento de Hutcheon

(2006) sobre o fato de uma adaptação ser, de forma inerente, um palimpsesto, deixando transparecer traços de outros trabalhos anteriores. A *mise-en-scène* televisiva é, portanto, uma espécie de tradução da estética *mothern* proposta pelo site, mas uma repetição com diferenças. Apesar da estética moderna prevalecer, existe uma organização maior dos elementos, que mostra a preocupação em se atingir determinado público.

A presença das Panteras é outro ponto forte de convergência. A postura de ação com as blogueiras empunhando mamadeiras é remediada na TV, mostrando um desdobramento da cena a partir das quatro atrizes. Nota-se, aqui, uma referência intertextual, em que a imagem buscada para o blog, da TV, volta a ser remediada, no episódio televisivo.

A imagem de fundo da abertura apresenta um mix de imagens em que blocos de texto, que remetem ao blog, são apresentados sob forma de uma imagem de fundo.

Como Aumont (2004) caracteriza a *mise-en-scène* como o ato de trazer para a cena, mostrar algo, essas “autoras-personagens” já se mostram como tal, através também das fontes modernas utilizadas, do próprio design do blog que é um ícone deste ambiente marcado pelas novas tecnologias.

Do ambiente televisivo, ou seja, de outras minisséries, *Mothern* é estruturado a partir de uma estrutura muito semelhante aos episódios de *Sex and the City*, com a fórmula recorrente de quatro mulheres que se reúnem para falar de suas histórias, conflitos e escolhas da vida moderna em Nova York. A abertura de ambos os seriados é feita a partir de uma introdução comum em que a temática é apresentada, desenrolando-se quatro histórias que se fecham.

A estética do *Mothern* está em consonância com o próprio crescimento do canal GNT. O canal surgiu a partir da ebulição das televisões por assinatura, uma parcela bem informada, economicamente mais elevada e ansiosa por diferenciação.

Conforme discutido, existe uma ligação forte entre a *mise-en-scène* presente na interface do blog e na vinheta. O cuidado estético da abertura do programa sugere uma tradução do criativo design do blog que já foi pensado visando um público-alvo específico. A paródia presente no blog é traduzida para o ambiente televisivo e ampliada para o universo de quatro personagens. Em ambos os casos, pretende-se criar um visual moderno e contemporâneo, capaz de atrair essas mães, de classe social mais alta, com cerca de trinta e pouco anos, já estabelecidas

profissionalmente, mas que não abriram mão de suas carreiras e nem se desligaram de outras esferas de suas vidas somente por terem se tornado mães. Em ambos os ambientes sempre está presente um espaço voltado para os anunciantes, seja no blog, de forma espontânea, seja no *merchandising* televisivo, mostrando que a publicidade está sempre presente em ambos os formatos destes produtos culturais.

3.3 Narrativa

Todorov (1979) afirma que toda narrativa precisa ser analisada por dois aspectos centrais: a história, que se originaria do que a retórica clássica chamaria de *inventio*, e o discurso, da ordem da *dispositio*. Pensar a história é analisar uma abstração, pois ela é sempre narrada por alguém, não existindo em si própria. Essa narração não obedece, necessariamente, a uma ordem cronológica ideal, já que uma história pode ser composta de vários fios e é somente em um dado momento que estes fios são reunidos.

A narrativa, portanto, é composta por duas estruturas diferenciadas. Existe uma história a ser contada, que é o *inventio*, ou fábula (XAVIER, 2003), com personagens, seqüência de acontecimentos e intervalo de tempo, maior ou menor, dependendo da criação, e uma construção desta história, o modo como estes elementos são engendrados, que se trata do *dispositio* ou trama. Desta maneira, uma mesma história pode ser arquitetada, tramada de diferentes modos, de acordo com a forma que os dados são dispostos e trabalhados pelo autor.

Quanto à história, a série relata o dia-a-dia de quatro mães: Raquel, vivida por Camila Raffanti, é – assim como as blogueiras – publicitária, tem 31 anos, casada, mãe de Laura e Pedro. É detalhista, metódica e vive o desafio de se dividir entre a profissão de intensa responsabilidade e a maternidade.

Mariana é interpretada por Fernanda D’Umbra. Faz o papel de uma *chef* de cozinha, de 35 anos, que cria sozinha sua filha de sete anos. É independente e conta com o auxílio da mãe como suporte na criação de sua filha.

Beatriz é interpretada por Juliana Araripe, uma arquiteta de 30 anos, mãe de Filipe de três meses. A série começa com o nascimento de seu filho e, por isso, é nesta personagem que a série reflete os dilemas das “mães de primeira viagem”.

Com o avanço das temporadas, seu casamento passa por uma crise, que mostra a série se desenvolvendo para além do universo da maternidade, aumentando sua complexidade temática.

Luíza é interpretada por Melissa Vettore, dona de livraria, 34 anos, mãe de Nina de um ano e madrasta de um menino do primeiro casamento do seu atual marido. Reflete o lado romântico da maternidade, o lado ponderado e, ao mesmo tempo, cheio de dúvidas.

Analisando as profissões escolhidas, observa-se que se trata de profissões que, de certa forma, estão ligadas à arte e a cultura (arquitetura, literatura, gastronomia e publicidade). São profissões cujo resultado de seus projetos e atividades primam pela estética das formas e pela inventividade. Desta forma, o perfil das blogueiras, cujas profissões são ligadas à publicidade e ao design, encontra-se bem traduzido para a televisão.

Um outro ponto de análise é que as questões evocadas pertencem a dúvidas e anseios de uma classe média mais alta, como no episódio “Escolhas, Palpites e Ansiedades”, em que as personagens discutem como teria sido a vida delas caso elas não tivessem tido filhos. As questões abrangem se estas teriam feito ou não viagens internacionais, conseguido o grau de mestrado ou doutorado, alcançado o cargo máximo na carreira profissional, episódio bastante inspirado no blog, como se vê no post a seguir, em que elas respondem à pergunta “o que teriam feito até hoje se não tivessem tido filhos?”.

eu já teria conhecido Roma, Berlim ou Tóquio?
 estaria eu hoje com o mesmo homem?
 eu teria virado gay?
 eu teria um jipinho cheio de adesivos?
 eu conheceria praias selvagens e distantes?
 eu seria um ser mais culto, com mais tempo para ler e estudar ao
 invés de cuidar de criança e escrever blog de mães?
 eu teria um blog assim mesmo? Sobre o que seria?
 eu me sentiria sozinha?
 eu já teria mestrado, doutorado e pós?
 eu seria diretora de criação de alguma agência?
 eu trabalharia muito mais? Ou muito menos?
 eu já teria me afundado no mundo das baladas e virado de vez uma
 criatura noturna?
 (GUIMARÃES; SAMPAIO).⁴¹

⁴¹ Data do post: 21/01/2003.

Como se pode observar, o texto é responsável por delinear o perfil desta mãe moderna, meio adolescente, que gosta de se divertir, como fica claro na frase “jipinho cheio de adesivos”, saídas para baladas noturnas e conhecer praias distantes e selvagens.

Quanto ao dispositivo, ao modo como a história é construída, nota-se, em primeiro lugar, como dissemos, a presença de um narrador em *off*, que introduz, no universo ficcional, a questão a ser debatida. A presença da primeira pessoa personaliza a narração, conferindo ares de intimidade ao relato, que se assemelha à intimidade da escrita da primeira pessoa no blog. Outro aspecto que caracteriza o arranjo é a forma de se conduzir o episódio, com quatro histórias diferentes, acerca do mesmo tema, que se unem ao final de cada capítulo. Os episódios são fechados em si, com princípio, meio e fim, mas apresentam uma progressão ao longo da série, com desdobramentos nos capítulos seguintes de aspectos da trama, como relacionamentos amorosos que começam e terminam depois de alguns capítulos, ou detalhes da criação das crianças. Como recurso estilístico, o humor e a ironia são sempre utilizados.

Conforme discutido, a presença do especialista, no breve segmento que antecede à narrativa ficcional, delimita um território informacional. Embora a série se configure como uma comédia, com personagens e uma trama, utiliza-se o respaldo de um profissional, que antecipa o conflito a ser tratado e funciona como fio condutor do capítulo. Nessa parte, o discurso do especialista não se apresenta como tal, pois não é a profissão que é referida como crédito e sim o fato de serem pais e mães. O conteúdo é, ao mesmo tempo, informacional e testemunhal, como se pode ver no trecho a seguir, transcrito da fala de Yudith Rosembaum, psicanalista.

O que eu acho mais difícil nessa questão do consumo, da relação da criança com o seu objeto, o seu brinquedo e a relação que a mãe tem com essa situação é que a gente não dá tempo da criança desejar realmente. A gente antecipa para ela o objeto do desejo. [...] A gente não agüenta ver a criança em falta, a gente não agüenta ver a criança frustrada.⁴²

Este é o depoimento de abertura do episódio “Matemática Motherna”, que narra as dificuldades financeiras, gastos e economias que precisam ser feitos por quem tem filhos. Em sua fala a especialista trata, sob o aspecto psicológico, da

⁴² Depoimento transcrito do episódio “Matemática Motherna”, videodisco 2 da primeira temporada da série “Mothern”.

questão da falta, do desejo e da tentativa de suprir o amor faltante com objetos. Destaca-se, aqui, uma semelhança com o blog, propondo um espaço para se pensar a maternidade, um espaço para a busca de informações. Após a fala, foram reunidas várias situações que mostram como é caro ter crianças em casa, aspecto tratado sob o viés do entretenimento, com situações engraçadas, como a compra de um urso de pelúcia de 384 reais.

No blog, matemática *motherna* foi assunto de um post que comparava o custo de uma festa de aniversário para 70 pessoas com outros itens de consumo.

1 festa de aniversário infantil para 70 pessoas, tema “Alice no País das Maravilhas” em salão de festas próprio, com buffet e animação =
 10 calças jeans da Forum ou
 7,2 vestidos da Zara ou
 21 pares de sapato da Arezzo ou
 1 semana em Porto de Galinhas (pacote promocional) ou
 [...]

 6 pernoites na suíte presidencial do melhor motel da cidade ou
 65 CDS nacionais (ou 19 importados) ou
 [...]

 72 depilações completas (meia perna, virilha, axila, buço grátis) ou 1 passagem só de ida para Paris.
 Definitivamente, ter filhos não é uma decisão racional.
 (GUIMARÃES; SAMPAIO).⁴³

Outra fala de Yudith Rosenbaum, escolhida para esta análise, refere-se à abertura do primeiro episódio.

O primeiro filho tem que ser aquele lance único, absoluto, maravilhoso, sublime e você tem que despertar naquele amor incondicional de mãe no primeiro segundo que a criança vem ao mundo, que eu me preparei inteira para ser aquela mãe dadivosa, que se entrega na relação da criança, com o bebê e o mais comum é justamente o contrário, não sei quem é essa criança, não entendo o que ela ta querendo, não sei se eu dou o que ela pediu [...] é preciso “des-idealizar” esse mundo que o construído que a sociedade inteira me ajudou a construir e ir entrando de fato numa relação. [...] Eu acho que é isso é uma primeira coisa. Desmontar aquele mundo maravilhoso de ser mãe e entrar na real que é o seguinte: “Não sei”. E assumir esse negócio: “Não sei. E vou aprender”.⁴⁴

Assim como no blog, o discurso do especialista vem na primeira pessoa, reforçando o caráter testemunhal da fala. Este texto destaca o que é o ser *mothern*,

⁴³ Data do post: 24/05/2002.

⁴⁴ Depoimento transcrito do episódio “O Nascimento da Mothern”, videodisco 1 da primeira temporada da série “Mothern”.

a desconstrução da imagem idealizada da maternidade e a importância de se construir um relacionamento aos poucos, como neste post sobre o resguardo:

As muitas festeiras que me desculpem, mas neste caso eu sou defensora ferrenha da sabedoria popular: deixem quietas as recém-paridas! [...] O trabalho de parto da minha primeira filha durou exatas 22 horas. Pois não é que às dez horas da manhã deste mesmo dia chega a primeira visita para o bebê? [...] Dizem que a maternidade deixa as mulheres mais serenas e compreensivas. Garanto que ela não teve exatamente esta impressão ao meu respeito. (GUIMARÃES; SAMPAIO).⁴⁵

Neste desabafo, ao contrário daquela imagem construída e diáfana da mãe, entretida com o seu primeiro filho, o que se nota é a sinceridade desconcertante, com traços de ironia, descrevendo a importância do resguardo para quem acaba de ingressar no universo da maternidade. Outra referência à quebra do padrão construído pela idealização da maternidade é expressa no post a seguir:

Assim como a inveja, o **mau humor** é uma merda. Existem, sim, aqueles mal-humorados famosos, adoráveis e com estilo, mas, no geral, este estado d'alma só serve para atrapalhar a vida da gente. Venho aqui alertar para o mau humor que vem de baixo para cima, isto é, do filho para os pais. É mais ou menos assim: está tudo bem, estilo margarina. A criança, com tps (tensão pré-soninho), tpa (tensão pré-almoço) ou chatice mesmo, começa criar a caso por causa de uma bobagem. Você e o seu marido, tranqüilos, tentam resolver o problema e voltar a fazer o que estavam fazendo. Não dá. O chique da criança vai num crescendo que torna impossível qualquer tipo de outra coisa e ela consegue finalmente atrair toda a atenção do casal que a essa altura já começou a brigar. Vocês não percebem que o pior aconteceu. O mau humor infantil, doença contagiosa, se alastrou. (GUIMARÃES; SAMPAIO).⁴⁶

Neste post, as blogueiras tratam do mau humor infantil, desconstruindo a imagem da mãe coruja que só tem elogios para a sua criança. Ser *mothern*, portanto, é poder desabafar, poder dizer aquilo que pensa sem considerar se o discurso é ou não politicamente correto.

⁴⁵ Data do post: 04/02/2003.

⁴⁶ Data do post: 11/08/2002.

3.4 Modos de engajamento

Nesta seção foram analisadas as semelhanças e diferenças entre o engajamento dos leitores no blog e dos espectadores na série televisiva. Foram analisados, assim, os tensionamentos surgidos na passagem de um meio que privilegia a interação para um meio em que predomina o modo transmissivo de engajamento.

A começar pela televisão, o fluxo contínuo de imagem e som, alternado por intervalos comerciais e uma miscelânea de diferentes linguagens, costuma levar o telespectador a uma recepção mais fragmentada. Por outro lado, por se estruturar a partir de um modelo transmissivo de comunicação, pressupõe-se um trabalho de produção que se constrói a partir de conteúdos previamente selecionado por especialistas que, somente depois de formatados, são oferecidos ao grande público, sem a expressiva participação deste no processo de elaboração dos programas.

A este modelo de engajamento televisivo, Hutcheon (2006) nomeia como *showing*, centrado na imersão audiovisual do espectador. Nesta matriz, prevalecem as representações visuais e gestuais dos elementos de cena. Na televisão, o espectador é convidado a observar, à distância, uma “[...] realidade feita de imagens táteis, capazes de repetir com verossimilhança as rotinas do cotidiano tradicional e, assim, produzir uma forte sensação de realidade.” (SODRÉ, 2007).

A aproximação e o distanciamento que se tem com personagens e roteiros passa a ser realizada não mais com pausas de leitura, como acontece a um leitor, mas sim a partir da rápida aproximação e distanciamento das câmeras e dos modernos recursos de edição.

Neste subcapítulo, será analisada como se dá a estruturação de uma série televisiva, que funciona a partir da predominância do modo de engajamento *showing*, a partir de uma matriz, baseada no modo *interacting*, ou seja, interativo, em que a participação do espectador contribui, de maneira significativa, para o desenvolvimento do blog.

Hutcheon (2006) afirma que cada modo possui, assim como cada mídia, sua própria especificidade e sua essência. É preciso, portanto, entender como se dá, nessa adaptação, o diálogo entre os dois modos de engajamento, *showing* e

interacting, destacando como se dá a remediação de uma mídia por outra e em que medida isso influencia no processo de produção e recepção de ambos.

É importante ressaltar que o ponto de partida da adaptação é o blog, que funciona sob uma lógica colaborativa, em que a interação entre os pares é um ponto central de sua constituição, embora as bases da interação sejam, inicialmente, estabelecidas pelas autoras. Neste tipo de matriz, como discutido no capítulo 2, o internauta pode experimentar uma imersão maior, atuando não à margem do processo de elaboração do discurso, mas, sim, participando ativamente, muitas vezes em tempo real. A partir de uma nova postagem, uma nova discussão se inicia e não são raras as vezes em que os comentários são assuntos de novos posts.

O primeiro ponto de destaque refere-se ao processo de produção do programa televisivo. Os aspectos de colaboração, tão presentes no blog sob forma dos comentários de quem o acompanha, conforme analisado no capítulo 2, também marcam, de certa forma, o processo de criação da série.

Grupos de discussão foram organizados pela equipe de produção, com a presença de mães, cujo perfil se aproxima bastante do perfil das leitoras do blog. Neste espaço, temas são lançados e o roteirista observa a evolução das discussões. Quando há um tema que se destaca, ele é trazido para novas reuniões, como afirma o roteirista Rodrigo Castilho, no *making of* da série: “Quando a gente joga esse tema em uma outra reunião e detecta que duas, três, quatro mães se relacionam com aquilo, que o olho delas brilha, a gente fala ‘aí tem um tema’”.⁴⁷

São várias as reuniões, que contam com a presença das mães, até que se tenha delineado o escopo de um episódio. A partir daí, o cuidado do redator se concentra na universalização do tema, retratando como o ser humano, e não somente as mães, se relacionam com as questões apontadas.

A colaboração também passa pela contribuição das próprias atrizes no processo de criação, durante as reuniões de passagem do texto, onde opiniões e experiências são acrescentadas aos roteiros originais, como relata Fernanda D’Umbra, que vive o papel da *chef* Mariana.

O processo todo é muito diferente do que eu tinha ouvido falar. Além das reuniões com mães, a gente tinha nossas leituras de mesa que não era

⁴⁷ Relato do roteirista Rodrigo Castilho, transcrito do *making of* da série “Mother”, videodisco 2, primeira temporada.

simplesmente de diálogo e tal. A gente questionava o caminho de cada cena, o que cada um queria entregar como intenção.⁴⁸

Segundo Camila Rafantti, atriz que interpreta a personagem Raquel, estas reuniões lembravam fóruns de discussão, em que, a partir de uma abordagem coletiva, os caminhos de cada episódio eram modelados. Luca Paiva, diretor, complementa essa ideia afirmando que o processo de produção não se constitui numa mera passagem de cenas e sim, um processo que tem “a digital de todo mundo”.⁴⁹

Existe aí uma circulação de sentidos, que parte dos grupos de discussão com as mães, passa pela elaboração e exibição dos programas que, após assistidos, geram outros sentidos, que passam a ser compartilhados pelo público e que retornam à etapa de produção a partir de novos grupos de discussão, inclusive em outras mídias. Este processo, que não se esgota na produção-recepção através de um canal estático, confirma a premissa de Braga (2006) ao afirmar que a midiatização traz consigo perspectivas mais flexíveis de comunicação e, ao mesmo tempo, mais complexas em que “[...] emissores e receptores [...] parecem responder, separadamente ou em conjunto, por todos os processos midiáticos existentes na sociedade.” (BRAGA, 2006, p. 21). O sistema de interação social, portanto, é um processo de circulação diferida e difusa, em que os sentidos produzidos chegam à sociedade e nela passam a circular entre pessoas, grupos e instituições, moldando e sendo moldados culturalmente.

Outra importante característica deste diálogo entre os modos de engajamento refere-se à evolução das narrativas. Como já foi abordado, a formatação do seriado *Mothern* obedece a uma estrutura em que cada episódio se encerra em si mesmo, embora, ao longo da série, seja vivenciada a progressão das histórias e dos conflitos, incluindo casamentos e separações, o crescimento das crianças e as definições profissionais de cada personagem. Isso permite ao espectador um engajamento que se dá pela expectativa de acompanhar a evolução dos conflitos, caracterizando uma serialidade típica das novelas e minisséries. Pode-se dizer que, de certa forma, no blog também existe esta estrutura a partir da forma como o texto

⁴⁸ Relato da atriz Fernanda D’Umbra, transcrito do *making of* da série “Mothern”, videodisco 2, primeira temporada.

⁴⁹ Relato do diretor Luca Paiva, transcrito do *making of* da série “Mothern”, videodisco 2, primeira temporada.

é construído. Embora não se trate de um texto ficcional, existe uma narrativa quase diária permeando o primeiro ano de existência do blog, onde, embora cada post trate de um assunto diferente, o fio condutor da narrativa passa pelo cotidiano das crianças, pela vida das blogueiras e é pautada por assuntos que acontecem no dia-a-dia, como festas, encontros e acontecimentos de diversas naturezas, como exemplificado no texto a seguir sobre a escolha da escolinha.

No capítulo 1 desta emocionante história, nossos heróis, Mami e Papi, após 7 exaustivos meses de peregrinação pelas mais variadas instituições de ensino da cidade, na busca incansável pelo Bem de sua pequena princesa Alice, encontram-se perdidos e desorientados diante da grande questão final: “e agora?!!!”.

Tentando organizar o enorme volume de informação já colhido, Papi sugere à sua companheira uma primeira recapitulação de tudo que viram, ouviram e orçaram; sugestão que ela prontamente se dispõe a realizar – não sem alguma dificuldade, uma vez que a tarefa é constantemente interrompida pela princesinha, ora faminta, ora entediada, ora só querendo pentelhar mesmo. (GUIMARÃES; SAMPAIO).⁵⁰

Na televisão, a evolução das narrativas se dá através da progressão das histórias das personagens. Como exemplo, no primeiro episódio da série, o foco é o nascimento de uma *mothern*, centrado no primeiro parto de Beatriz (Juliana Araripe). Na evolução da série, embora se trabalhe um tema por episódio, como o medo, o sexo após a gravidez, ter ou não o segundo filho, acompanha-se o crescimento do Felipe, os dilemas sobre o fato de ele não sorrir, a difícil volta da personagem ao trabalho após o fim da licença à maternidade, o dilema da primeira viagem de negócios sem o filho, a crise no casamento de Beatriz, que culmina com a separação do marido na segunda temporada.

Outro ponto coincidente nas mídias comparadas é o uso do humor. O *Mothern* se diferencia de outros blogs sobre a maternidade ao abusar deste recurso estilístico na elaboração dos textos, como se pode observar neste texto intitulado “A criança como agente de socialização dos pais”.

Tudo começa assim: você chega com o seu carão habitual (reforçado pelos óculos escuros), fazendo aquela linha “do not disturb”, porém, acompanhada pelo seu rebento, que ainda não tem idade suficiente para decodificar nas outras pessoas esse mesmo ar blasé. Você escolhe o lugar mais afastado possível e arma ali o seu pequeno QG. Abre um livro, mas mantém um olho alerta acompanhando os passos da criança, que imediatamente se põe a desbravar o ambiente próximo: a areia, os siris, as

⁵⁰ Data do post: 30/04/2002.

conchas, os palitos de picolés sujos e as garrafas de água mineral vazias. Mas, passado o quarto de hora inicial (que é o tempo médio que um ser humano leva para enjoar das belezas naturais), a criança volta a sua atenção para o que realmente move a nossa espécie: os outros humanos. (GUIMARÃES; SAMPAIO).⁵¹

Na série televisiva, além da referência do humor presente no blog, a série acaba por remediar estruturas presentes em outros seriados, como *Friends*, *Sex and the City*, *Two and a half man*, *The Big Bang Theory*, entre outros. A comédia favorece uma forma de engajamento através do entretenimento. Entretanto, é preciso destacar que, no blog, o entretenimento, seja pela narratividade alcançada ou pelo humor, é o recurso utilizado para a estruturação do texto informativo, na proposta, colocada em primeira linha, de discussão sobre a maternidade “moderna”. Já na série televisiva, o entretenimento, assumidamente ficcional, é o âmbito que funda a base contratual com o espectador, e a partir dele, são veiculadas as informações sobre maternidade, compondo cada capítulo. Embora, como analisamos, todo episódio seja aberto por uma discussão marcada por fala de especialista – mas que é apresentada, em legenda, como mãe –, a série se desdobra, convém reiterar, em diálogo não só com o blog, mas com a produção televisiva ficcional contemporânea e suas situações de comédia. Mas, de um modo geral, o mais importante parece ser que as análises tanto da série televisiva como do blog apontam para a hibridação entre informação e entretenimento como estratégias comunicacionais de engajamento com o internauta ou espectador, tendência dos produtos midiáticos na contemporaneidade em diversos âmbitos.

⁵¹ Data do post: 16/04/2002.

CONCLUSÃO

As conclusões iniciais deste trabalho identificaram os fatores que levaram ao rápido desdobramento do blog *Mothern* em uma série de produtos culturais, entre eles livros, coluna de revista, programa de televisão e um já anunciado filme, sem contar os espaços alternativos de comunicação interpessoal que foram criados, como fóruns e listas de discussão. Considerando a abrangência deste universo, o recorte proposto contemplou a adaptação do blog para a série televisiva buscando compreender as marcas dialogais entre os diferentes produtos midiáticos.

A investigação do contexto midiático, em que as redes de comunicação e tecnologia são responsáveis por acelerar o processo de circulação da informação, resultou na emergência de um ambiente mais fluido, propício para um fluxo comunicacional mais intenso, em que as releituras e adaptações tiveram o seu caráter processual evidenciado. A liberdade de criar e veicular informações na internet sem que, necessariamente, se domine a criação de websites em HTML é, portanto, um fator que contribuiu para o rápido espriamento do fenômeno, inicialmente, pela rede e, posteriormente, para as demais mídias.

Ao longo da pesquisa, no entanto, foram acompanhados outros blogs surgidos no mesmo período, muitas vezes com a mesma temática e grande número de acessos, que não obtiveram a mesma repercussão. Nota-se, portanto, que existe uma estrutura diferenciada de produção e veiculação das informações neste blog, capaz de transformá-lo em um produto cultural diferenciado. Conclui-se que, grande parte desse sucesso se deve pela experiência publicitária de ambas as blogueiras. Esta se fez presente em cada etapa do trabalho, da percepção correta de uma necessidade de comunicação – a carência de programas, voltados para mães, de trinta e poucos anos, que desvelasse, com uma grande dose de realismo, os grandes dilemas da maternidade, desconstruindo uma imagem extremamente idealizada do mundo materno que, até então, circulava predominantemente na mídia tradicional – a escolha correta do canal, o blog, uma mídia contemporânea e igualmente “moderna”, a escolha de um conceito criativo, traduzido pela palavra *MOTHERN*, contração das palavras *mother* e *modern* e a presença de um slogan “as incríveis aventuras de duas garotas que já pariram”. Com um *layout* profissional e textos igualmente bem estruturados, formatou-se um produto cultural diferenciado,

cuja divulgação se deu inicialmente a partir da visita a outros sites com a postagem de comentários.

O blog demonstra uma das potencialidades da rede, que é a divulgação rápida e imediata de ideias e conceitos, sem a obrigatoriedade de uma formatação por especialistas. Como ferramenta, sua função transcende o mero conceito de diário eletrônico ou ferramenta de atualização constante. Revela-se, neste trabalho, o seu caráter opinativo, mais pessoal, que remete às crônicas e os textos jornalísticos opinativos.

Um dos fatores que deram bastante visibilidade tanto ao blog quanto às suas autoras trata-se de uma das características da midiatização que foi trabalhada como a deslegitimação dos padrões esotéricos. Desta forma, ao nivelar os diversos ramos do conhecimento, este ambiente é propício para que as autoras do blog fossem convidadas a versar sobre os mais diversos assuntos, como cuidado com os filhos, relacionamento, dicas de saúde e bem-estar nas mais diversas mídias, mesmo sem serem especialistas nestes assuntos.

Tamanho visibilidade implicou na adaptação do blog para outras mídias, sendo que a passagem para a televisão, como dissemos, constituiu o interesse central deste estudo. A partir da análise da interface, das narrativas e dos modos de engajamento, foi possível perceber que esta adaptação não se trata de mera transposição de conteúdo de uma mídia para outra. Existe realmente uma unidade conceitual que se propaga, como uma espécie de “gene mimético”. Mas, no processo de adaptação, características da própria mídia se fazem presentes em outras e, ao mesmo tempo, novas colaborações advindas das especificidades da mídia remediada são agregadas ao trabalho.

Na passagem do blog *Mothers* para a série televisiva, nota-se que não somente o tema “maternidade-modernidade” foi adaptado. O padrão estético, construído a partir de uma *mise-en-scène* de elementos gráficos, foi recriado no ambiente televisivo, sob forma da caracterização dos personagens, fontes, uma certa ambiência publicitária. O ponto mais visível desta equivalência é, sem dúvida, essa mistura de elementos gráficos e textuais que fica evidente tanto na vinheta de abertura quanto na apresentação do blog. As blogueiras se apresentam como personagens, com pose, roupas estilosas e adereços como se estivessem prontas para serem filmadas e que, assim, inspiram e facilitam o processo de reconstrução desta ambiência na TV. É importante lembrar que também o blog parece incorporar

características de outras mídias, como o texto similar às construções de almanaques e revistas, além de a paródia com as Panteras implicar em uma remediação televisiva.

Entre as principais semelhanças, além da adaptação do tema e da *mise-en-scène*, nota-se o uso do humor e da ironia como uma forma de construção textual, presente em suas narrativas. Aqui, mais uma vez, as formas de construção se aproximam com histórias que apresentam uma certa continuidade, seja ao longo dos posts ou dos episódios da série, mas que se fecham em cada capítulo ou postagem. A presença do narrador em primeira pessoa personaliza a narração da série, conferindo ares de intimidade ao relato, que se assemelha à intimidade da escrita da primeira pessoa no blog.

Quanto ao dispositivo, no entanto, existem sensíveis diferenças. Em ambos nota-se a hibridação entre informação e entretenimento, marca dos produtos contemporâneos. Mas na televisão, o universo *mothern* precisa ser recriado a partir do seu universo cênico, com sua linguagem própria, lembrando que este meio de comunicação se estrutura através de formatos. Portanto, se no blog o viés informativo é predominante, expresso através do desejo das blogueiras em escrever um manual, que contasse toda a “verdade” sobre a maternidade, estruturando-o assim a partir de tópicos, na televisão, o engajamento se dá por um outro viés. O *Mothern* é, antes de tudo uma comédia, em que os espectadores se engajam em busca de entretenimento. Por isso, a série precisa de personagens, histórias que se complementam, uma evolução nos acontecimentos que ligam diversos assuntos. Remedia em partes as telenovelas globais, com seus cenários cenográficos excessivamente organizados, o modo como as histórias são contadas, como em *Sex and the City*. O viés informativo se constrói a partir da presença do especialista na vinheta de abertura e dicas sobre maternidade que são apresentadas na fala das personagens.

Como consideração final, portanto, este trabalho confirma a teoria de Hutcheon (2006) ao afirmar que uma adaptação é sempre um palimpsesto de referências a outros trabalhos, mas que guarda consigo suas próprias particularidades.

REFERÊNCIAS

ANTÚNEZ, José Luis. O impacto da aparição do sistema de gerenciamento de conteúdo (CMS). In: ORDUÑA, Octavio I. Rojas *et al.* **Blogs: revolucionando os meios de comunicação**. São Paulo: Thomson Learning, 2007. cap. 2, p. 21-40.

AUMONT, Jacques. **O olho interminável: cinema e pintura**. Tradução: Eloísa Araújo Ribeiro. São Paulo: CosacNaify, 2004. 266 p.

BALOGH, Anna Maria. **Sobre o conceito de ficção na TV**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 25, Salvador, 2002. Trabalho apresentado no NP 14, Núcleo de Pesquisa Ficção Seriada. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2002/congresso2002_anais/2002_NP14BALOGH.pdf>. Acesso em: 22 out. 2008.

BARBOSA, Elisabete; GRANADO, António. **Weblogs: diário de bordo**. Porto: Porto Editora, 2004. 96 p.

BARTHES, Roland. **Elementos de semiologia**. Tradução: Izidoro Blikstein. 11. ed. São Paulo: Cultrix, 1997. 116 p.

BEIGUELMAN, Giselle. Entre hiatos e intervalos (a estética da transmissão no âmbito da cultura da mobilidade). In: ARAUJO, D. C. (Org.). **Imagem (ir)realidade: comunicação e cibermídia**. Porto Alegre: Sulina, 2006. p. 152-162. (Coleção Cibercultura).

BENDINGER, Bruce. **The copy workshop workbook: the art of writing advertising**. Chicago: NTC Business Books, 1993.

BLOOD, Rebecca. Weblogs: A History and Perspectives. **Rebecca's Pocket**, [Online], 07 sep. 2000. Disponível em: <http://www.rebeccablood.net/essays/weblog_history.html>. Acesso em: 15 nov. 2007.

BOLTER, J. D.; GRUSIN, R. **Remediation: understanding new media**. London: MIT Press, 2000. 307 p.

BRAGA, Adriana. **Feminilidade mediada por computador: aspectos da comunicação contemporânea**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 28, Rio de Janeiro, 2005. Trabalho apresentado no NP 13, Comunicação e Cultura das Minorias, V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da

Intercom. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R1802-1.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2008.

BRAGA, Adriana. **Personas materno-eletrônicas**: feminilidade e interação no blog Mothern. Porto Alegre: Sulina, 2008. 286 p.

BRAGA, José Luiz. **A sociedade enfrenta a sua mídia**: dispositivos sociais de crítica midiática. São Paulo: Paulus, 2006. 350 p.

BRAGA, José Luiz. Mediatização como processo interacional de referência. In: MÉDOLA, Ana S. L. D.; ARAUJO, Denize C.; BRUNO, Fernanda (Org.). **Livro da XV Compós**. Porto Alegre: Sulina, 2007. 293 p.

BRUNO, Fernanda. A enunciação de si na modernidade. In: FAUSTO NETO, Antônio; PINTO, Milton José (Org.). **O indivíduo e as mídias**: ensaios sobre comunicação, política, arte e sociedade no mundo contemporâneo. Rio de Janeiro: Diadorim, 1996. 385 p.

CALEIDOSCÓPIO virtual: já são mais de um milhão os adeptos dos blogs, os diários que servem de central de notícias, palco de debates e de expressão artística. **ISTOÉ Online**, [S.l.], 25 maio 2003. Disponível em: <http://www.terra.com.br/istoe/1755/ciencia/1755_caleidoscopio_virtual_01.htm>. Acesso em: 17 abr. 2007.

CALVINO, Italo. **Seis propostas para o próximo milênio**: lições americanas. 3. ed. Tradução: Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. 141 p.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 7. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003a. 698 p. (A era da informação. Economia, sociedade e cultura; n. 1).

CASTELLS, Manuel. A cultura da internet. In: CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Tradução: Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003b. cap. 2. p. 34-55. (Coleção Interface).

CHARTIER, Roger. Prefácio. In: PARK, Margareth B. **Histórias e leituras de almanaques no Brasil**. Campinas: Mercado de Letras, 1999, 216 p.

CHARTIER, Roger. Línguas e leituras no mundo digital. In: CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita**. Tradução: Fúlvia M. L. Moretto. São Paulo: UNESP, 2002. p. 11-32.

COMPAGNON, Antoine. **Os cinco paradoxos da modernidade**. Tradução: Cleonice P. B. Mourão, Consuelo F. Santiago e Eunice D. Galéry. Belo Horizonte: UFMG, 1996. 139 p.

CONTRERA, Malena S. Ontem, hoje e amanhã: sobre os rituais midiáticos. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, v. 1, n. 28, p. 115-123, dez. 2005.

CORRÊA, Laura Guimarães; OLIVEIRA, Juliana Sampaio. **Mothern: manual da mãe moderna**. São Paulo: Matrix, 2005. 173 p.

CRÍTICO de TV explica a evolução das séries, hoje mais sofisticadas que o cinema de hollywood. **Séries ETC.**, [S.l.], 13 jan. 2008. Disponível em: <<http://tv.globo.com/ENT/Tv/Seriados/House/0,,AA1668904-7231,00.html>>. Acesso em: 11 nov. 2008.

CULTURA de almanaque? **Diário do Nordeste**, Caderno 3, [Online], 14 jul. 2008. Disponível em: <<http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=554634>>. Acesso em: 19 ago. 2008.

DUARTE, Elizabeth B. Preâmbulo. In: DUARTE, Elizabeth B.; CASTRO, Maria Lília D. (Org.). **Comunicação audiovisual: gêneros e formatos**. Porto Alegre: Sulina, 2007. p. 7-18.

ECO, Umberto. A inovação no seriado. In: ECO, Umberto. **Sobre espelhos e outros ensaios**. 3. ed. Tradução: Beatriz Borges. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. 345 p.

ENTREVISTA com as mães Laura Guimarães e Juliana Sampaio. **Finíssimo.com.br**, [S.l.], 12 maio 2007. Disponível em: <<http://www.finissimo.com.br/gente/2007-05-12>>. Acesso em: 11 nov. 2007.

FOSCHINI, Ana C.; TADDEI, Roberto R. **Coleção conquiste a rede**: blog. [On-line], ago. 2006. 49 p. Disponível em: <http://stream.agenciabrasil.gov.br/arquivos/conquiste_a_rede/conquiste_a_rede_blog.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2008.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: A vontade de saber**. Tradução: Maria Thereza C. Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 6. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985. v. 1. 152 p.

GUIA cultural da mãe sincera: em blogs e livros, mulheres da nova geração contam o lado B de uma das experiências mais radicais e fascinantes da vida: a maternidade. **Época Online**, n. 442, [S.l.], 06 nov. 2008. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDG75675-6014-442-2,00-SO+AS+MAES+SAO+SINCERAS.html>>. Acesso em: 19 ago. 2008.

GUIMARÃES, Laura; SAMPAIO, Juliana. **Blog Mothern**, [On-line]. Disponível em: <<http://mothern.blogspot.com>>.

HOINEFF, Nelson. **A nova televisão: desmassificação e o impasse das grandes redes**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996. 181 p.

HUTCHEON, Linda. **A theory of adaptation**. New York: Routledge, 2006. 232 p.

JAMESON, Fredric. **Modernidade singular: ensaio sobre a ontologia do presente**. Tradução: Roberto F. Valente. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. 284 p.

JOHNSON, Steven. **Cultura da interface: como o computador transforma nossa maneira de criar e comunicar**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. 189 p.

JUNG, Carl G. **Civilização em transição**. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1993. v. X/3, 244 p. (Coleção Obras completas de Carl Gustav Jung).

LEMOS, André. **Ciber-cultura-remix**. [On-line], 2005. Disponível em: <<http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrememos/remix.pdf>>. Acesso em: 03 mar. 2007.

LEMOS, André. **Anjos interativos e retribalização do mundo: sobre interatividade e interfaces digitais**. [On-line], 2006. Disponível em: <<http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/lemos/interativo.pdf>>. Acesso em: 03 mar. 2007.

MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério**. 3. ed. São Paulo: Senac, 2003. 244 p.

MANUAL de sobrevivência em casa. **Observatório Online**, [S.l.], 29 maio 2007. Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=435ASP004>>. Acesso em: 14 nov. 2008.

MATOS, Olgária. **Discretas esperanças**: reflexões filosóficas sobre o mundo contemporâneo. São Paulo: Nova Alexandria, 2006. 208 p.

MESSA, Márcia Rejane. **Mulher solteira procura**: um esboço de crítica diagnóstica de Sex and the City. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 7, Florianópolis, 2006. Trabalho apresentado no ST04B, Práticas e Representações: Gênero na literatura e na mídia. Disponível em: <http://www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos/M/Marcia_Rejane_Messa_04_B.pdf>. Acesso em: 14 set. 2008.

MOTHERN. Direção: Luca Paiva Mello. Intérpretes: Juliana Araripe, Melissa Vettore, Fernanda D'Umbra, Camila Raffanti, Alexandre Freitas, Otávio Martins, Rafinha Bastos e outros. [Rio de Janeiro: Som Livre], 2007. 2 videodiscos (241 min).

MUITOS ainda vêm blogs com ceticismo. **Folha Online**, São Paulo, 26 fev. 2003. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/informatica/ult124u12366.shtml>>. Acesso em: 17 abr. 2007.

ORIHUELA, José Luis. Blogs e blogosfera: o meio e a comunidade. In: ORDUÑA, Octavio I. Rojas *et al.* **Blogs**: revolucionando os meios de comunicação. São Paulo: Thomson Learning, 2007. cap. 1, p. 1-20.

PALACIOS, Marcos. Jornalismo Online, Informação e Memória: Apontamentos para debate. **Revista PJ:Br**, [On-line], ano 2, n. 4, jul-dez. 2004. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/pjbr/arquivos/artigos4_f.htm>. Acesso em: 07 ago. 2008.

PAZ, Carolina R. A cultura blog: questões introdutórias. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, v. 1, n. 22, dez. 2003.

PRIMO, Alex. **Interação mediada por computador**: comunicação, cibercultura, cognição. Porto Alegre: Sulina, 2007. 240 p. (Coleção Cibercultura).

QUEM manda na internet são as meninas. **Cláudia Online**, [S.I.], jun. 2008. Disponível em: <<http://claudia.abril.com.br/materias/2876/?pagina7&sh=31&cnl=31&sc=>>>. Acesso em: 15 jul. 2008.

RAYMOND, Eric S. **Cathedral and the bazaar**: musings on Linux and open source by an accidental revolutionary. Sebastopol: O'Reilly Media, 1999. 288 p.

RECHDAN, Maria Letícia A. **Dialogismo ou polifonia?** [On-line], 2003. Disponível em: <<http://www.unitau.br/scripts/prpppg/humanas/download/dialogismo-N1-2003.pdf>>. Acesso em: 09 ago. 2008.

RECUERO, Raquel C. Weblogs, webrings e comunidades virtuais. **Revista 404notFound**, [On-line], ano 3, v. 1, n. 31, ago. 2003. Disponível em: <http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/404notFound/404_31.htm>. Acesso em: 30 jun. 2008.

RESENDE, Fernando. A comunicação social e o espaço público contemporâneo. **Revista ALCEU**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 129-145, jan./jun. 2005. Disponível em: <http://publique.rdc.puc-rio.br/revistaalceu/media/alceu_n10_resende.pdf>. Acesso em: 23 ago. 2008.

ROCHA, Paula J. Blogs: sentimentos em rede compartilhados na pós-modernidade. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, v. 1, n. 22, p. 73-80, dez. 2003.

SANTAELLA, Lúcia. Prefácio. In: BAIRON, Sérgio; PETRY, Luís Carlos. **Hipermídia: psicanálise e história da cultura**. São Paulo: Mackenzie, 2000. Prefácio, p. 8-9.

SANTAELLA, Lúcia. Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós-humano. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, v. 1, n. 22, p. 23-32, dez. 2003.

SANTAELLA, Lúcia. **Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo**. São Paulo: Paulus, 2004. 191 p.

SANTOS, Luciene. **Os seriados brasileiros: tentativas de apontar o lugar do gênero na produção televisual**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 26, Belo Horizonte, 2003. Trabalho apresentado no NP 14, Núcleo de Pesquisa Ficção Seriada. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2003/www/pdf/2003_NP14_santos.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2008.

SAYÃO, Rosely. **Blog da Rosely Sayão**. [On-line], 17 nov. 2006. Disponível em: <http://blogdaroselysayao.blog.uol.com.br/arch2006-11-12_2006-11-18.html>. Acesso em: 23 mar. 2008.

SCHITTINE, Denise. **Blog: comunicação e escrita íntima na internet**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004. 235 p.

SERELLE, Márcio. Memória ficcional na cultura das mídias. **Líbero**, São Paulo, Ano X, n. 20, p. 81-90, dez. 2007.

SILVA, Daniela C. Territórios recombinantes: fronteiras em desvio. In: MARTINS, Camila D.; SILVA, Daniela C.; MOTTA, Renata (Org.). **Territórios recombinantes: arte e tecnologia, debates e laboratórios**. São Paulo: [S.n.], 2007. 110 p.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** Tradução: Milton C. Mota. São Paulo: Edições Loyola, 2002. 302 p.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2006. 268 p.

SODRÉ, Muniz. Massacre em blacksburg: o efeito-dominó das imagens. **Observatório Online**, [S.l.], 27 abr. 2007. Disponível em: <http://www.tvebrasil.com.br/observatorio/arquivo/principal_070424.asp#online>. Acesso em: 14 nov. 2008.

STARLING, Cássio. **Em tempo real: Lost, 24 Horas, Sex and the City e o impacto das novas séries de TV**. São Paulo: Alameda, 2006.

THOMPSON, Robert J. **Television's Second Golden Age: from Hill Street Blues to ER**. New York: Continuum, 1996. 221 p.

TODOROV, Tzvetan. **As estruturas narrativas**. Tradução: Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 1979. 206 p.

VIDA de mãe (de verdade). **Cláudia Online**, [S.l.]. Disponível em: <<http://claudia.abril.com.br/materias/2392>>. Acesso em: 09 jul. 2008.

VIRILIO, Paul. **O espaço crítico e as perspectivas do tempo real**. Tradução: Paulo R. Pires. Rio de Janeiro: 34, 1993. 119 p.

WILLIAMS, Raymond. **Television: technology and cultural form**. 2. ed. London: Routledge, 1990. 164 p.

XAVIER, Ismail. Do texto ao filme: a trama, a cena e a construção do olhar no cinema. In: PELLEGRINI, Tânia *et al.* **Literatura, cinema e televisão**. São Paulo: Senac, 2003. 147 p.